Abril

Editora ABRIL
edição 2899 - ano 57 - nº 26
28 de junho de 2024

veja

www.veja.com

PARAÍSO EM CHAMAS

Antes mesmo de a temporada de seca começar, incêndios devastam o Pantanal com intensidade inédita, ameaçando sua existência. O drama: há poucas medidas de prevenção e vigilância à vista

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

VENDAS
www.assineabril.com.br

WHATSAPP: (11) 3584-9200
TELEFONE: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
bril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

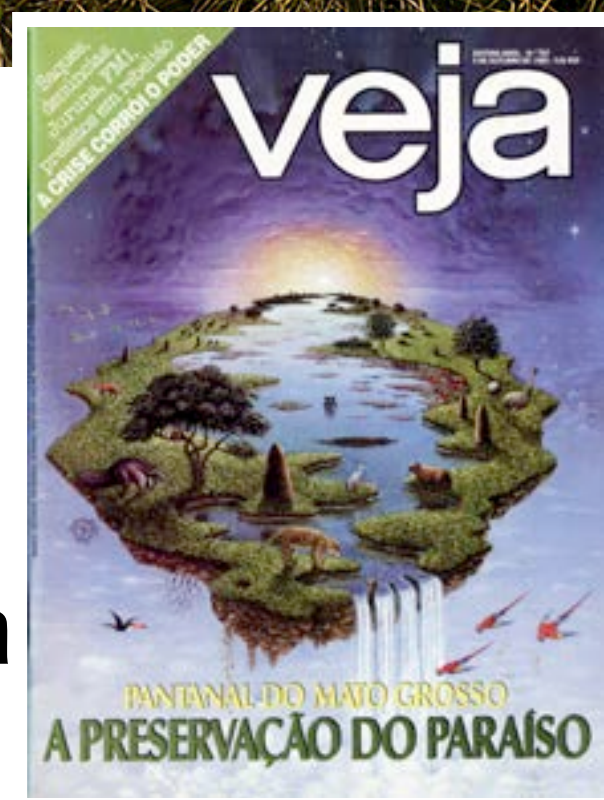
VEJA 2 899 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 26. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

DESCASO O Pantanal em chamas na semana passada e as capas de VEJA do chamado "paraíso": região do Brasil afetada por número recorde de incêndios

A SEMENTE DA INFORMAÇÃO

HÁ DÉCADAS, desde que o mundo começou a se preocupar com os destinos ambientais da Terra — em movimento iniciado nos anos 1960 —, a Amazônia brasileira tem sido alvo de apreensão. As queimadas e o desflorestamento irresponsáveis viraram termômetro ora de zelo, ora de desrespeito com a natureza, em moto contínuo. Não há símbo-

GOVERNO DO MATO GROSSO/AFP

lo global mais conhecido na lida com a sustentabilidade do que a floresta ao norte do país. Uma outra região do Brasil tida como paraíso na Terra, o Pantanal, no Centro-Oeste, contudo, apesar de sucessivos e terríveis estragos, parecia relegada a segundo plano, um tanto apartada do olhar de vigilância. Maior planície alagável do planeta, do tamanho de Portugal, Suíça, Bélgica e Holanda juntos, o bioma vinha sendo tratado como ilha de exceção — um canto da beleza ao ritmo de cheias e vazantes, biodiversidade riquíssima e atrações turísticas inigualáveis. Não, não seria tão agredida quanto a Amazônia.

Não é assim, convém lamentar. O Pantanal também virou régua de leviandade. O assoreamento dos rios, os garimpos ilegais, a caça desmedida e projetos equivocados de hidrovias mudaram a paisagem. Somem-se a esse cenário as sucessivas secas — que despontam cada vez mais cedo, antes mesmo do meio do ano — e a inépcia no controle das chamas. Eis a tempestade perfeita. Nos primeiros seis meses de 2024 houve um recorde de incêndios na série histórica, o que levou o governo de Mato Grosso do Sul a decretar situação de emergência no estado — contavam-se, até quarta-feira 26, mais de 3 260 focos de combustão. É mais do que no primeiro semestre de 2020, ano em que um terço do vasto terreno foi devastado pelo calor, com 2 446 pontos destruídos. Disse a ministra Marina Silva, do Meio Ambiente: “Não sabemos o tamanho dos desdobramentos do fenômeno que temos pela frente,

é a maior seca dos últimos setenta anos. O fenômeno é incomparavelmente maior do que a capacidade humana de conter esses processos”. É louvável reconhecer as dificuldades, mas fundamental movimentar os mecanismos do Estado e da iniciativa privada para estancar o desastre e sobretudo evitar dramas futuros.

Para explicar o que ocorre no Pantanal agora, de mãos dadas com a história, e o que pode ser feito por lá amanhã, VEJA destacou dois profissionais de amplo conhecimento da dinâmica daquele pedaço de chão, de sua engrenagem econômica e de seus habitantes. O repórter Ernesto Neves é o responsável pelo blog Agenda Verde, do site de VEJA. Entre 2021 e 2022, ele fez um curso de pós-graduação em gestão ambiental pela Universidade Thompson Rivers, do Canadá. A repórter Valéria França há mais de vinte anos busca especializar-se no tema. “Informar é sempre uma chance de plantar uma semente de mudança em direção a escolhas sustentáveis, o que começa com um consumo mais consciente, passa por hábitos simples, como a separação do lixo de casa, e pode chegar a escolhas políticas”, diz ela. O trabalho da dupla pode ser lido a partir da pág. 58 — é a um só tempo um painel completo, ao separar mitos de verdades, e um grito de alerta, como VEJA tem feito ao longo de sua trajetória de 55 anos de jornalismo. ■

DIVULGAÇÃO GSI/DJALMA MARTINS

A VAIDADE É UM RISCO

Ministro do GSI diz que não houve tentativa de golpe por parte das Forças Armadas, que a relação do governo com os militares está normalizada e que a segurança cibernética é o desafio

MARCELA MATTOS

O GENERAL DA RESERVA Marcos Antonio Amaro estava voltando de viagem no fim de abril do ano passado quando recebeu uma ligação de um assessor de Lula pedindo que ele comparecesse ao Palácio do Planalto. “Quando?”, perguntou. “Agora”, respondeu o funcionário. Numa breve conversa com o presidente, recebeu o convite para assumir o Gabinete de Segurança Institucional. A turbulência do momento explicava a pressa. O órgão estava sendo comandado por um ministro interino e seu antecessor, o general Gonçalves Dias, havia sido afastado após aparecer em imagens dentro do Planalto durante os ataques de 8 de janeiro. Naquele domingo, os militares do órgão responsável pela segurança da sede presidencial sofreram um apagão de inteligência, estavam em um contingente mínimo, que impedia qualquer reação à turba que quebrava os vidros e invadia o edifício, e alguns chegaram até a demonstrar certa simpatia pelos vândalos, entoando coros e orações ao lado deles. As cenas aumentaram o clima de desconfiança com os militares, e aliados do presidente o pressionavam para que um civil assumisse a função. Lula, porém, optou por escolher o general, ex-chefe da segurança da ex-presidente Dilma Rousseff. Um ano depois, Amaro, o único militar no primeiro escalão do governo, fala das mudanças implantadas para reforçar a segurança do Planalto, afirma que não houve tentativa de golpe por parte das Forças Armadas e garante que a relação do governo com os quartéis está normalizada. Em entrevista a VEJA, ele ressalta que o desafio do momento é a segurança cibernética.

O senhor assumiu o cargo num momento de turbulência. O que foi mais complexo entre as suas missões? Foi realmente superar aquele momento. Existia, e a gente percebia, ainda uma certa desconfiança em relação ao que tinha acontecido com o GSI no 8 de Janeiro. Mas buscamos focar as nossas atividades no gabinete, que não é só segurança. Estamos à frente de iniciativas que são até pouco conhecidas, como a Política Nacional de Fronteiras, a Política Nacional de Cibersegurança e em breve será implantado um Comitê Nacional de Segurança de Infraestruturas Críticas. Ou seja, são iniciativas que têm repercussão relevante para o país e que fogem daquele problema do 8 de Janeiro.

"Os prejuízos provocados pelos ataques cibernéticos são incalculáveis, absurdamente grandes. Se os criminosos fossem um país ou uma nação, seriam a terceira maior economia do planeta"

Quais mudanças foram implementadas para reforçar a segurança do Palácio do Planalto? Estão acontecendo neste momento obras de instalação de câmeras. Nós tínhamos 64 câmeras até o dia 8 de janeiro em todo o conjunto da Presidência. Agora serão instaladas 708. Já trocamos o sistema de monitoramento. Então, caso ocorra algum evento — e eu tenho certeza de que não vai acontecer nada semelhante ao 8 de Janeiro aqui —, as imagens ficariam registradas com uma nitidez melhor e por um tempo bem maior. Também está em andamento a blindagem dos vidros do piso térreo. Isso evitaria desde que se quebrem os vidros até tiros. Também vamos colocar fora do Palácio do Planalto um equipamento de raio x. Em 2011, uma pessoa ingressou aqui, sacou uma arma e apontou na cabeça dizendo que ia se suicidar se não conseguisse falar com a presidente da República. Eu fui lá, passei uns trinta minutos conversando e ela me entregou o armamento. A pessoa chegou a ingressar no Palácio portando uma arma. Isso não pode acontecer.

De onde vem a certeza de que não haverá outro 8 de Janeiro? Há um excesso de retórica aí. Mas eu não visualizo a possibilidade de que isso ocorra num horizonte temporal razoável. Especialmente pelas medidas que temos adotado e pelas repercussões do caso, da persecução criminal que está sendo conduzida contra os autores das depredações. Ou seja, ficou bastante caracterizado que esse tipo de atitu-

de não será tolerado e terá repercussões muito sérias, gerando um efeito pedagógico, sem dúvidas. E também porque estamos sendo bastante cuidadosos. Antes, um efetivo mínimo que vinha para cá em caso de manifestação em nível amarelo era de um pelotão, 35 homens. Hoje o número mínimo, em qualquer situação que exija alguma atenção, é de uma companhia, ou seja, 120 homens reforçando a segurança que já existe. E, se há manifestação com qualquer sinal a mais, em termos de volume de pessoas ou intenções gravíssimas, esse efetivo vai aumentando até dois batalhões — chega a 600, 700 pessoas.

No 8 de Janeiro, houve militares que cantaram, rezaram e confraternizaram com os manifestantes. Alguma punição foi aplicada? O GSI abriu uma sindicância para apurar os fatos. Esse procedimento não investiga nem estabelece o contraditório. Ele ouve pessoas e testemunhas para esclarecer os fatos. Terminada a sindicância investigativa, o resultado foi encaminhado ao Supremo Tribunal Federal para que a persecução criminal seja conduzida pelo próprio STF. Ademais, as pessoas que estiveram aqui naquele momento e foram ouvidas não mais se encontravam no GSI quando a sindicância tinha terminado. Foram exoneradas. Não tem pessoas investigadas, tem fatos investigados e pessoas ouvidas como testemunhas, e não caberia ao GSI aplicar punições às pessoas que já não se encontravam no GSI. Cabe agora ao STF decidir se aplicará sanções a quem cometeu crime.

A transferência da Abin do GSI para a Casa Civil representou algum prejuízo? Seria bom que a Abin estivesse no GSI. Mas o que importa mesmo é que o fluxo de conhecimento necessário às atividades continue existindo, e isso tem acontecido. Há o fluxo corrente, e também a nossa própria demanda, e a Abin nos atende. Acho que estando presente diariamente, digamos que eu tenha o chefe da Abin numa sala aqui do lado, eu poderia ter contato com ele, seria uma coisa mais facilitada para o nosso trabalho. Mas o fluxo de conhecimento necessário às atividades do GSI tem nos atendido.

Militares estão sendo investigados por uma suposta tentativa de golpe. O senhor, assim como alguns ministros do governo, acredita que houve uma intenção golpista das Forças Armadas? Se houve intenção de militares, foram coisas isoladas, pessoais, mas nunca da instituição. Com certeza, nunca. Eu participei do Alto Comando, presidi o Estado-Maior do Exército e, como instituição, o Exército nunca teve intenção. Nenhum militar saiu de dentro de qualquer unidade do Exército para bater palma pelo 8 de Janeiro. Nenhum. Agora, se alguém tinha simpatia, é uma questão pessoal que está sendo apurada.

Como o senhor avalia a atual relação entre o governo e os militares? Muito boa. O presidente tem comparecido a todos os eventos e demonstrado satisfação em estar pre-

sente. Nós vimos, por exemplo, o lançamento do submarino ao mar, e foi um ambiente festivo. Nós vimos a visita do presidente ao Instituto Tecnológico da Aeronáutica, também um ambiente com muita alegria. Teve a participação do presidente no ato do Dia do Exército, além de outros eventos. Acho que está totalmente normalizada. Há uma relação de respeito e subordinação ao presidente da República, que é o comandante supremo das Forças Armadas, e não poderia ser diferente. A segurança tem de ser impessoal. Seja o presidente de um partido ou de outro partido, o agente que vai servi-lo vai se postar na frente para tomar um tiro no lugar da autoridade, se necessário for.

“Acho um risco expor nas redes sociais tudo o que você faz, o que você pensa, suas imagens. Eu realmente não gosto de exposição, e procuro conter minha vaidade todos os dias”

Hoje, qual o grau de preocupação com a segurança do presidente? Também é de total normalidade. Nós sabemos que o país continua bastante dividido politicamente. A gente faz um permanente monitoramento de todos os eventos dos quais o presidente ou o vice participem. Nós buscamos o máximo de informações. E não tem surgido nenhuma ameaça além daquelas que a gente normalmente visualiza — algum tipo de manifestação, por exemplo. Agora, em segurança a gente erra para mais, nunca para menos. Então, qualquer possibilidade de um evento em Brasília, grandes manifestações, nós temos o efetivo reforçado.

O país enfrenta ataques cibernéticos em série, inclusive o sistema de pagamentos do governo foi invadido. Há uma fragilidade no sistema de segurança? Sempre há possibilidade de melhoria. Há um crescimento nas tentativas de invasão em todos os setores, não apenas na área governamental, e a gente vem alertando para isso. Houve em abril uma ação criminosa para a obtenção de acesso ao Siafi. E já no início do ano existia uma recomendação nossa nesse sentido *(divulgada no site do ministério e encaminhada por e-mail para uma rede credenciada específica)* que alertava para o risco de vazamento das credenciais, porque estava se verificando o aumento da tentativa de ingresso a programas de governo.

E nada foi feito? Existia uma recomendação, e o GSI reforçou em 19 de abril essa recomendação já existente e feita

anteriormente para o setor responsável. O nosso centro apenas faz recomendações, não há uma obrigatoriedade de atendimento delas. Nós não temos hoje um órgão que regule, fiscalize e controle essas ações relacionadas à segurança cibernética. Por isso defendo a criação de uma agência ou um centro nacional de segurança cibernética, que seria capaz de determinar medidas que tenham um caráter obrigatório.

É possível quantificar o prejuízo ou impacto desses ataques cibernéticos? Na área governamental nós não temos informações quanto a prejuízos. Mas informações de empresas especializadas dão conta de que os prejuízos provocados pelos ataques cibernéticos são incalculáveis, absurdamente grandes. Se os criminosos fossem um país ou uma nação, seria a terceira maior economia do planeta. E há também o dano indireto. Quando uma empresa sofre um ataque, a própria marca perde valor. Isso leva a que algumas empresas deixem de tornar o fato público. Um órgão regulador poderá determinar a obrigatoriedade da comunicação de uma ocorrência do tipo. Ou seja, a empresa não poderá ocultá-la.

No ano passado, a conta pessoal da primeira-dama Janja nas redes sociais foi invadida. Cabe ao GSI também proteger as autoridades desse tipo de ataque? Essa investigação está com a Polícia Federal. Uma agência poderá apli-

car multas pelo descumprimento de normas que tenham sido estabelecidas, por exemplo.

Essa preocupação com o ambiente virtual tem algo a ver com o fato de o senhor não ter redes sociais? Não tenho nem nunca tive. É uma opção. Acho um risco expor nas redes sociais tudo o que você faz, o que você pensa, suas imagens. Tem um filme que se chama *Advogado do Diabo,* que fala sobre vaidade. No final, aquele que fazia o papel do diabo afirma que “a vaidade é o meu pecado predileto”. Eu realmente não gosto de exposição, e procuro conter a minha vaidade todos os dias. ■

O VAZADOR FINALMENTE

"JULIAN ASSANGE está livre!" Na terça-feira 25, o WikiLeaks anunciou a liberdade de seu fundador, de 52 anos, o ativista, programador de computador e jornalista australiano que estava preso no Reino Unido havia cinco anos. Depois de intensa negociação, ele decidiu declarar-se culpado por parte do vazamento de 250 000 documentos com informações sigilosas militares e diplomáticas dos

WIKILEAKS/AFP

Estados Unidos em 2010 e 2011 (e também de outros países, inclusive do Brasil, no período do primeiro mandato de Dilma Rousseff). O acordo com o Departamento de Justiça americano permitiu que ele saísse em liberdade a caminho de sua terra natal. O delito reconhecido pressupõe pena máxima de dez anos de prisão, mas ficou acertado que, depois de comparecer perante um tribunal da remota Saipan, capital do território americano das Ilhas Marianas do Norte, no Pacífico, a condenação seja de cinco anos, já cumprida, portanto. Antes da inesperada solução, Assange era acusado por Washington de delito de espionagem, que poderia pô-lo atrás das grades por 175 anos. O desfecho indica o fim de um capítulo, mas não da história, porque a divulgação do que autoridades gostariam de ver escondido virou regra. O WikiLeaks atribui o desenlace a uma campanha mundial alimentada por defensores da liberdade de imprensa. “A primeira grande rebelião do século XXI tinha de ser digital”, resume a jornalista Natalia Viana, a única brasileira do QG de Assange, que acaba de lançar *O Vazamento* (Editora Fósforo). ■

Fábio Altman

INSTAGRAM @ESMEWWANG

UM TABU A autora, de família taiwanesa: "Não sinto que o estigma tenha se reduzido"

"GOSTO DE SABER QUE NÃO ESTOU SOZINHA"

Considerada uma das vozes mais promissoras da literatura americana, a escritora recebeu o diagnóstico de esquizofrenia e relata as dores e os desafios diante de uma doença tachada de loucura

No livro *Esquizofrenias Reunidas* (Editora Carambaia), você expõe um árduo itinerário ao lado de transtornos mentais. O diagnóstico médico foi um divisor de águas para lidar melhor com eles? Para mim, fez uma grande diferença. Como digo no livro, algumas pessoas não gostam de diagnósticos, porque acreditam que eles as colocam, de forma desagradável, dentro de caixas e rótulos. Mas eu gosto de saber que não estou sendo pioneira diante de uma experiência tão inexplicável. Quero saber se estou vivenciando algo que outros podem ter sentido há centenas ou até milhares de anos. Saber que a dor que estou suportando agora é a mesma dor de seres humanos de outras culturas, países e idades. Enfim, gosto de saber que não estou sozinha.

Como autora engajada no tema, acredita que hoje há menos preconceito contra as doenças psiquiátricas? Não sinto que o estigma tenha se reduzido em relação à esquizofrenia, e foi em parte por isso que decidi escrever a respeito. Há um limite para o que um livro pode fazer no combate ao preconceito diante de um transtorno tão discriminado, mas espero que esse tipo de trabalho continue não apenas para ajudar a diminuir o estigma em relação às doenças psiquiátricas, mas também para dar apoio a quem convive com elas.

Na obra, você conta que o amparo médico e a experiência espiritual foram importantes para domar sintomas como delírios. Então é possível conciliá-los? Esse é o ca-

minho que tenho trilhado em minha vida. Eu tomo medicamentos. Passo horas com um psiquiatra. Tenho um terapeuta. Mas também conto com um mentor espiritual, que me ensina sobre a magia das velas e outras práticas esotéricas. No mínimo, essas atividades mais místicas me auxiliam a ter uma sensação de controle. Como se algo que eu estivesse fazendo pudesse mudar quão difícil é tudo isso pelo que estou passando.

Afinal, ler e escrever têm um efeito terapêutico? Algumas leituras, não necessariamente as literárias, são reconfortantes para mim. Fazem eu me sentir feliz e, às vezes, chorar, o que é uma experiência catártica. Também leio literatura para me sentir menos sozinha, e esse é um dos objetivos do meu trabalho como escritora. Adoro quando, ao ler um livro, temos a impressão de que o autor está percorrendo uma longa estrada para dar as mãos ao leitor, mesmo com décadas ou séculos de distância. As palavras são uma espécie de tecnologia que comunica o que está acontecendo dentro de um cérebro para outro cérebro. É tudo muito mágico. ■

Diogo Sponchiato

“Todos somos ensinados a acreditar naquilo que vemos e ouvimos. No dia em que não pudermos acreditar no que vemos e ouvimos, a liberdade de expressão terá perdido o sentido.”

LUÍS ROBERTO BARROSO, presidente do Supremo Tribunal Federal, ao revelar preocupação com as falsidades criadas pela inteligência artificial

NELSON JR./SCO/STF

"Sem juízes independentes e sem imprensa livre não há democracia."

ROSA WEBER, ex-ministra do STF

"Um dos dias mais tristes como prefeito."

EDUARDO PAES, vascaíno de coração, ao assinar o decreto de desapropriação de um terreno no Rio de Janeiro para a construção do suposto futuro estádio do Flamengo

"Eu diria que a presença do Estado tem que ser na macrolegislação dos interesses sociais e econômicos. Mas a execução o setor privado sempre faz melhor e mais barato."

JORGE GERDAU, empresário

"Sem Itamar Franco não teria havido Fernando Henrique Cardoso no Ministério da Fazenda, nem a equipe que FHC atraiu, nem Plano Real. A ele se deve a criação das condições políticas do Real."

RUBENS RICUPERO, ex-ministro da Fazenda

"A montanha de lixo da internet pode ser uma alternativa aos veículos tradicionais de imprensa? Não acredito."

DAVID REMNICK, diretor de redação da revista *The New Yorker*

"Neste mundo radicalizado, binário, em que é 'isso ou aquilo', as pessoas não escutam nem enxergam o outro. É a banalização da mediocridade."

TOSTÃO, campeão do mundo no tri de 1970, no México, que escreve sobre futebol como quem fala da vida

"Errado é trair, é você ser um casal hétero e ter várias amantes. Errado é ser desonesto, ser mentiroso. Agora, a orientação sexual da pessoa? Esquece isso."

TADEU SCHMIDT, apresentador da Globo, ao defender a postura da filha, que se assumiu *queer*

"A cafonice, se for bem-feita, é muito poderosa e diverte muito."

PAULA MELCHOR, poeta espanhola, autora do best-seller *Amor y Pan*

"Simplesmente não gosto de ter que estar disponível para qualquer ser humano a qualquer momento."

WOODY HARRELSON, ator americano, explicando por que deixou de lado o smartphone

"É como ter um amigo próximo."

BRUNA LOMBARDI, atriz, a respeito de seu prazer por livros

“Quero viver uma paixão transbordante. Tenho fé na instituição fracassada do casamento.”

BRUNA MARQUEZINE,
atriz

INSTAGRAM @BRUNAMARQUEZINE

APRESENTADO POR IGREJA CRISTÃ MARANATA

IGREJA CRISTÃ MARANATA PROVA QUE A UNIÃO FAZ A FORÇA

ICM REÚNE VOLUNTÁRIOS PARA AJUDAR FAMÍLIAS ATINGIDAS PELAS ENCHENTES NO RS

Desde que o Rio Grande do Sul foi atingido com chuvas torrenciais e inundações devastadoras, a Igreja Cristã Maranata (ICM) reafirma a sua responsabilidade social com ações de assistência às famílias atingidas.

A tragédia impactou 446 municípios gaúchos, incluindo a vida de mais de 2 milhões de pessoas – sendo que quase 70 mil dependem dos abrigos e das doações. A ICM abriu as portas dos seus Maanains para serem pontos de alojamento para pessoas desabrigadas e também como depósito para estoque, coleta e separação de doações.

AJUDAR O PRÓXIMO

A ICM já arrecadou mais de 22 mil litros de água mineral, 2 mil litros de leite, 18 mil quilos em alimentos não perecíveis, 44 mil kits de higiene, 3 mil litros de produtos de limpeza e 5 toneladas de cestas básicas.

Os donativos já beneficiaram mais de 3.300 pessoas e 677 famílias. "Todo dia é um desafio diferente. Mas nossa ação já soma mais de 6 mil quilômetros percorridos, entre idas e vindas de doações", explica o pastor Ricardo Medeiros.

Os voluntários também prestam apoio na reconstrução dos lares. "Recebemos dez irmãos para fazer a limpeza na nossa casa", conta Gabriel Luz. Cristiane Conceição, moradora do bairro Rio Branco, em Canoas, faz questão de demonstrar a sua gratidão. "Se não fosse a ajuda dos irmãos, seria muito mais demorada a nossa reconstrução", diz.

Da mesma região, Cátia Queiroz, também afetada pelas enchentes, afirma que a ajuda, com móveis e eletrodomésticos, tem sido "uma grande alegria e uma bênção, diante de tanta tristeza e tanta perda". Aroli e Leci, no bairro Harmonia, em Canoas, perderam tudo. "Mas estamos glorificando a Deus pela ajuda, pelos móveis que virão, e tudo que estão fazendo por nós".

E a família de Diego e Camila, que foi resgatada de barco e recebeu acolhimento no Maanaim, agora tem esperança. "Já recebemos boa parte da mobília para casa, como geladeira e fogão, e agradecemos de coração".

O Pastor Batista, da ICM, conta que nas cidades de Canoas e Arroio do Meio, 21 famílias da ICM perderam tudo o que tinham, incluindo a do próprio pastor. "A minha casa ficou submersa, mas hoje estamos diante de um recomeço, com a ajuda do presbitério", diz.

PRESTAÇÃO DE CONTAS

BENS RECEBIDOS DO PRESBITÉRIO E MEMBROS

POR ENQUANTO FORAM DOADOS:

- 50 CAMAS DE CASAL E SOLTEIRO
- 56 FOGÕES E GELADEIRAS
- 33 MESAS E CADEIRAS
- 30 ARMÁRIOS DE COZINHA

FORAM ENVIADOS:

- 14 CARRETAS E CAMINHÕES

E A AJUDA CHEGOU A:

3318 PESSOAS ATENDIDAS COM ÁGUA, ALIMENTAÇÃO E HIGIENE

A BASE DA AÇÃO É NO MAANAIM DE PORTO ALEGRE – RUA PLÁCIDO DE CASTRO, 231.

A MÃE DO REI

CARINHO
Celeste e o filho famoso: pé no chão para o maior de todos os tempos

ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO

Não se brinca com o zelo de uma mãe pelo filho. A mineira **Celeste Arantes do Nascimento** sabia que Edson era bom de bola, o melhor entre os meninos de 10 anos — um pouquinho mais, um pouquinho menos — das ruas Sete de Setembro e Rubens Arruda, em Bauru, no interior de São Paulo. O.k., ele podia apenas pensar em chutar qualquer coisa que girasse, de couro, meia ou papel, mas desde que não faltasse na escola. O próprio Pelé recordou, em sua autobiografia, o momento em que o passatempo virou obsessão: "Dona Celeste percebeu isso depressa, claro, e, vigilante como sempre, procurou se certificar de que eu dedicava pelo menos algum tempo aos estudos. Provavelmente devido à experiência com o meu pai, o futebol para ela representava pura perda de tempo, algo que afastava o homem do convívio com a família e não ajudava a pôr comida na mesa". Para a sorte da humanidade, Celeste deixou o menino crescer no que gostava — e, para a sorte de Pelé, havia o porto seguro, a pessoa que nunca o deixou voar para longe demais da realidade, mesmo sendo quem foi. Em 3 de janeiro do ano passado, o féretro do rei passou em frente à casa de Celeste, no Canal 6, de Santos. Aos 100 anos, apesar de forte clinicamente, parecia não entender que a cidade homenageava o rebento famoso. Celeste morreu em 21 de junho, aos 101 anos.

TRAGÉDIA NO HAVAÍ

Era improvável, mas aconteceu. O experiente surfista havaiano **Tamayo Perry** foi atacado por um tubarão na Ilha de Oahu e não sobreviveu aos ferimentos. Apesar dos alertas da guarda-costeira, sugerindo que se evitasse a água, ele foi em frente. Perry — muito respeitado entre os atletas da WSL, a liga mundial do esporte, ficou conhecido também por participações em filmes como *Piratas do Caribe* e *As Panteras Detonando.* Desde 2016 trabalhava como socorrista para a Agência de Segurança Oceânica de Honolulu. Kelly Slater, onze vezes campeão mundial de surfe, lamentou em publicação numa rede social: "Obrigado pelo seu serviço como salva-vidas do North Shore, pelo desempenho no Pipeline por décadas e por ter ajudado muitas crianças em caminhadas pela costa leste do Havaí". Perry morreu em 23 de junho, aos 49 anos.

DPPI MEDIA/ALAMY/FOTOARENA

SURPRESA
O surfista e ator Tamayo Perry: atacado por um tubarão na Ilha de Oahu

A TECNOLOGIA COMO BRINQUEDO

Há objetos que ajudam a contar a história do cinema, como o trenó de *Cidadão Kane* e o chicote de *Indiana Jones* — ou então o piano de chão da loja de brinquedos FAO Schwarz de *Quero Ser Grande,* ali onde o personagem de Tom Hanks dançou como Fred Astaire em cena inesquecível. A charmosa invenção foi uma criação do engenheiro, escultor e designer italiano radicado nos Estados Unidos **Remo Saraceni.** "A tecnologia é que deve responder aos seres humanos, e não nós a ela", ele dizia. Nos últimos anos, Saraceni tinha aberto um processo contra a FAO, acerca dos direitos do teclado, vendido como pão quente. Ele morreu em 3 de junho, aos 89 anos, mas a informação só foi divulgada na semana passada. ■

DIVULGAÇÃO

DANÇA Saraceni e o piano da inesquecível cena de *Quero Ser Grande* com Tom Hanks: como Fred Astaire

FERNANDO SCHÜLER

OS SINAIS QUE VÊM DO PARANÁ

A CENA me soou um tanto surrealista. Aquela multidão invadindo a sede de um Parlamento. Pedras contra as vidraças, corpo a corpo com a segurança, invasão do plenário. Foi no Paraná. O projeto em votação era o "Parceiro da Escola", cujo foco é a contratação de empresas especializadas para a administração das escolas. O programa gerou algum debate Brasil afora. De uma "especialista", leio que a "privatização não é a solução", citando o modelo das escolas *charter*, nos Estados Unidos, para sugerir que aquilo não daria certo. Tudo errado. Não se trata de "privatização", mas de um contrato de gerenciamento operacional; é inteiramente diferente das escolas *charter*, cuja essência é a contratação de uma instituição escolar, com ampla autonomia; e o dar certo ou errado depende de uma infinidade de fatores, que vão muito além da mudança no modelo de gestão. O que impressiona é a precariedade do debate. No próprio Paraná, há um dos maiores exemplos de gestão de patrimônio público em parceria com o setor privado, que é o Parque das Cataratas do Iguaçu. E em Belo Horizonte, há mais de uma década funciona uma bem-sucedida

parceria na gestão operacional de uma ampla rede de escolas infantis. Tudo isso sabido. Mas não. Como em um transe coletivo, lá estavam aquelas pessoas, as de sempre, tentando impedir que um rito da democracia se realizasse. Não foram bem-sucedidas, mas sua atitude nos ajuda a entender por que há tanto tempo andamos parados no tempo, no país, no universo da educação pública.

Os dados sobre a nossa educação são conhecidos. No teste do Pisa, da OCDE, em matemática, com alunos de 15 anos, nossos estudantes de escolas privadas alcançam 456 pontos, nota parecida com a de Israel. Nossos alunos de escolas estaduais e municipais 370 ou 320, respectivamente. Nota similar à da Albânia ou do Marrocos. É isso que somos. Temos uma Belíndia em nossa educação, numa homenagem ao grande professor Bacha, mesmo que o nome hoje seria outro. Enquanto isso, fazemos de conta que nossa "educação está em crise". Truque. É a oferta estatal da educação que vive numa lona e silenciosa estagnação. Diante desse quadro, o que fazemos? Apedrejamos, não raro com alguma histeria, qualquer alternativa de mudança. Em princípio, nos sentimos confortáveis em um debate, em regra, inócuo sobre o "modelo" a ser adotado no ensino público. De um modo mais rasteiro, queremos saber se ele será "público", palavra que equivale a "estatal", em nosso léxico, ou privado. O debate é ineficaz por uma simples razão: há muitos modelos que podem funcionar, a depender do contexto e da forma de regulamentação. E é exatamente isso que a experiência internacional no tema demonstra. A Ho-

PARCERIA Escola em Minas: o público e o privado juntos

landa possui perto de 75% de seus alunos em escolas privadas, com direto de escolha e forte subsídio público. E é o segundo país da Europa no Pisa. Já a Polônia, com um resultado muito próximo, tem um sistema basicamente estatal. Haveria alguma causalidade, aí? A mesma confusão se faz em relação ao modelo americano das escolas *charter*. O modelo é similar ao de nossas organizações sociais. O governo firma contratos com organizações privadas especializadas para gerenciar as escolas. A Universidade de Stanford apresentou uma ampla pesquisa, em 31 estados americanos, sobre o desempenho do

PBH/DIVULGAÇÃO

“Um ponto decisivo: o governo vai contratar boas empresas?”

sistema. No geral, o ganho dessas escolas corresponde a seis dias de aprendizagem a mais em um período de 180 dias letivos. É pouca coisa. Mas com um detalhe: 36% das escolas têm uma performance melhor do que as escolas públicas tradicionais, ante 25% com desempenho pior e 39% indiferente.

A pergunta óbvia: o que faz com que algumas escolas ou distritos apresentem resultados melhores? Os dados mostram que as redes mais estruturadas, isto é, organizações que gerenciam dezenas ou centenas de escolas, como a Kipp ou a Sussex Academy, têm rendimento superior ao das escolas menores e isoladas. Isso indica que a escala importa e que um modelo fragmentado de contratos de gestão com pequenas instituições talvez não fosse a melhor ideia. Os dados também mostram que escolas urbanas têm desempenho melhor e que a competição pelos alunos é positiva para o sistema. Daria para ir longe aqui. Não é o caso. O foco é apenas mostrar que o debate sobre como melhorar a educação é mais complicado do que simples oposição entre esse ou aquele mo-

delo, seja estatal, seja privado. O fator que parece surgir como definidor de bons sistemas educacionais diz respeito a uma palavra sem uma tradução clara em português, que é *accountability.* Significa mais ou menos o seguinte: os gestores das escolas serão responsabilizados pelos resultados das escolas? Serão premiados, se tudo andar bem, ou punidos, eventualmente perdendo seu contrato, na hipótese contrária? No setor privado, não é exatamente assim que funciona? E os pais, terão direito a escolher a escola dos filhos e, se não estiverem satisfeitos, exercer o direito de ir adiante, como fazem as famílias de maior renda? A pergunta é bastante clara, aqui: podemos esperar bons resultados em um sistema com incentivos mal desenhados? Ou basicamente nenhum incentivo, como em regra é o nosso modelo?

Vem exatamente aí o mérito da experiência do Paraná. Um modelo de cogestão escolar. O Estado busca empresas especializadas, mantém a parte pedagógica sob seu controle direto, e delega ao parceiro privado a gestão operacional da escola. O principal ganho é permitir que o diretor da escola, que é do Estado, se dedique essencialmente à função educacional, ao invés de "apagar incêndios", preocupado com a manutenção do prédio e os infinitos problema de gestão do dia a dia. Quanto à empresa contratada, há metas, avaliação de resultados e remuneração variável. E um avaliador independente para verificar se os objetivos estão sendo atingidos. Importante: a comunidade escolar poderá dizer se deseja ou não aderir ao novo modelo, e a empresa poderá contratar

professores, via CLT, para completar o quadro, o que representa uma inovação importante. O modelo tem tudo para dar certo. E o melhor que a comunidade educacional do Paraná poderia fazer é ajudar e trabalhar para que isso aconteça. Os pontos decisivos são os de sempre: o governo vai contratar boas empresas? Haverá um bom entrosamento entre professores efetivos e celetistas nas escolas? Os contratos serão bem desenhados, com um bom sistema de monitoramento? Pode-se discutir cada um desses detalhes, mas o fato é que a proposta caminha na direção de devolver algum *accountability* ao sistema educacional.

O que me intriga, nisso tudo, é de onde surge nosso extremo conservadorismo quando tratamos do tema educacional. Na área de parques, hospitais, aeroportos, infraestrutura e tantas outras já andamos muito longe, com os modelos de PPPs, organizações sociais. Na educação, nos aferramos não só a um modelo de resultados reconhecidamente frágeis, mas ao monopólio desse mesmo modelo. Não acho que isso atenda aos interesses dos estudantes, em especial pertencentes às famílias de menor renda, que precisam do sistema público. Portanto, é preciso mudar. Por isso vejo com simpatia os sinais que vêm do Paraná. No fundo, se trata ainda de uma mudança muito tímida. Mas na direção correta. O que, em um país ainda tão atrasado como o Brasil, na educação pública, não é pouca coisa. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

VALDECY URQUIZA

O delegado da Polícia Federal foi escolhido para comandar a Interpol de 2025 a 2030. Será o primeiro brasileiro na história a ocupar esse cargo.

MADONNA

Segundo levantamento da empresa Pollstar, a atual turnê da cantora americana é a mais lucrativa de 2024 até o momento: arrecadou quase 1 bilhão de reais.

DIVERTIDA MENTE 2

O novo filme da Pixar quebrou recordes de bilheteria no Brasil e no exterior, com faturamento de mais de 724 milhões de dólares nos primeiros dias de exibição.

DESCE

ANTONIO DENARIUM
A Assembleia Legislativa de Roraima recebeu o sétimo pedido de impeachment contra o governador do estado. Ele é acusado de ter usado recursos públicos para se reeleger.

JOGO DO TIGRINHO
O cassino virtual que viralizou no país com a ajuda de *influencers* vicia famílias, atrai golpistas e é alvo agora da polícia.

FERNANDO DINIZ
Técnico muito badalado até o ano passado, ele fracassou no comando da seleção e acaba de ser demitido do Fluminense, que ocupa uma das piores colocações no Brasileirão.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia e Ramiro Brites

Caravana eleitoral

A 100 dias das eleições, **Lula** bateu um recorde pessoal neste governo. Ele já visitou, neste ano, mais cidades brasileiras do que todo o período de 2023. O petista esteve em 37 municípios de doze estados. Uma opção é clara nesse mandato: ele tem evitado alguns territórios notoriamente bolsonaristas.

Na terrinha

O roteiro de Lula, neste ano, passou por seis estados do Nordeste (AL, BA, CE,

OS IGNORADOS Lula: presidente ainda não pisou em cinco estados brasileiros

RICARDO STUCKERT/PR

MA, PI e PE), três no Sudeste (MG, RJ e SP) e um em cada uma das demais regiões (PA, MS e RS).

Ilustre ausente

Desde a posse, no entanto, Lula ainda não pisou no Acre, nem em Goiás, Rondônia e Santa Catarina. Também não foi ao Tocantins — o único desses estados ignorados em que ele venceu Jair Bolsonaro nas eleições de 2022.

Filho de peixe...

Se Jair Bolsonaro não puder disputar o Planalto em 2026 — ele ainda acredita —, o plano A do capitão para substituí-lo é... Flávio Bolsonaro.

Cheiro de queimado

Para aliados de Juscelino Filho, Lula entregou a cabeça do ministro por saber que a investigação da PF vai mesmo avançar no STF contra o auxiliar.

Lista de demissões

Lula foi aconselhado a fazer uma limpa na Conab, depois do desastrado leilão do arroz. “Ainda tem muita gente enrolada lá”, diz um auxiliar.

Um problemão

Segundo dados do Itamaraty, existem mais de 56 000 brasileiros morando na Bolívia. Um golpe no país provocaria uma onda migratória significativa.

“Barril de pólvora”

Com mais de 500 agentes atuando no Pantanal, Marina Silva avalia que a tragédia das queimadas é “um barril de pólvora” criado pela ação humana:

"Tem que parar de atear fogo", diz.

Teoria e prática

Uma operação contra garimpeiros na Amazônia descobriu com os criminosos um lote de oitenta cartilhas sobre como provocar queimadas na mata. O material foi entregue a Marina Silva.

Mais confusão

O STF vai discutir, na volta do recesso, se médicos podem ser punidos por realizarem aborto em casos de estupro. A ação está com Alexandre de Moraes.

Orçamento bilionário

A Câmara dos Deputados custou aos brasileiros, neste semestre que chega ao fim, pouco mais de 3 bilhões de reais — fora o orçamento secreto.

Deu certo

Em seis meses, mais de 2 milhões de brasileiros se cadastraram no Programa Celular Seguro. Nesse período, 57 790 pessoas já emitiram um alerta após roubo, furto ou perda do aparelho.

Caiu na rede

A investigação de corrupção no TJBA descobriu pesadas histórias na comarca de Porto Seguro. "É a ponta de um novo iceberg", diz uma fonte do CNJ.

Boa causa

O CNJ fechou recentemente um acordo com a Uber para realizar um programa de conscientização e combate à violência contra a mulher no país.

Tiros nos palácios

O governo lida em sigilo

RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL

QUE RISCO Alvorada: segurança de Lula tentou se matar no palácio com um tiro

com dois episódios extremamente delicados ocorridos na segurança dos palácios de Lula e Geraldo Alckmin em Brasília. Num intervalo de semanas — entre este mês e o mês passado —, dois militares do Exército usaram as próprias armas para tentar suicídio.

Causa mortis

Há alguns dias, um militar que atuava dentro do **Palácio da Alvorada** tentou tirar a própria vida após ter sido deixado pela mulher. Felizmente, o tiro no peito não foi fatal. No caso do outro militar da guarda interna do Palácio do Jaburu, ocorrido no mês passado, a tragédia acabou consumada.

Investigação em curso

O Exército abriu investigações sobre os dois casos e agora a segurança de Lula e Alckmin passará por mudanças. Militares mais experientes serão escalados para a guarda presidencial.

Labirintos da mente

O Exército tem toda uma estrutura para lidar com esses casos na instituição. "Há muitos casos no Exército. É uma epidemia mundial", diz um general.

Tardes molhadas

Além de fraudes bilionárias, a investigação da PF contra ex-diretores da Americanas descobriu um ardente relacionamento extraconjugal na cúpula da rede varejista. Coisa de filme.

Um pé no paraíso

O BC autorizou recentemente o Banco Original, dos irmãos Batista, a abrir uma agência nas... Bahamas.

Novidade no time

Fundador da Petz, Sergio Zimerman assume a presidência do LIDE Empreendedor em 1º de julho.

Ninguém está feliz

Uma nova pesquisa da CNI com 1 002 executivos mostra que 53% das indústrias reclamam dos altos custos de energia elétrica para produzir no país.

Brasil-sil-sil

Nos anos 90, o empresário Artur Falk deu um golpe milionário em apostadores do extinto Papa Tudo e fugiu para a Europa. Valendo-se da lentidão da Justiça, conseguiu escapar da prisão porque o crime prescreveu — e agora voltou às altas rodas do Leblon.

A conta chegou

Filho do comediante Sergio Mallandro, o empresário Sergio Cavalcanti perdeu

INSTAGRAM @PAULAFERNANDES

NA JUSTIÇA
Paula: disputa contra um ex-funcionário pode custar caro

uma ação de vínculo trabalhista contra a Prudential em que pedia 1,6 milhão de reais na Justiça. Terá de pagar 40 000 reais em honorários.

Muita informalidade

A cantora **Paula Fernandes** trava uma disputa na Justiça contra um ex-funcionário de sua produtora que pede quase 700 000 reais em direitos trabalhistas por ter atuado sem carteira assinada. A cantora questiona o valor num recurso no TST. ■

FESTA NO INTERIOR

O governo vai liberar 4 bilhões de reais para os parlamentares, dinheiro que vai chegar aos municípios às vésperas da eleição e que pode fazer a diferença em favor de alguns candidatos

DANIEL PEREIRA E **LARYSSA BORGES**

MONTAGEM COM FOTOS DE AGÊNCIA BRASIL; RICARDO STUCKERT/PR; AGÊNCIA SENADO; CÂMARA DOS DEPUTADOS; ISTOCK/GETTY IMAGES

Quando terminou seu segundo mandato presidencial, em 2010, Lula era recordista de popularidade, surfava a onda de um crescimento econômico de 7,5% e tinha o Congresso praticamente a seus pés. Eram outros tempos. Naquela época, o governo liberava emendas parlamentares se quisesse — e no valor que bem entendesse. Deputados e senadores viviam de pires na mão atrás de recursos para seus redutos eleitorais. O terreno era fértil para o fisiologismo, e o presidente contemplava com verbas aqueles que, em troca, votavam com o Palácio do Planalto. Hoje, o quadro é bem diferente. Nos últimos anos, as emendas individuais e de bancada se tornaram impositivas — ou seja, de pagamento obrigatório. A fatia do Orçamento à disposição dos congressistas também atingiu valores astronômicos — cerca de 50 bilhões de reais neste ano. Em seu terceiro mandato, Lula perdeu um poderoso instrumento de cooptação, enquanto os parlamentares conquistaram uma fonte bilionária para agradar aos eleitores, independentemente de fazerem favor ao mandatário de turno. A balança, que antes pendia para o Executivo, fez um movimento em direção ao Legislativo.

Essa mudança ajuda a entender por que Lula, depois de criticar na campanha de 2022 a submissão de Jair Bolsonaro ao notório Centrão, decidiu não comprar briga com os parlamentares no caso das emendas. Para ter chance de aprovar projetos prioritários e reduzir a possibilidade de derrotas, como no caso da MP do PIS/Cofins, o presidente tem liberado os recursos indicados por deputados e senadores em ritmo bem mais

acelerado do que gostaria. Uma nova leva estava prevista para sair até o dia 30 de junho, data-limite para o envio de verbas em ano eleitoral. Se o acordo entre governo e Congresso for cumprido, serão desembolsados 4 bilhões de reais de um total de 8 bilhões de reais das chamadas "emendas Pix", direcionadas por deputados e senadores a prefeituras, que podem gastar o dinheiro da forma como quiserem. Essa fornada é considerada estratégica no âmbito das eleições municipais. Com ela, os congressistas poderão mostrar serviço e dizer aos eleitores que levam dinheiro para suas cidades. E, assim, terão condições de impulsionar as candidaturas de aliados em outubro.

É um ótimo negócio para os envolvidos, mas não necessariamente para o país, já que a dinheirama nem sempre é aplicada em projetos prioritários ou nos municípios que mais precisam. Muitas vezes, conveniências eleitorais e relações políticas prevalecem na hora da distribuição dos recursos. Pré-candidato à presidência da Câmara e líder do União Brasil na Casa, o deputado Elmar Nascimento destinou 21,83 milhões de reais em "emendas Pix" nos anos de 2022 e 2023. A maior parte, 10,57 milhões de reais, foi para o município de Campo Formoso (BA), cujo prefeito é Elmo Nascimento, irmão do deputado e candidato à reeleição. Desde 2019, a cidade recebeu do conjunto de parlamentares mais de 62 milhões de reais por meio de emendas de diversos tipos, o que representa um valor per capita 214,71% acima da média nacional. Do total, 43 milhões de reais chegaram por meio da emenda de relator, também conhecida como orçamento secreto, cuja

INSTAGRAM @EFRAIMFILHOPB

CONGRESSO Folga na agenda: parlamentares se autoconcedem um recesso durante as comemorações de São João

destinação era definida pelos caciques do Congresso, sempre preservando o nome do congressista responsável pela indicação da verba. "Atuar em prol da melhoria da vida das pessoas é saber destinar recursos para onde mais precisa. É por isso que o nosso mandato é o campeão em destinações para o Estado da Bahia", declarou Elmar numa rede social. Elmo, o irmão que concorre à reeleição, agradece.

O caso dos Nascimento não é isolado. O ministro das Comunicações, Juscelino Filho (União Brasil), destinou cerca de 19 milhões de reais em "emendas Pix" em 2022 e 2023 a catorze municípios do Maranhão, estado pelo qual foi eleito deputado, cargo do qual está licenciado. A cidade mais beneficiada, com cerca de 5,5 milhões de reais, foi Vitorino Freire, que tem como prefeita Luanna Rezende, irmã do ministro. Reeleita em 2020, Luanna, em acordo com Juscelino, apoiará em outubro a candidatura de Ademar Magalhães, conhecido como Fo-

goió. Considerando o conjunto de parlamentares, Vitorino Freire recebeu quase 70 milhões de reais em emendas desde 2019, sendo 45% por meio de emenda de relator. O valor por habitante está 547,84% acima da média nacional. Fogoió, o candidato dos filhos ilustres do município, pode se beneficiar dessa bonança orçamentária, que, por outro lado, tem trazido dor de cabeça ao ministro. Recentemente, a Polícia Federal indiciou Juscelino por crimes como corrupção passiva, lavagem de dinheiro e organização criminosa ao investigar irregularidades em obras realizadas em Vitorino Freire com recursos de emendas parlamentares, inclusive do próprio ministro.

Apesar do desgaste provocado pelo caso, o presidente Lula tem segurado o aliado no cargo, mas em entrevista ao portal UOL disse que ele deixará o ministério caso seja denunciado. A conferir. Há mais exemplos de ministros que não negam a família e a própria terra. Titular da pasta do Esporte, André Fufuca (PP-MA) destinou 5,8 milhões de reais em "emendas Pix" em 2022 e 2023, dos quais 25% irrigaram o caixa de Alto Alegre do Pindaré, comandada por seu pai, Fufuca Dantas, que está prestes a completar o segundo mandato consecutivo na prefeitura. Desde 2019, parlamentares repassaram quase 30 milhões de reais ao município por meio de emendas variadas, o equivalente a 1 164 reais por habitante, ou 283,89% a mais do que a média nacional. O grosso dos recursos, como de costume, chegou via orçamento secreto. Na semana passada, o ministro Fufuca visitou a terra natal para participar do lançamento de projetos esportivos para alunos da rede pública. Nu-

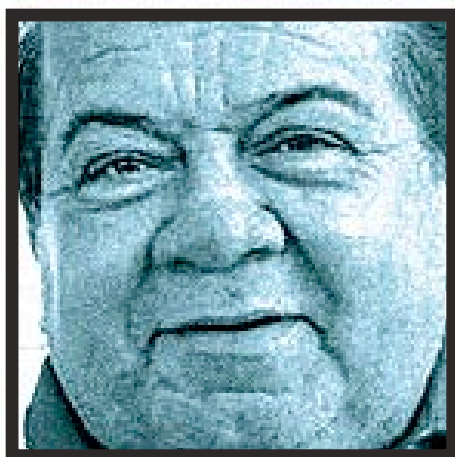
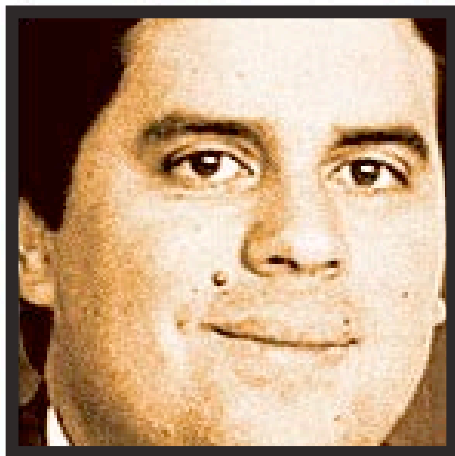
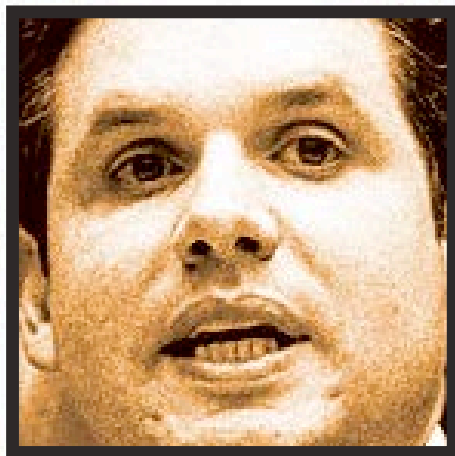
PRIORIDADE TOTAL

*De olho nas eleições municipais, os congressistas privilegiam seus redutos, muitas vezes comandados por parentes, na hora de enviar recursos do Orçamento**

	CAMPO FORMOSO (BA)	VITORINO FREIRE (MA)
PREFEITO	**Elmo Nascimento** (União Brasil)	**Luanna Rezende** (União Brasil)
RECURSOS	**Elmar Nascimento,** irmão do prefeito, que concorre à reeleição, repassou **10,8 milhões** ao município	Irmão da prefeita, o deputado **Juscelino Filho,** atual ministro das Comunicações, repassou **14,9 milhões** ao município

ma rede social, fez propaganda: “Poder levar mais perspectivas para as crianças do meu estado é gratificante. É garantir que novas gerações de atletas possam surgir e fazer do sonho realidade”.

O bom filho à casa torna, principalmente quando é político. O deputado Hugo Motta (Republicanos-PB) é mais um ca-

	ALTO ALEGRE DO PINDARÉ (MA)	PATOS (PB)
PREFEITO	**Fufuca Dantas** (PP)	**Nabor Wanderley** (Republicanos)
RECURSOS	O deputado **André Fufuca,** atual ministro do Esporte e filho do prefeito, repassou **6,7 milhões** ao município	O deputado **Hugo Motta,** filho do prefeito, que disputa a reeleição, repassou **5,3 milhões** ao município

*Repasses em reais entre 2019 e 2024

so a confirmar a regra. Cogitado como candidato à presidência da Câmara caso não seja ungido um nome de consenso ao posto, Motta enviou no ano passado 20 milhões de reais em “emendas Pix” para municípios da Paraíba. Na liderança da lista de beneficiários, aparece Patos, cujo prefeito, Nabor Wanderley, é o pai dele. No último dia 9, o deputado postou um vídeo em que aparece ao lado do prefeito celebrando uma premiação recebida pela administração municipal: “Vamos seguir mostrando a força de uma gestão eficiente e do nosso trabalho em Brasília em defesa da nossa querida cidade”. Elmar, Juscelino, Fufuca e Motta são aliados de primeira hora do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), que reservou, entre 2022 e 2023, 1,6 milhão de reais de suas emendas individuais a Barra de São Miguel (AL), governada por seu pai, Benedito de Lira, candidato à reeleição em outubro.

Peça-chave no rateio do extinto orçamento secreto, que rendeu 8,5 milhões à mesma Barra de São Miguel desde 2019, Lira costuma dizer que ninguém conhece tão bem a realidade dos municípios do país como deputados e senadores, que, por isso mesmo, são quadros qualificados para decidir a destinação de recursos orçamentários. Já o governo pondera que os parlamentares, muitas vezes, direcionam verbas para iniciativas que não são prioritárias e não atacam problemas crônicos do país. É o tipo de debate em que, de certa forma, os dois lados têm razão. Em um país com um sério problema fiscal e com cobertor orçamentário curto, governo e Congresso deveriam se empenhar para reduzir o gasto público — ou, pelo me-

nos, melhorar a sua qualidade, tornando-o mais eficiente. Não é o que tem acontecido. Até aqui, é cada um por si. Espantado com o avanço do Congresso sobre o Orçamento, Lula até vetou 5,6 bilhões de reais em emendas de comissão ao sancionar a lei orçamentária deste ano. Diante do risco de derrubada do veto, recompôs 3,6 bilhões do total vetado, garantindo a deputados e senadores cerca de 50 bilhões de reais em emendas.

Em meio às dificuldades na articulação política, o presidente também se viu obrigado a acelerar a liberação de recursos indicados pelos parlamentares. No fim de abril, quando o Legislativo parecia em convulsão, o Planalto divulgou uma tabela para mostrar que nunca antes tanta verba parlamentar tinha sido empenhada. Só nos primeiros quatro meses do ano, foram 10,7 bilhões de reais em emendas individuais, ante 3,54 bilhões de reais no mesmo período de 2022. Foi uma tentativa de aplacar o apetite dos congressistas. Não deu certo. Deputados e senadores alegam que o governo gasta muito, pede ajuda para aprovar medidas destinadas a aumentar a arrecadação e, quando instado a cortar despesas, tenta jogar a fatura no colo do Legislativo. A maior parte do sacrifício, argumentam, tem de partir do Executivo. O problema é que Lula não dá sinais de que enfrentará essa questão, apesar dos esforços dos ministros da Fazenda, Fernando Haddad, e do Planejamento, Simone Tebet, para equilibrar as contas públicas. “O problema não é que tem que cortar. O problema é saber se precisa efetivamente cortar ou se precisa aumentar a arrecadação”, disse o presidente ao UOL. Essa festa orçamentária — ou farra — ainda vai longe. ■

MÁRIO AGRA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

ACERTO Arthur Lira: elogios da bancada evangélica por cumprir acordo após pautar a urgência do PL sobre aborto

ELEIÇÃO NA PAUTA

Proximidade das eleições para o comando do Congresso mexe com as prioridades e votações das Casas, em especial da Câmara, onde a disputa é mais acirrada

VALMAR HUPSEL FILHO

MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

CALMARIA Rodrigo Pacheco: articulação tranquila em torno do nome de Alcolumbre permite distância de polêmicas

HORAS DEPOIS do encerramento da sessão em que o Supremo Tribunal Federal (STF) firmou entendimento pela descriminalização do porte de pequenas quantidades de maconha, para que haja uma diferenciação clara entre usuários e traficantes, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), anunciou a criação de uma comissão especial para analisar a Proposta de Emenda à Constituição. Já

aprovada no Senado, ela estabelece como crime o porte de qualquer quantidade de droga. A medida, que agrada aos parlamentares conservadores e religiosos, não é isolada. Somente na semana passada, Lira pautou a urgência do projeto de lei que equipara o aborto ao crime de homicídio e tentou fazer andar duas propostas que interessam à classe política: o fim das delações premiadas e a concessão de anistia aos partidos por dívidas contraídas em razão de multas pelo descumprimento de cotas para candidaturas de mulheres e pessoas negras.

Embora sejam medidas que descontentam parcelas da sociedade, elas obedecem a uma lógica política: manter o poder na Câmara. A Arthur Lira restam cerca de sete meses na presidência da Casa. Para garantir a manutenção de sua influência quando retornar à "planície", em fevereiro de 2025, ele precisa fazer o sucessor. Diante de um cenário ainda incerto, com várias pré-candidaturas e um eleitorado interno diversificado e disposto a vender caro sua capacidade de mobilização, o chefe da Câmara tem buscado garantir apoios com acenos importantes às bancadas mais fortes, numerosas e influentes.

A disputa em torno da sucessão na Câmara tende a se intensificar nos próximos meses, e isso pode se refletir ainda mais no andamento das pautas no Congresso. Com um calendário curto por causa do recesso (de 17 de julho a 1º de agosto) e das eleições municipais, em outubro, a atividade parlamentar tende a ser menor no segundo se-

GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO

TEATRO Atriz "dá voz" a um feto em audiência sobre aborto, no Senado: performance causou irritação em Pacheco

mestre, diminuindo o poder de barganha do presidente da Casa. Para um deputado experiente, há uma "janela" de 45 dias para Lira adiantar os acordos sobre seu sucessor. E terá de fazer isso sem dispor da influência sobre o orçamento, que o ajudou a ser reeleito com 464 votos entre 513 deputados. "Ele teve todos os recursos em 2023, mas o que vai fazer agora, já que as emendas estão com valor altíssimo? Vai ter de arrumar algum outro caminho", diz o cientista político Alberto Carlos Almeida, diretor da empresa de pesquisa e consultoria Brasilis e autor do livro *A Política Como Ela É*.

Por isso, nos últimos meses o deputado alagoano vem intensificando os acenos às bancadas mais ruidosas da Câmara, como a evangélica, no caso do "PL do Aborto", e a ligada ao agronegócio, nas pautas do chamado pacote anti-invasão de terras e do projeto de lei que exclui a silvicultura do rol de atividades potencialmente poluidoras. Apesar da polêmica em torno do aborto, que mobilizou as redes sociais e gerou protestos de rua — o que obrigou Lira a dar entrevista para dizer que o projeto não andaria rápido —, a bancada evangélica não escondeu a satisfação de ver o tema voltar à pauta, já que a bandeira é uma das que mais mobilizam o eleitorado à direita.

Uma das características que marcaram a ascensão de Lira na Câmara foi a sua fama de entregar o que promete. Boa parte das pautas que têm feito andar agora possui relação com os acertos que fez para a sua reeleição — sem cumprir o prometido na disputa passada, ele não teria condições de manter a coesão de parte expressiva da bancada em torno de seu projeto político interno. Autor do PL 1.904/2024, que ficou conhecido como "PL do Aborto", e um dos expoentes evangélicos, Sóstenes Cavalcante (PL-RJ) diz que o fato de Lira ter pautado a urgência da matéria não garante apoio ao candidato dele, mas ajuda no entendimento com a bancada evangélica e a direita em geral. "O gesto mostra que ele é cumpridor de acordos, o que é muito importante na relação política. Mas o acordo é daqui para trás", ressalva. Lira afirmou a VEJA que sempre se alinhou a matérias conservadoras e que não precisa

ZECA RIBEIRO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

PRESSÃO Sóstenes: para o deputado, Lira só cumpriu acordo "daqui para trás"

pautar projetos nessa linha para ter o apoio desse segmento. Segundo ele, a sua prioridade agora será aprovar até 13 de julho os projetos de lei complementar que regulamentam a reforma tributária, de interesse do governo. "A reforma foi aprovada em nossa gestão após quarenta anos e foi a primeira realizada em um regime democrático no país", diz.

A situação vivida pelo chefe da Câmara contrasta com a de seu colega na outra Casa do Parlamento. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), cujo mandato também se encerra em fevereiro, tem a vida teoricamente mais resolvida em relação à escolha de seu sucessor. As conversas apontam para a convergência de governistas, independentes e oposição para o retorno de Davi Alcolumbre (União Bra-

sil-AP) ao comando do Senado. Não está descartada, inclusive, a possibilidade de candidatura única. Entre dirigentes partidários e líderes da Casa, há o temor de lançar uma candidatura que se mostre sem viabilidade e, em caso de derrota, ficar fora da Mesa Diretora. Foi o que ocorreu com o PL em 2023, quando lançou Rogério Marinho. O líder do União Brasil, Efraim Filho (PB), lembra que Alcolumbre foi eleito e reeleito presidente do Senado com amplo apoio, e que chegou-se a discutir a possibilidade de ele ter um terceiro mandato, o que só não se concretizou porque a ideia foi barrada pelo STF. E que a candidatura de Pacheco foi articulada por causa da impossibilidade de Alcolumbre permanecer na cadeira. “Pacheco é produto do Alcolumbre. Já Lira precisa usar seu prestígio para eleger o sucessor”, compara.

O cenário, menos incerto no Senado, permite que Pacheco se sinta mais à vontade para servir de barreira a pautas impopulares. No caso do “PL do Aborto”, apressou-se a dizer que a iniciativa, que ele classificou de “irracionalidade”, não teria vida fácil no Senado. “Isso evidentemente jamais viria diretamente ao plenário do Senado”, afirmou. Na mesma semana, ficou irritado com senadores conservadores, como Eduardo Girão (Novo-CE) e Damares Alves (Republicanos-DF), que apoiaram uma performance em que uma atriz interpretou um feto durante uma audiência contra o aborto. Quando a PEC 3/2022 ganhou as redes sociais com o codinome de “PEC das Praias” e gerou debates acirrados — e equivocados — sobre a privatização

ANTONIO AUGUSTO/SCO/STF

EMBATE STF discute o porte de maconha: julgamento incomodou o Congresso

da costa, Pacheco foi na mesma linha, ao jogar água na fervura do projeto relatado pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). “Não há nenhum tipo de previsão nesse momento, não há açodamento, não há pressa”, disse.

O ritmo é distinto na Câmara. Embora afirme que vai anunciar somente em agosto seu indicado, é praticamente certo que Lira escolherá Elmar Nascimento (União Brasil-BA). Nos festejos de São João, foram vistos juntos em cidades do interior de Pernambuco e da Paraíba conversando com parlamentares fora do ambiente sisudo do Congresso. Foi uma repetição do que fizeram no Carnaval e no réveillon, quando também estiveram juntos recebendo colegas, desta vez na Bahia. Elmar tem feito acenos ao governo para dimi-

nuir a forte resistência a seu nome — o deputado é adversário histórico do PT na Bahia — e tem procurado os partidos com as maiores bancadas em busca de apoio. Outros nomes aparecem no páreo, como Antonio Brito (PSD-BA), que goza de maior simpatia do governo, e Marcos Pereira (Republicanos-SP), forte na bancada evangélica. Ambos têm feito movimentos discretos de articulação. Há ainda pré-candidatos com menor viabilidade, como Altineu Côrtes (PL-RJ), Hugo Motta (Republicanos-PB) e Dr. Luizinho (PP-RJ).

O desfecho do julgamento no STF sobre a maconha deu uma oportunidade de ouro a Lira. Ao estabelecer a quantidade de 40 gramas para diferenciar usuários de traficantes, a Corte invadiu a competência do Legislativo na opinião de muitos parlamentares, em especial os conservadores. A reação rápida de Lira agradou, não só por causa da proposta — proibir qualquer porte de droga —, mas por ser uma forma de mostrar a independência do Parlamento. “A democracia só se estabelece em forma plena quando um poder respeita a esfera de competências dos outros poderes. E o Arthur Lira tem tido esse papel de defender o Congresso Nacional através da Câmara dos Deputados”, resumiu o deputado Ricardo Salles (PL-SP), relator da PEC na Comissão de Constituição e Justiça e um dos expoentes da bancada da direita. A comissão, que terá 34 titulares e 34 suplentes, tende a produzir mais fumaça do que fogo, mas dará tração à estratégia conservadora na Comissão — e alguns pontos adicionais a Lira no esforço de fazer o seu sucessor. ■

CANDIDATO DO BARULHO

Coach que virou concorrente sério na disputa por São Paulo fez fortuna como guru motivacional e responde a mais de 100 ações na Justiça

ISABELLA ALONSO PANHO E **BRUNO CANIATO**

INSTAGRAM @PABLOMARCAL1

SUCESSO O guru: primeiro milhão de reais aos 27 anos e legião de seguidores nas redes sociais

POUCOS DIAS DEPOIS do réveillon de 2022, um grupo de 32 pessoas teve de ser resgatado pelos bombeiros, em meio a frio, chuva e neblina, a 2 400 metros de altitude, na Serra da Mantiqueira paulista. Quem liderava a trupe era o coach Pablo Marçal. Naquele mesmo ano, ele teve sua pretensão de ser candidato à Presidência barrada pelo PROS, que preferiu apoiar Lula. Elegeu-se deputado federal com 243 000 votos, mas teve o registro cassado por irregularidade. Há poucas semanas, reapareceu na cena causando estragos na disputa pelo comando de São Paulo. A cada rodada de pesquisas, ele cresce como pré-candidato do PRTB à capital do estado e se torna uma ameaça concreta aos favoritos — em especial, ao prefeito Ricardo Nunes (MDB), com quem divide os votos mais à direita.

À medida que ganha visibilidade, Marçal fatalmente vai ter de explicar melhor detalhes do seu currículo. A fracassada peregrinação na mata e a campanha eleitoral de 2022 lhe renderam uma investigação na Polícia Civil e outra na Polícia Federal, respectivamente, ambas em tramitação. Levantamento feito por VEJA encontrou ao menos 101 ações judiciais em que o coach e suas empresas aparecem como réus em São Paulo, Goiás, Paraná, Santa Catarina, Pará, Amazonas, Acre e Sergipe. Ele não foi condenado até agora em nenhum desses casos.

O problema judicial mais antigo remonta ao ano de 2005, quando virou réu em uma ação penal em Goiânia, acusado de integrar uma quadrilha que falsificava boletos

para aplicar golpes digitais. O caso acabou arquivado por prescrição *(veja o quadro abaixo e a entrevista no final da matéria)*. Por ironia, a coleção de litígios cresceu após um desafio lançado por Marçal em março, durante entrevista a uma rádio, quando prometeu recompensa de 1 milhão de dólares a quem encontrasse registros de que ele “processou alguém por conta de qualquer coisa”. Muita gente achou — ele é autor de ao menos dez ações judiciais —, o que lhe valeu mais de vinte cobranças nos tribunais que, somadas, superam 200 milhões de reais. Há também 48 processos públicos que totalizam 11 milhões de reais contra o pré-candidato e suas companhias. Eles envolvem indenizações por danos morais, acidentes de trabalho, rescisões de contrato e ilegalidades trabalhistas. Cerca de trinta outros estão sob segredo de Justiça.

POLÊMICAS EM SÉRIE

Algumas das controvérsias que rondam a trajetória de Pablo Marçal

QUADRILHA DIGITAL

No começo dos anos 2000, quando vivia em Goiânia, foi réu por formação de quadrilha e furto qualificado. Foi acusado pelo MP de integrar organização criminosa que falsificava boletos para fraudes. O caso prescreveu em relação ao coach e foi arquivado

De novo à arena política, o caso que lhe pode trazer mais dor de cabeça é exatamente de caráter eleitoral. A Polícia Federal tem uma investigação contra ele pela suposta prática dos crimes de falsidade ideológica eleitoral, apropriação indébita eleitoral e lavagem de capitais. O motivo foi o volume de doações feitas por Marçal a si próprio para a empreitada política de 2022. Ele e o seu principal sócio, Marcos Paulo de Oliveira, doaram para as campanhas a presidente e deputado mais de 1,7 milhão de reais. Como esse dinheiro foi gasto com serviços das empresas do próprio Marçal — Aviation Partici-

INSTAGRAM @PABLOMARCAL1

GUIA PERDIDO

*Em 2022, **Marçal** levou 32 pupilos ao Pico dos Marins, na Serra da Mantiqueira (SP), cuja escalada é difícil até para profissionais. O grupo, que pagou pela expedição motivacional, teve de ser resgatado pelos bombeiros – o caso está sob investigação na polícia*

pações, Marçal Participações e Marçal Holding Ltda. —, a manobra levantou suspeitas. Em julho de 2023, no bojo dessa apuração, a PF fez operações de busca e apreensão na casa do coach e nas três empresas — uma não foi encontrada, outra era uma editora de livros e a terceira tinha apenas uma mesa de bilhar e outra de pingue-pongue. A investigação precisa esclarecer se houve mesmo alguma irregularidade, já que o volume autodoado por Marçal está dentro da lei: ela dita que uma pessoa pode doar até 10% do seu patrimônio. Ou seja, até que se prove o contrário, o coach é inocente nesse caso.

O montante milionário investido na campanha, aliás, é compatível com as posses dele. Ao tentar ser presidente, Marçal declarou ter 96,9 milhões de reais em ações, participações societárias, cotas sociais de empresas, lucros e dividendos. Na lista não há nenhum veículo, mas constam três imóveis — uma sala comercial, um apartamento em Goiânia e uma chácara, que, juntos, valiam 254 000 reais. Na declaração de bens para deputado, surge ainda um "terreno urbano" de 4,9 milhões de reais.

CONFUSÃO NAS URNAS

Tentou ser presidente da República em 2022, mas foi barrado pelo PROS. Foi eleito deputado federal, mas teve o registro cassado pela Justiça Eleitoral. O uso do dinheiro da campanha rendeu um inquérito na PF por falsidade ideológica, apropriação indébita e lavagem de capitais

POLÍCIA FEDERAL

OPERAÇÃO PF em endereço ligado a Marçal: suspeita de lavagem de dinheiro

A fama e a fortuna de Marçal vieram basicamente da sua visibilidade como coach. Natural de Goiânia, hoje com 37 anos, ele diz que fez seu primeiro milhão há uma década. E usa a própria história para inspirar os seguidores: a de um rapaz de origem humilde, que começou de baixo e venceu na

CORRIDA MORTAL

Bruno Teixeira, funcionário de Marçal, morreu ao participar de uma "maratona-surpresa" de 42 km convocada pelo coach para os empregados em 2023. Ele tinha 26 anos e não resistiu ao chegar ao km 15. Foi "homenageado" com seu nome na sola do tênis de corrida de Marçal

vida pelo próprio esforço. Filho de um funcionário público e uma empregada doméstica, o guru começou a trabalhar aos 18 anos como operador de call center, cursou direito e, poucos anos depois, resolveu empreender com seus cursos e mentorias. Hoje, tem mais de 11 milhões de seguidores no Instagram e 3,5 milhões no YouTube, plataformas que ele usa para vender ensinamentos sobre como ter uma vida mais próspera e enriquecer usando a internet. Marçal afirma que já publicou mais de cinquenta livros sobre prosperidade financeira, fé e família e lançou até um reality show, o *La Casa Digital*, cujos métodos são questionados na Justiça por um participante que diz ter sido agredido nas gravações.

Nos últimos anos, a abertura de negócios tornou-se frequente para Marçal. Ele é sócio de dezesseis CNPJs ativos, dos quais quinze registrados desde 2018. Tudo é organizado a partir de sete holdings, incluindo cinco centros de treinamento, um colégio, duas incorporadoras imobiliárias e um resort no interior paulista — as empresas somam 200 milhões de reais em capital so-

ME DÁ O DINHEIRO AÍ

Em entrevista na TV neste ano, Marçal prometeu pagar 1 milhão de dólares a quem encontrasse um processo contra ele na Justiça. A bravata lhe rendeu 21 processos judiciais de pessoas que encontraram não apenas uma, mas várias ações judiciais envolvendo o coach

cial. Mais de dez têm sede no mesmo prédio comercial em Alphaville, no município de Barueri, local onde a Polícia Federal fez busca e apreensão durante a operação do ano passado. O pré-candidato tem dois parceiros de confiança: sua esposa, Ana Carolina Marçal, sócia em cinco empresas, e o amigo goiano Marcos Paulo de Oliveira, coproprietário de outras cinco. Outro nome que se destaca nas sociedades é o do influenciador digital Nezio Monteiro, também dono do hotel Resort Digital em Porto Feliz, que recebeu 20 000 reais em doações eleitorais de Marçal quando tentou, sem sucesso, se eleger deputado estadual em 2022.

Embalada pela fama nas redes sociais, a entrada de Marçal na disputa para a prefeitura de São Paulo mexeu com o jogo. Embora o prefeito Ricardo Nunes e o deputado Guilherme Boulos (PSOL) ainda estejam na ponta, empatados tecnicamente, o coach foi o único que cresceu fora da margem de erro em levantamento divulgado nesta semana pelo Paraná Pesquisas — em relação a maio, seu percentual dobrou, chegando a 10% *(veja o quadro ao lado)*. Na quinta, 27, outro levantamento, da Quaest, também mostrou Marçal com o mesmo número, embora neste caso em quarto lugar, atrás do apresentador José Luiz Datena, pré-candidato do PSDB. Sua ascensão fez com que Nunes antecipasse a escolha do seu vice. A opção pelo coronel da reserva Ricardo Mello Araújo, bancado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), é, aliás,

CORRIDA PAULISTANA

Líderes, Ricardo Nunes (MDB) e Guilherme Boulos (PSOL) estão empatados na margem de erro

RICARDO NUNES (MDB)

28,5%

GUILHERME BOULOS (PSOL)

25,9%

PABLO MARÇAL (PRTB)

10%

TABATA AMARAL (PSB)

8,7%

JOSÉ LUIZ DATENA (PSDB)

8,3%

MARINA HELENA (NOVO)

3,1%

KIM KATAGUIRI (UNIÃO BRASIL)

2,7%

OUTROS

1,2%

NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM

5,5%

NENHUM/BRANCO/ NULO

6,1%

Fonte: *Paraná Pesquisas – levantamento feito entre 19 e 24 de junho, com 1500 eleitores. A margem de erro é de 2,6 pontos percentuais*

uma tentativa de impedir a fuga de eleitores bolsonaristas para a candidatura de Marçal.

Não à toa, o coach divulgou um vídeo em que se coloca no páreo no lugar do deputado federal Ricardo Salles (PL), único que para ele seria "realmente de direita" (o ex-ministro desistiu da disputa). Marçal promete ir até o fim da campanha, não renega o DNA bolsonarista, mas se diz agora "marçalista". O número de processos tampouco o constrange. "É uma quantidade relativamente baixa pelo nosso número de clientes", afirma. Resta saber se esse tipo de argumento será suficiente para convencer os eleitores paulistanos e evitar tropeços na nova tentativa de escalada política. ■

INSTAGRAM @PABLOMARCAL1

CARTAS NA MESA
O pré-candidato: ele se coloca como o substituto de Salles

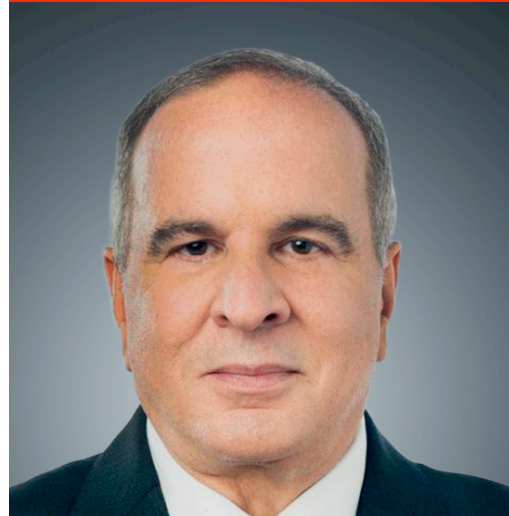
"DOEI E USEI MEU DINHEIRO"

Em entrevista a VEJA, Pablo Marçal se defende dos processos que correm contra ele e suas empresas na Justiça.

O senhor teme a investigação da PF por suspeitas envolvendo doações para suas candidaturas em 2022? Doei e usei meu próprio dinheiro. Não utilizei verba pública. Isso é perseguição política por eu ter apoiado o Bolsonaro. Fui usar aeronaves, aluguei as minhas. Fui usar carro blindado, aluguei minha frota.

Como explica ter mais de 100 processos em seu nome e de suas empresas? O número é pequeno em relação ao número de clientes das empresas. Com relação à minha pessoa física, entre esses processos, constam muitas ações oportunistas.

Por que virou réu em 2005, em Goiânia, por formação de quadrilha e furto qualificado? O processo correu à minha revelia. Não tinha condições financeiras de pagar advogado. Trabalhei para o pastor da igreja que eu frequentava, consertando computador para ele, e sobrou para mim.

O senhor fundou quinze empresas desde 2018, dez no mesmo endereço, em Barueri. Qual o motivo? Por incentivos fiscais que recebo. O prédio que aloca as empresas é grande. Mais sobre isso teria que perguntar a meu advogado tributário. Imagine que vou saber esse tanto de coisa.

MURILLO DE ARAGÃO

REFORMA MINISTERIAL NO HORIZONTE

Ideia é ter mais apoio no Congresso e fortalecer Lula para 2026

O GOVERNO LULA 3 vem sofrendo com a inconstância de apoio dos partidos aliados no Congresso. Por causa da fragilidade dessa relação, cresce a demanda por uma reforma ministerial após as eleições municipais de outubro. A futura mudança visaria assegurar maior apoio no Parlamento e fortalecer o governo para a campanha eleitoral presidencial que começará no ano que vem.

A mexida na Esplanada também deve se destinar a promover alguns ajustes em pastas ligadas ao PT e à cota pessoal de Lula que não apresentaram a performance desejada. Já entre os demais aliados, o objetivo será robustecer a retaguarda do Executivo no Legislativo. Entretanto, as expectativas podem ser frustradas. No cenário atual, a capacidade de ampliação do número de votos pró-governo é restrita. A expansão pretendida mira os partidos de centro e de direita da Câmara dos Deputados que possuem cargos no primeiro escalão e são decisivos para o desempenho governista. E, aqui, leia-se: União Brasil, Progressistas, MDB, PSD e Republicanos.

Nessas legendas, a capacidade de entrega de votos já se encontra praticamente no limite. Há divisões internas significativas que impossibilitam maior adesão ao Palácio do Planalto. As franjas oposicionistas nessas bancadas são bem consolidadas e se alinham ao ideário bolsonarista. Além de uma visão programática mais distante da atual gestão, esses grupos são bastante suscetíveis às pressões da militância digital de direita. Dessa forma, há pouquíssimo espaço para conquistar apoios nesse núcleo.

Segundo levantamento da Arko Advice sobre o comportamento da base governista, os índices médios de apoio dessas siglas são: MDB, 57%; União, 58%; Progressistas, 60%; PSD, 61%; e Republicanos, 64,5%. Os níveis máximos de fidelidade chegaram a girar em torno de 70%, e os mínimos, na faixa de 35%. As oscilações se devem a fatores como a discordância em relação à pauta em discussão e

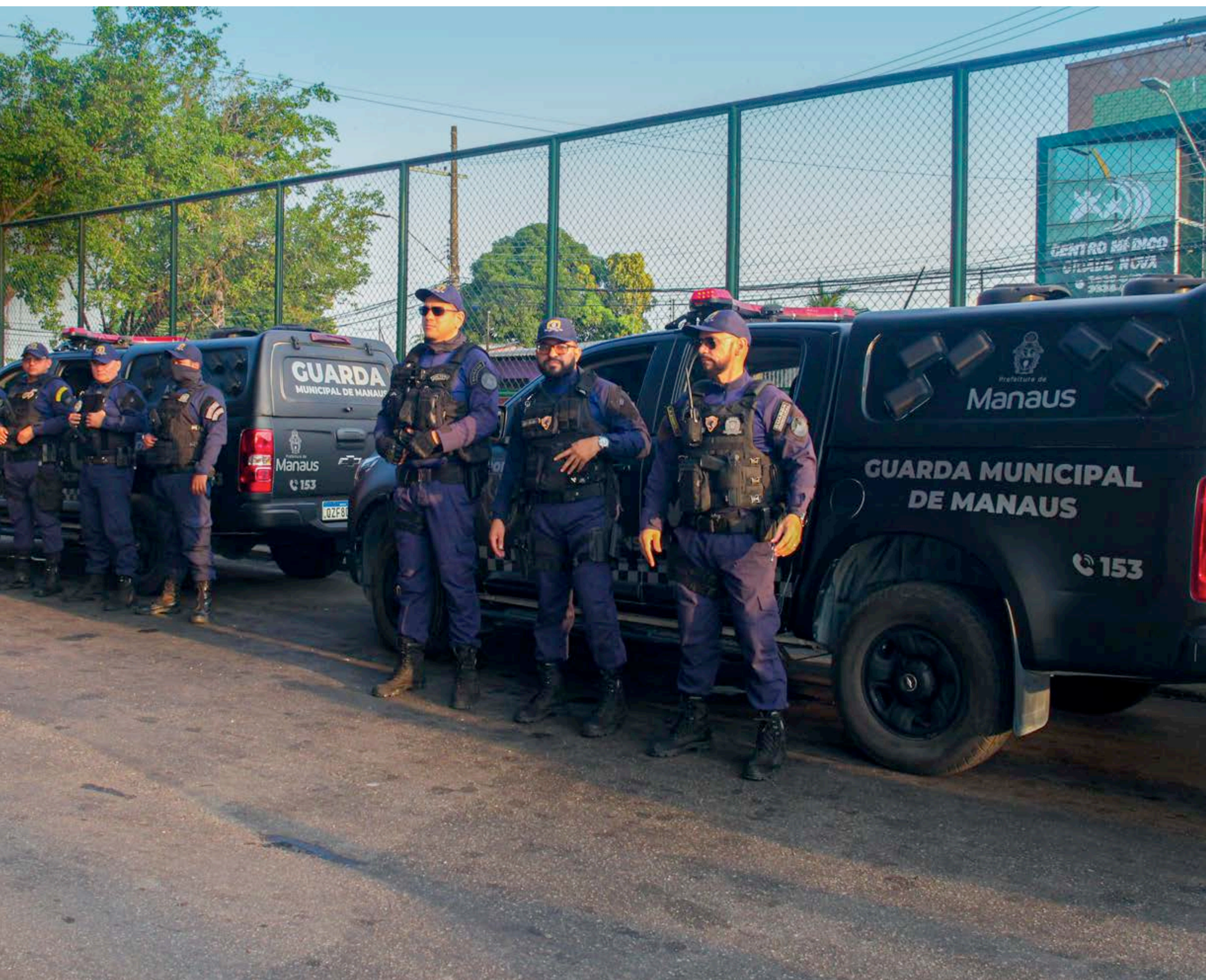
"No cenário atual, a capacidade de ampliação do número de votos pró-governo é restrita"

a deficiência na articulação do governo. Mesmo com uma reacomodação ministerial, dificilmente os tetos de apoio serão ultrapassados.

Portanto, o governo não deve nutrir a ilusão de que terá maioria estável em um Congresso que é, majoritariamente, conservador nos costumes e liberal na economia. É essencial projetar dificuldades que podem surgir no horizonte. À medida que o fim do mandato se aproxima, a tendência é que alguns partidos comecem a se engajar em projetos próprios e se afastem do governo, buscando atender a suas agendas particulares e interesses eleitorais. Essa fragmentação pode complicar a governabilidade e a implementação de políticas do Executivo. A relação requer pragmatismo, vigilância constante e articulação eficiente.

Já que a reforma pode não dar a maioria que deseja, por que fazê-la? A inteligência política indica que o governo, para se manter forte, deve ser popular, articulado, ter boas narrativas e se comunicar bem. Em nenhum desses quesitos o governo se sai bem. Uma reforma pode dar a Lula articulação e narrativas para que consolide seu eventual favoritismo em 2026. Em especial, pelo fato de que o presidente precisa retomar o papel de ser o grande organizador do país, deixando de lado declarações plenas de obviedades e platitudes. ■

O ASSUNTO É UM SÓ

A campanha nem começou, mas a segurança pública, maior preocupação do eleitor, entrou com tudo no debate municipal, onde costuma ser coadjuvante **LUCAS MATHIAS** E **LUDMILLA DE LIMA**

UMA MINI-PM Guarda Municipal em Manaus: maior efetivo e armamento pesado para conquistar o eleitor

VALDO LEÃO/SEMCOM

NA DIVISÃO de tarefas entre as esferas de poder, zelar pela segurança da população cabe sobretudo aos governadores. São os estados que estão à frente das Polícias Civil e Militar, responsáveis pelo enfrentamento da bandidagem. Aos municípios, restam tarefas que, embora mais indiretas, têm seu potencial de colaborar no combate à criminalidade, seja preservando o mais básico, como a iluminação pública em dia, seja tomando medidas para garantir a obediência à lei fundiária, tão castigada pela invasão de marginais que desdenham da lei. Mesmo com essas fronteiras bem definidas, a violência, elencada como preocupação número 1 dos brasileiros, fenômeno registrado pesquisa após pesquisa, migrou com tudo para os palanques dos ainda pré-candidatos a prefeito. E o que se vê são políticos de todos os matizes, muitos concentrados em grandes cidades, debruçados sobre seus programas para trazer a segurança ao centro das eleições de outubro.

Um levantamento feito por VEJA mostra que dezessete aspirantes à cadeira de alcaide nas 26 capitais são egressos das forças de segurança e já declararam que irão se apresentar na cédula como delegados, capitães ou sargentos. Em São Paulo, onde o prefeito Ricardo Nunes (MDB) briga pela reeleição em uma costura com o PL de Jair Bolsonaro, foi escalado para vice Ricardo de Mello Araújo (PL), um ex-coronel da Polícia Militar que integrou a Rota, braço de elite da corporação conhecido por sua elevada letalidade. O nome atende aos anseios dos eleitores ouvidos em pesquisas internas dos marque-

CHARLES SHOLL/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

ANDRE BORGES/NURPHOTO/GETTY IMAGES

ALTA TEMPERATURA Paes *(à esq.)* e Ramagem: duelo no Rio vai passar pelo combate à criminalidade

teiros de Nunes — pela primeira vez, o controle da violência desponta no topo das expectativas sobre a gestão municipal. Não à toa, Nunes vem posando ao lado do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), bem avaliado na área. Nesse duelo, Guilherme Boulos (PSOL) acaba de se comprometer com a contratação de 5 000 agentes para a Guarda Civil e com a implantação de um programa para recuperar celulares furtados, com base em uma boa experiência do Piauí.

Ciente de estar caminhando sobre um terreno mais movediço para o espectro da esquerda, dado que a direita se apropriou de um discurso linha-dura insuflado pelo bolso-

narismo, o PT lançou uma cartilha com propostas para a segurança, para dar um norte a seus candidatos. O panfleto defende o reforço do policiamento ao redor de escolas e o apoio ao combate a maus-tratos contra as mulheres, mas a principal recomendação mesmo é a velha ideia (muito martelada pela oposição, aliás) de armar a Guarda Civil, a princípio encarregada de vigiar os prédios municipais. Os especialistas são unânimes em afirmar que agentes munidos apenas de cassetetes são inócuos contra o crime, mas ponderam que é preciso cautela na adoção da medida. "Não faz sentido transformar as guardas municipais em mini-PMs, sua função é a segurança comunitária", diz Guaracy Mingardi, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A iniciativa do Planalto é uma tentativa de dar respostas especialmente no Nordeste, onde o crime organizado avança e os homicídios crescem, atingindo as gestões estaduais do PT na região — o que, sabidamente, pode reverberar no pleito deste ano. Na Bahia, governada pelo petista Jerônimo Rodrigues, ficam sete das dez cidades mais violentas do país, fruto do sangrento confronto entre forças policiais e quadrilhas. O partido, nesse contexto, fez um movimento ao centro e saiu em apoio do vice-governador, Geraldo Júnior (MDB), na corrida pela prefeitura de Salvador. Contrariou assim a ala mais à esquerda, que se vê representada na figura de Kleber Rosa (PSOL), não por acaso um investigador da Polícia Civil. "O governo do estado será cobrado agora pela incapacidade de dar à sociedade o que ela espera", aposta

RAFAELA ARAÚJO/FOLHAPRESS

SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP

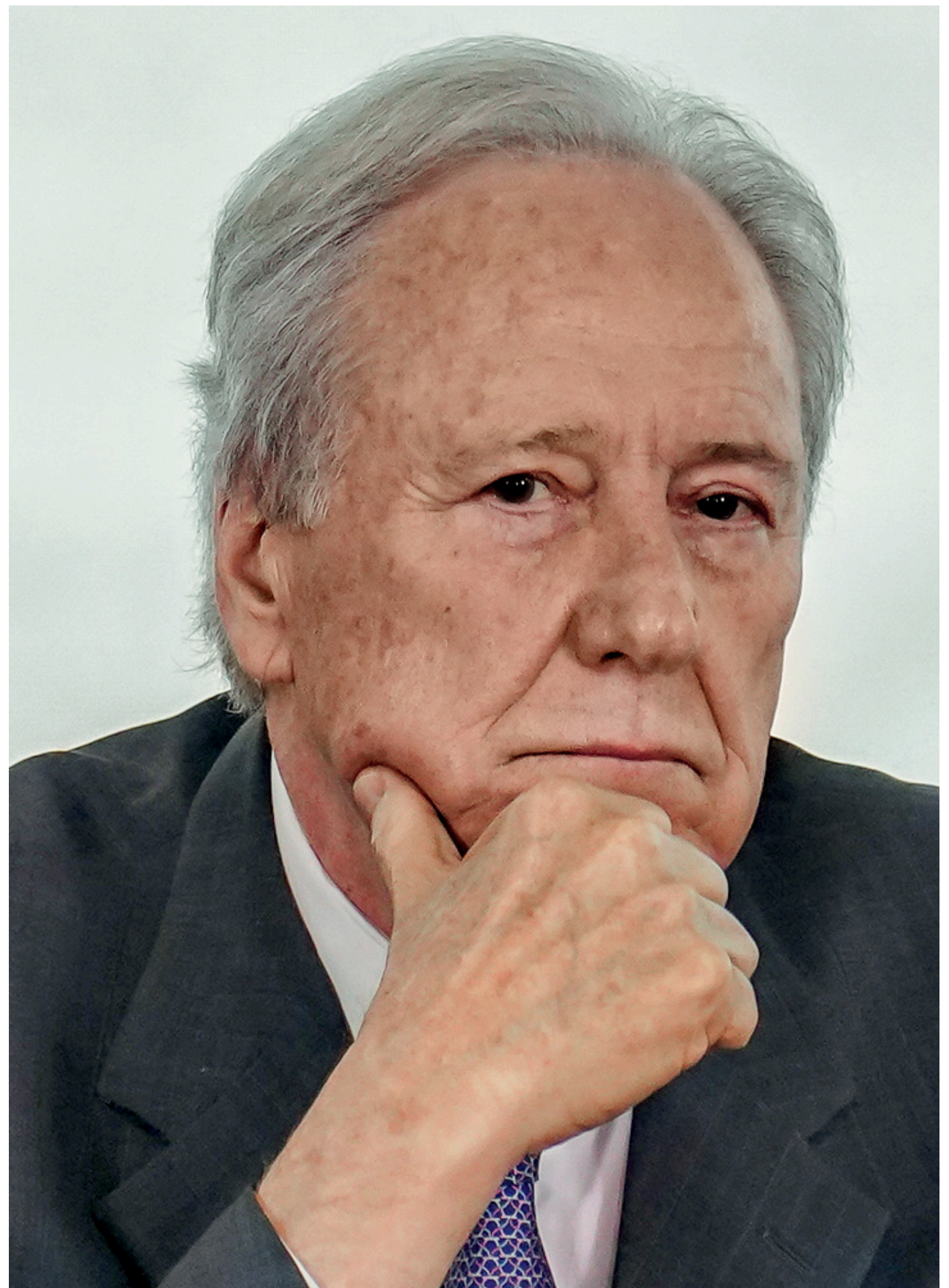
AÇÃO E REAÇÃO
Boulos e, acima, Nunes, com Tarcísio, Bolsonaro e Mello: ninguém quer ficar para trás no tema

Bruno Reis (União Brasil), atual prefeito da capital baiana. Também do PT, o governo de Elmano de Freitas, do Ceará, vive tormento semelhante. Os homicídios ali subiram 20%, o que passou a dominar a disputa em Fortaleza, dando fôlego ao bolsonarista Capitão Wagner (União Brasil), que vem atropelando os postulantes do PT e do PDT de Ciro Gomes. "Não há mais lugar seguro no Ceará", brada o capitão.

Um dos picadeiros mais efervescentes para o debate da segurança é, certamente, o Rio de Janeiro, onde a milícia e o tráfico dominam imensos nacos do território. Na disputa pela prefeitura carioca, o deputado federal Alexandre Ramagem (PL) aposta suas fichas na condição de candidato do ex-presidente Bolsonaro, lembrando pertencer aos quadros da Polícia Federal. "Chama o delegado", diz o jingle

de um vídeo que circula entre seus apoiadores (que não menciona, por óbvio, ser ele investigado por um sistema paralelo de arapongagem enquanto esteve à frente da Agência Brasileira de Inteligência, a Abin). O atual prefeito, Eduardo Paes (PSD), que disputa a reeleição, também adentrou esse terreno — endureceu seus pronunciamentos contra a milícia e instalou na Secretaria de Ordem Pública um delegado da Polícia Civil, Brenno Carnevale. Até o deputado federal Tarcísio Motta (PSOL) planeja agitar com vigor a bandeira da segurança, disparando contra "a inação" frente ao crime organizado.

Outro que está focado na reeleição, o prefeito de Manaus, David Almeida (Avante), inventou uma tal Romu, sigla para Ronda Ostensiva Municipal, para atuar nos terminais de ônibus. Almeida sustenta que a medida colheu bons resultados, mas ela não impediu a ofensiva de seu rival, o deputado federal Amom Mandel (Cidadania), um novato de 23 anos que ganhou projeção ao denunciar o suposto envolvimento da cúpula da segurança do estado com células criminosas. "A toda hora vemos aqui policiais e guardas municipais presos por corrupção", ataca Mandel, que sofreu uma batida policial a qual jura ter sido arquitetada por adversários na arena política. Enquanto o Amazonas se afoga em números desfavoráveis, o atual alcaide se mexe para não perder terreno. "Quando as coisas vão mal, você vai jogar pedra na casa da autoridade mais próxima, que é o prefeito", lembra Guaracy Mingardi, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Com a taxa de homicídios praticamente inalterada há quatro anos e os roubos e furtos de celulares cravando 120 por hora por todo o país, os brasileiros se veem enredados na insegurança, um cenário ao qual o governo Lula está bem atento — e tem razões para tal. “A direita vem tomando a dianteira no tema e tem oferecido opções vistas como mais práticas que as da esquerda, voltada para avanços sociais, estratégia tida como de mais longo prazo”, avalia José Vicente da Silva Filho, ex-secretário nacional de Segurança Pública. Na quarta-feira 26, o ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, municiou o presidente com a proposta de uma PEC que amplia as atribuições da Polícia Federal para atuar na investigação de crimes cometidos por facções e milícias, texto a ser apreciado ainda pelo Congresso. A ver se a iniciativa vai mesmo atacar o problema, que certamente extrapola, e muito, o pleito de outubro. ■

RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL

DURA MISSÃO
Lewandowski: proposta de PEC que amplia a atuação da PF

SEM POLARIZAÇÃO

A disputa pela prefeitura na cidade que tem apenas 833 habitantes, pouco menos de 1300 eleitores e um único candidato **RICARDO CHAPOLA**

SEM OPOSIÇÃO Serra da Saudade (MG): casal comanda o menor município do país há mais de duas décadas

EXISTE pelo menos um lugar no país onde a disputa entre esquerda e direita ou entre petistas e bolsonaristas não será tema de campanha nem fará a mínima diferença no resultado das eleições de outubro. Um lugar onde não haverá debate, comício nem boca de urna. Um lugar onde *fake news* e inteligência artificial não serão motivos de preocupação. Um lugar onde o vencedor será conhecido antes do início da campanha e que prescinde de pesquisas de opinião para saber o nome do favorito. Em Serra da Saudade, no interior de Minas Gerais, Neusa Ribeiro se prepara para assumir pela terceira vez o comando da menor cidade do país. Se nada de anormal acontecer até outubro, ela será a única candidata a disputar os votos dos 1 295 eleitores do município. Deverá, portanto, substituir o prefeito Alaor Machado, seu ex-marido, dando sequência a um curioso revezamento que já se estende por mais de duas décadas.

A advogada Neusa Ribeiro e o fazendeiro Alaor Machado são filiados ao mesmo partido, o PP, defendem os mesmos projetos e têm se alternado no poder desde 2000, quando Machado foi eleito e reeleito prefeito. O casal se divorciou em 2004, o que deu início ao ciclo político literalmente caseiro. Em 2008, Neusa foi eleita para o lugar do ex-marido, que, em 2020, foi eleito para o lugar da ex-mulher, que agora se prepara para voltar ao lugar do ex-marido, que, aos 70 anos, planeja se aposentar. Administrar Serra da Saudade não chega a ser um desafio. Distante 250 quilômetros de Belo Horizonte, a cidade tem 833 habi-

ALEXANDRE REZENDE/FOLHAPRESS

SEM ADVERSÁRIO Machado: o atual prefeito está em seu quinto mandato

tantes, catorze ruas, 337 casas, um posto de saúde, uma escola e duas igrejas. O acesso a remédios e combustível é uma das prioridades da população, já que o município não tem farmácia nem posto de gasolina. Para abastecer os veículos e comprar medicamentos, é preciso percorrer 12 quilômetros até o comércio mais próximo.

Nas eleições de 2020, 106 municípios do país tiveram um único candidato concorrendo a prefeito. Serra da Saudade, portanto, não é um caso sem precedentes nesse quesito. O que chama atenção na menor cidade do país é que tudo parece uma ação entre amigos (no bom sentido). Na Câmara Municipal, nenhum parlamentar da atual legislatura faz oposição ao governo. Dos nove vereadores, cinco pertencem ao PP e quatro ao Podemos — e todos são "ami-

ADRIANA PAOLINELLI/ASCOM PREFEITURA SERRA DA SAUDADE

SUCESSÃO Neusa, ex-mulher do prefeito: candidata única em 2024

gos" pessoais do prefeito. "A oposição na cidade fica desestimulada quando percebe que o nosso trabalho atende ao que a população precisa. Ela até existe, mas acaba não tendo muito que falar", afirma Neusa. O último resquício de oposicionismo foi registrado nas eleições de 2020, quando um ex-vereador do Avante lançou candidatura própria. Ele teve apenas 99 votos e se afastou da política.

Em Serra da Saudade, as campanhas eleitorais seguem uma dinâmica diferente da de cidades onde a ideologia e o poder econômico dos candidatos podem ser decisivos. Machado, por exemplo, garante que gastou apenas 20 000 reais em sua última disputa, conta que apoiou Jair Bolsonaro em 2018, disse que depois se declarou traído pelo capitão, que defendeu uma proposta que acabava com a auto-

nomia política dos municípios com menos de 5 000 habitantes, mas isso não fez nenhuma diferença. Segundo o TSE, ninguém é filiado ao PT em Serra da Saudade. Já o PL, partido do ex-presidente, tem dez correligionários registrados. “A polarização entre Lula e Bolsonaro não interfere na eleição por aqui. Em cidade pequena, o eleitor vota no candidato, independentemente do partido ou de quem ele seja aliado”, diz o prefeito. A cidade tem mais eleitores do que habitantes porque muita gente vai trabalhar em outros lugares, mas mantém o domicílio eleitoral.

Diferentemente de outras localidades, Serra da Saudade enverga uma raríssima condição. Uma das principais preocupações dos brasileiros, a segurança pública, lá não é problema. O último assassinato ocorreu há 57 anos e o posto policial do município registrou apenas um furto no ano passado. No entanto, assim como em outras cidades, o orçamento da prefeitura só permite a realização de obras caso receba o reforço das famosas emendas parlamentares — foram apenas 2,5 milhões de reais nos últimos quatro anos, dinheiro que mal deu para recapear algumas ruas. Como a maioria das cidades, Serra da Saudade compromete quase toda a sua receita com a máquina administrativa. Os salários dos 139 servidores giram em torno de 3 000 reais. Um detalhe interessante: o maior deles, de 13 000 reais, é pago ao controlador-geral do município, Marcelo Ribeiro Machado, filho do prefeito Alaor Machado e da futura prefeita Neusa Ribeiro. Tudo em casa. ■

REBELDES CHAPA-BRANCA

Inscrita no cadastro de inadimplentes e impedida de ter acesso a verbas públicas, a UNE dribla a lei e volta a receber milhões do governo federal

HUGO MARQUES

PAUTA GOVERNISTA Manifestação: estudantes protestam contra a taxa de juros e pedem a saída do presidente do BC

UNE/DIVULGAÇÃO

UM DOS EPISÓDIOS mais marcantes da história da União Nacional dos Estudantes (UNE) aconteceu em 1968. Proscrita, a entidade ousou desafiar o governo militar e convocou um congresso que seria realizado na cidade de Ibiúna, no interior de São Paulo. No dia marcado, a polícia apareceu e prendeu todos os participantes, entre eles dirigentes que mais tarde se tornariam lideranças políticas conhecidas, como o ex-ministro José Dirceu. Depois desse episódio, o regime endureceu ainda mais, dando início ao período mais brutal da ditadura. Com a restauração da democracia, a UNE perdeu certos referenciais, especialmente após a chegada de Lula ao poder, em 2003. Desde então, a entidade decidiu se associar informalmente ao governo, agraciada com cargos e verbas oficiais — muitas verbas. Recebeu mais de 13 milhões de reais apenas em convênios assinados com diferentes órgãos da administração federal nas duas primeiras gestões petistas. A parceria chapa-branca, no entanto, teve de ser interrompida.

Em 2011, durante o governo de Dilma Rousseff, o Tribunal de Contas da União (TCU) realizou uma auditoria e descobriu que havia irregularidades na prestação de contas dos convênios, mais de 6 milhões de reais em valores da época. Em um deles, assinado com o Ministério da Cultura, chamou atenção o fato de o dinheiro ter sido usado para pagar despesas com festas, bebidas e diárias de hotel. Os técnicos também inspecionaram a prestação de contas dos recursos que o governo Lula repassou à entida-

INSTAGRAM @MANUMIRELLA_

NO PRESENTE Manuella, a presidente da UNE: "A independência do BC é ruim, pois prioriza o mercado"

de para reconstruir sua sede, no Rio de Janeiro, incendiada durante a ditadura. A UNE recebeu mais de 44 milhões de reais dos cofres públicos a título de indenização pelos danos, mas a obra não avançou. Desde 2011, a entidade está inscrita no cadastro de inadimplentes e, consequentemente, proibida de receber verbas oficiais. Nada,

ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO

NO PASSADO Presos no congresso em Ibiúna, em 1968: desafio à ditadura militar

no entanto, que não pudesse ser contornado. Com a volta de Lula ao poder, a parceria foi restabelecida.

Para driblar a proibição, os convênios agora estão sendo assinados com o Instituto Circuito Universitário de Cultura e Arte (Cuca), entidade que, embora vinculada à própria UNE, tem um CNPJ diferente. O Cuca já recebeu

FÁBIO GUIMARÃES/AGÊNCIA O GLOBO

REFERENCIAIS Sede inacabada: benesses, milhões de reais em convênios e irregularidades

mais de 4 milhões de reais dos ministérios do Desenvolvimento Social, da Cidadania e da Cultura, recursos que deverão ser aplicados em um curso de empreendedorismo para jovens (100 mil reais), na organização do congresso anual dos estudantes (1,3 milhão) e no fomento à cultura (2,3 milhões). A UNE recebeu dinheiro de todos

os governos — de Fernando Henrique Cardoso (1 milhão) a Jair Bolsonaro (1,6 milhão) —, mas nada comparável aos governos Lula (61 milhões). “O movimento estudantil de meu tempo estava interessado em mudar o Brasil e o mundo, e nossa agenda era orientada pela esperança de um nacionalismo que combinasse liberdade e direitos sociais”, diz Aldo Rebelo, que presidiu a entidade no início da década de 80. “Hoje isso mudou”, afirma.

A UNE, de fato, foi importante na luta pela democracia antes, durante e até mesmo algum tempo depois da ditadura. Em 1992, por exemplo, os estudantes estiveram na linha de frente da mobilização popular que resultou no impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. O mesmo ímpeto, porém, desapareceria décadas mais tarde. Já capturada pelos governos petistas, a UNE foi contra o impeachment de Dilma Rousseff, esteve ao largo dos históricos protestos de 2013 e passou a servir a interesses partidários de ocasião. Hoje, ao mesmo tempo que recebe dos cofres públicos vultosas quantias para organizar festivais universitários e exposições, a entidade se dedica a engrossar atos contra a política de juros e pela saída do presidente do Banco Central. São pautas claramente governistas. “Quando a UNE se alia a qualquer governo, perde a legitimidade para criticar os erros”, ressalta Rebelo.

A presidente da UNE, Manuella Mirella, discorda das críticas. Segundo ela, não existe aliança ou parceria entre o governo petista e a entidade. “A UNE está alinhada

com a defesa dos estudantes e da democracia, bandeiras históricas da entidade. No último período, protagonizamos a construção de uma frente ampla institucional pela derrota do projeto de extrema direita do Bolsonaro, que destruiu a educação durante os quatro anos de governo", destacou. Os protestos contra o Banco Central, segundo ela, são em defesa do interesse da população. "A independência do Banco Central é ruim, pois prioriza o mercado e o lucro dos banqueiros em detrimento dos desafios de desenvolvimento do Brasil", explica a líder estudantil, que foi nomeada na última quarta-feira, 26, como membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social, órgão de assessoramento do presidente da República. A luta continua, mas a motivação da UNE, sem dúvida, já não é mais a mesma. ■

JULIANA MACHADO

Com reportagem de Camila Pati, Diego Gimenes,
Felipe Erlich e Pedro Gil

DIVULGAÇÃO

PELA CONCORRÊNCIA Carlos Ferreira Filho, CEO da A5X: uma rival para a B3

Nova bolsa

A A5X, nova bolsa com foco em contratos derivativos e futuros lançada por ex-executivos da XP, levantou 200 milhões de reais em uma rodada de investimentos. A ideia deles é iniciar as atividades em 2026, em São Paulo.

Concorrência bem-vinda

Agora, a A5X não descarta expandir a operação para o mercado de ações e, assim, encarar a B3, a bolsa de valores de São Paulo. "Concorrência é essencial", afirma **Carlos Alberto Ferreira Filho,** cofundador e CEO da A5X.

IA tropicalizada

A Thomson Reuters, empresa canadense de mídia e tecnologia, vai ampliar a oferta de serviços de inteligência artificial no Brasil. O objetivo é oferecer ferramentas que integrem as áreas de contabilidade e serviços financeiros.

Caixa cheio

Em fase final de captação de um fundo de 2 bilhões de reais, a Perfin pretende acelerar investimentos em infraestrutura. A gestora vai participar de leilões de transmissão de energia em setembro e do leilão da BR-381, entre Belo Horizonte e Governador Valadares.

A mão do Estado

A Positivo, empresa brasileira de smartphones e computadores, espera que grandes editais sejam lançados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, do governo federal, e pelo governo de São Paulo até o fim do ano. Só assim para equilibrar as contas.

Sem conversa

Participante-chave do debate sobre a regulamentação dos aplicativos de delivery, o comando do iFood acredita que a pauta não deve andar neste ano. A

Previdência dos entregadores é o grande impasse.

Divergência

O governo quer algo nos moldes do que foi imposto às empresas de mobilidade Uber e 99, com as plataformas pagando 20% sobre um quarto da renda bruta dos motoristas. O iFood defende um modelo especial, como o de empregadas domésticas, em que o patrão paga a alíquota de 8%.

Reciclagem

A Coca-Cola Femsa já recicla 50% das garrafas plásticas que coloca no mercado brasileiro. A SustentaPET, sua iniciativa voltada para a economia circular, atingiu a marca de 130 000 toneladas de plástico recicladas, o que equivale a 4 bilhões de garrafas desde o começo da operação, em 2019.

Adeus, lixo

Os projetos voltados para a economia circular serão acelerados. A meta da Coca-Cola é reciclar 100% de suas garrafas plásticas até 2030.

Dobrando a meta

O escritório de assessoria financeira Ville Capital mira negócios no segmento de energia renovável. Com o projeto, a expectativa é de dobrar o patrimônio atual — de 2,3 bilhões de reais — em um ano. ■

NA CONTRAMÃO DO MUNDO

Enquanto os países ricos deixam a crise para trás, no Brasil o que se vê é o desânimo generalizado com os rumos da economia

JULIANA ELIAS E **JULIANA MACHADO**

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

EM XEQUE Fernando Haddad: trabalho do ministro da Fazenda começou a ser questionado

Nas últimas semanas, uma série de indicadores econômicos tem demonstrado que, enquanto boa parte dos países ricos e dos emergentes começa a deixar a crise para trás, o Brasil teima em ir na direção oposta. A cotação do dólar, que há alguns dias alcançou a marca dos 5,50 reais pela primeira vez desde janeiro de 2022, é o retrato mais visível — mas não o único — dos problemas que pairam sobre o país. Em junho, o valor da moeda americana subiu 5% em relação ao real. No ano, acumula alta de 14%. Os exemplos ruins se espalham por diversos segmentos. O Ibovespa, a principal referência da bolsa brasileira, está entre os indicadores acionários de pior desempenho no mundo neste ano, os juros futuros voltaram a subir e o chamado risco-país, medido pelo CDS *(credit default swap*, em inglês), um contrato negociado no mercado financeiro que sobe conforme prolifera a desconfiança dos

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

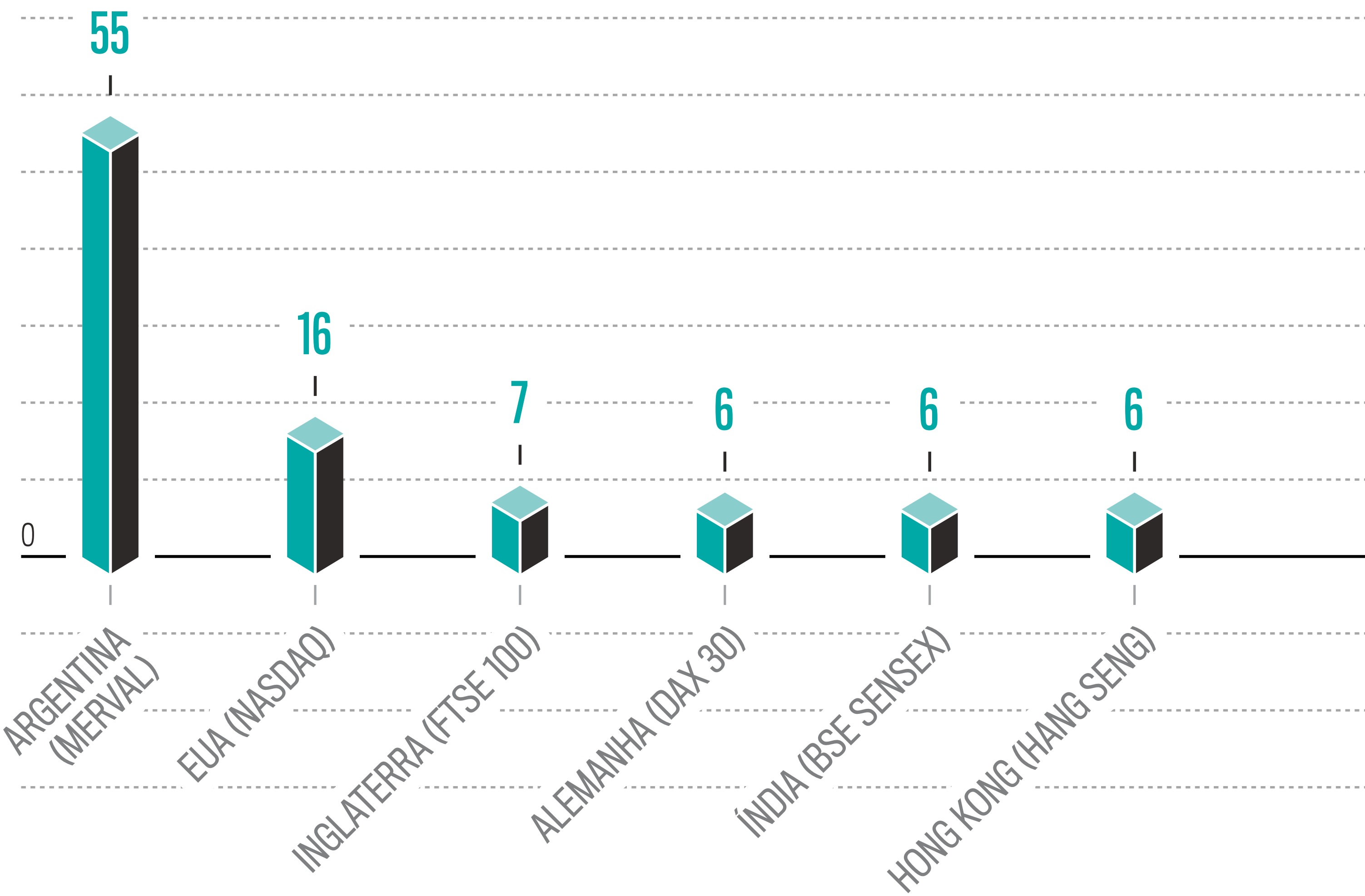
DÚVIDAS Roberto Campos Neto: sucessão no Banco Central causa incertezas

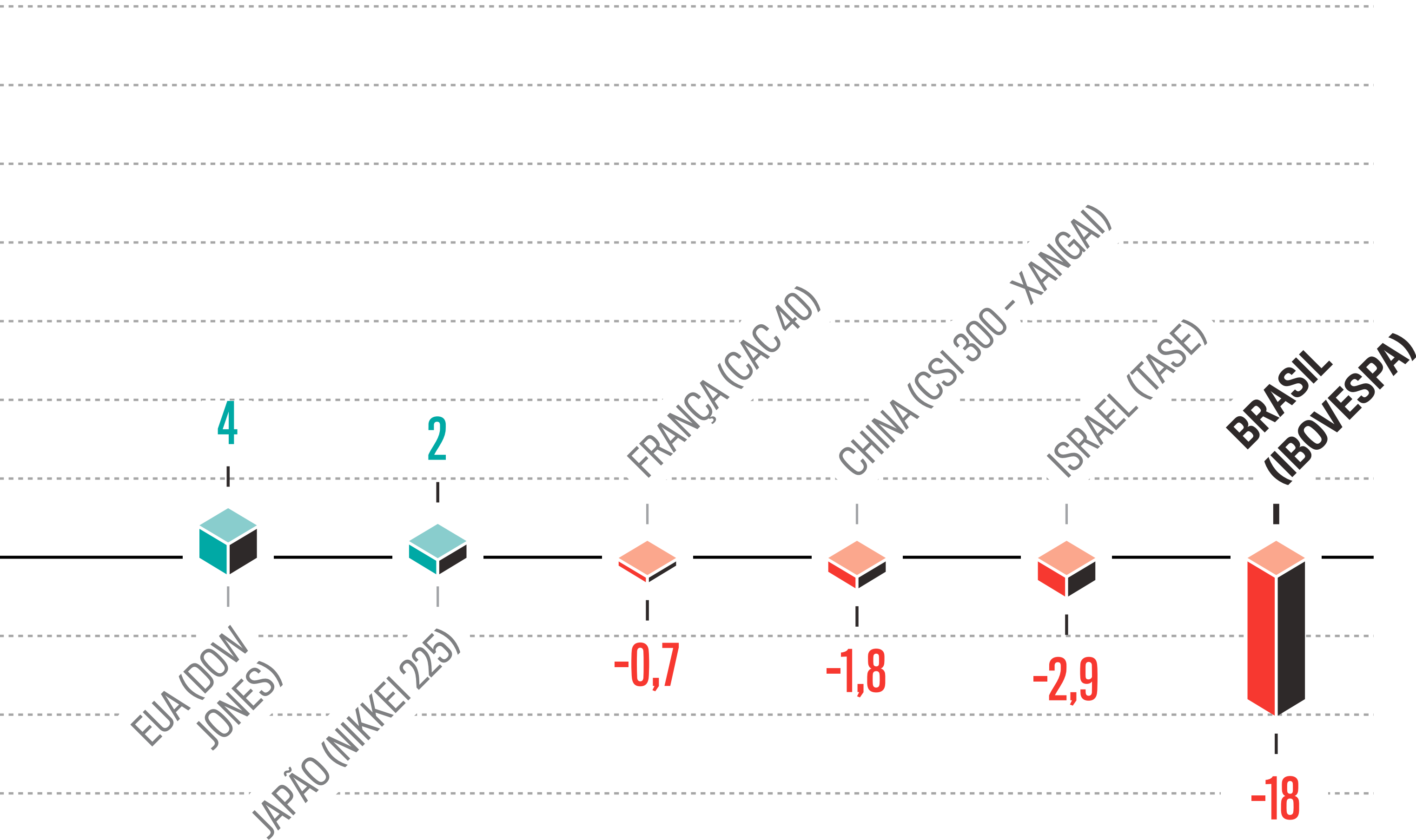
investidores em relação ao país, já inflou 20% desde janeiro. “O projeto do governo de aumentar impostos para ampliar gastos chegou ao limite e, se não mudar, teremos uma economia com juros altos, câmbio desvalorizado e preço das ações muito baixo”, diz José Márcio Camargo, economista-chefe da corretora Genial Investimentos.

É verdade que alguns países ainda lidam com os rastros de inflação deixados pela pandemia, mas eles, de fato, estão virando o jogo. Nos Estados Unidos, é crescente

NA LANTERNA

O desempenho acumulado das principais bolsas em 2024

VARIAÇÃO EM DÓLARES (EM %)

a expectativa de que o ciclo de corte de juros comece ainda em 2024, enquanto o Banco Central Europeu iniciou a redução de taxas há três semanas. O BC da Suíça acaba de fazer seu segundo corte de juro. Por aqui, com a inflação dando sinais de retomada, é possível que o BC volte à agenda de aperto monetário nos próximos meses. Isso naturalmente drena recursos da renda variável para a fixa e estimula a saída de capital de um país emergente, e mais arriscado, como é o Brasil. O Ibovespa já caiu 18% em 2024, considerada a sua cotação em dólar. E isso em um momento em que o mercado de ações dos Estados Unidos, a despeito de juros locais também altos, vem de uma sucessão de recordes. Turbinada pelo fenômeno da Nvidia, fabricante de chips para inteligência ar-

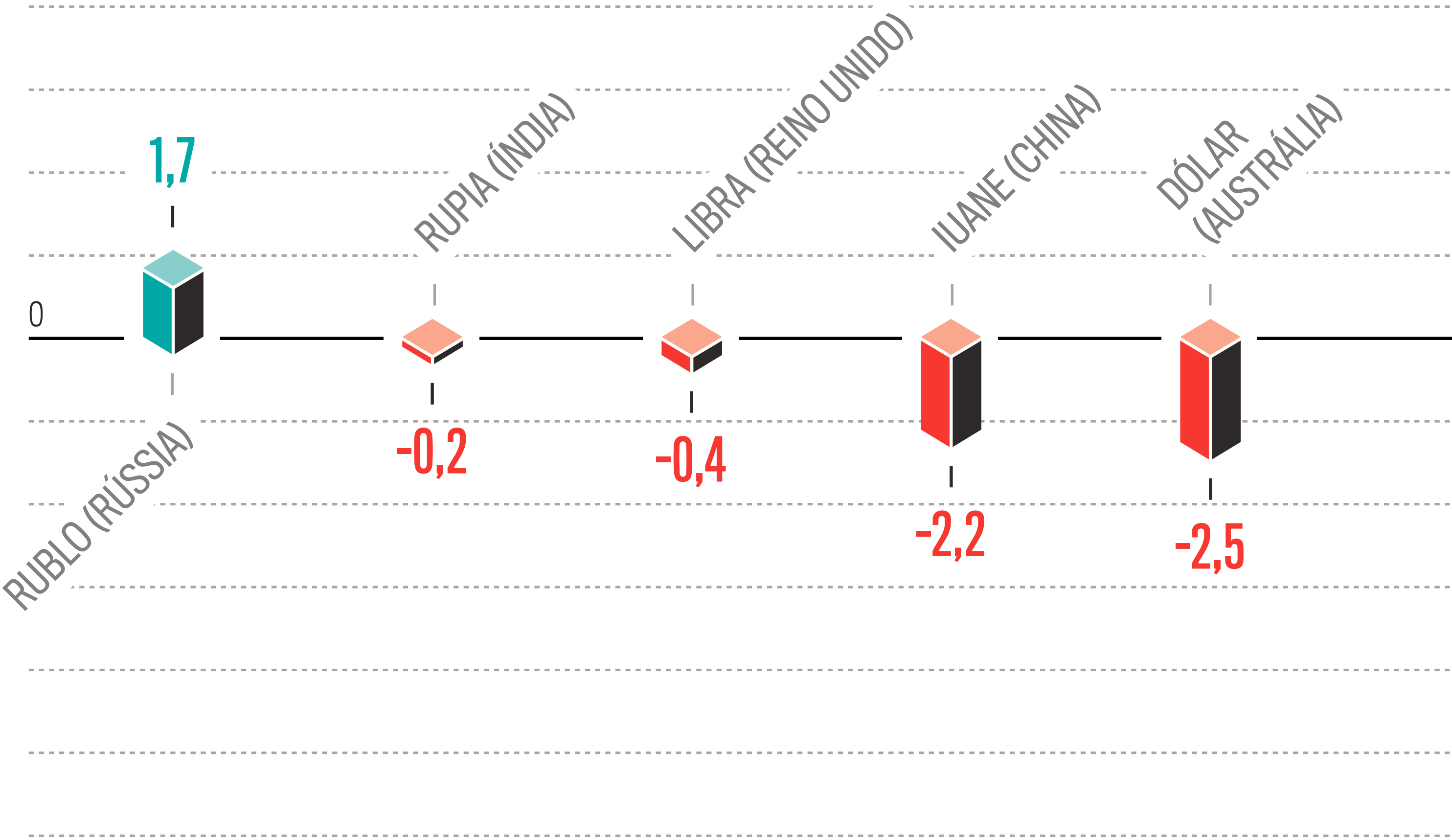
EUA (DOW JONES) 4
JAPÃO (NIKKEI 225) 2
FRANÇA (CAC 40) -0,7
CHINA (CSI 300 - XANGAI) -1,8
ISRAEL (TASE) -2,9
BRASIL (IBOVESPA) -18

Fonte: *Bolsas – Elaboração: Austin Rating*

tificial, e de outras empresas do setor, a Nasdaq, bolsa de tecnologia dos Estados Unidos, sobe 16% em 2024, enquanto o S&P 500, referência da Bolsa de Nova York, avança 14%. "Podem querer colocar a culpa no Fed *(o banco central americano),* mas, se só isso explicasse o desempenho do Ibovespa, as bolsas americanas não estariam no pico", diz Wilson Barcellos, presidente da gestora de patrimônio Azimut Brasil. "As razões estão aqui dentro e grande parte da culpa é nossa."

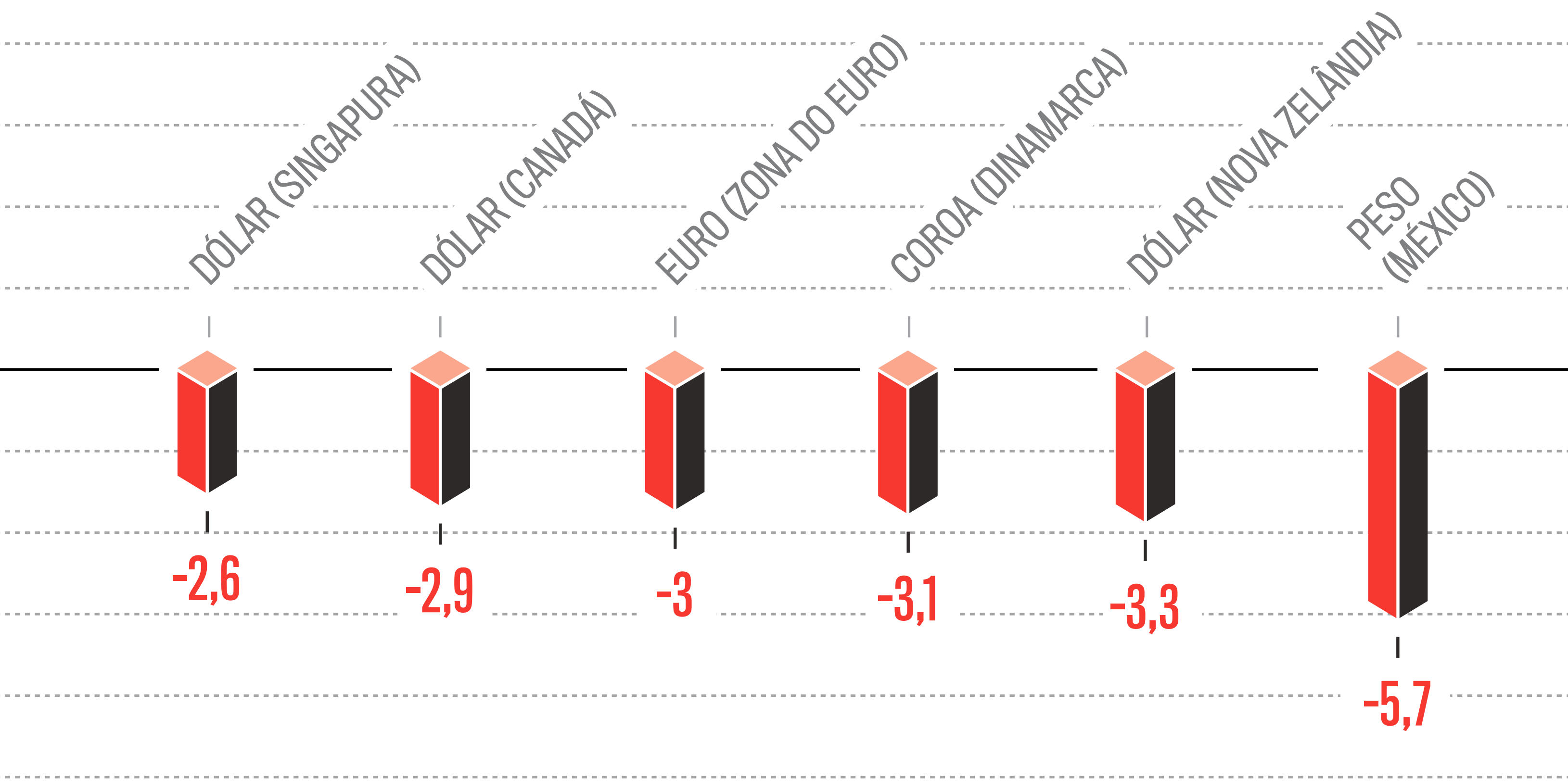
QUEDA LIVRE

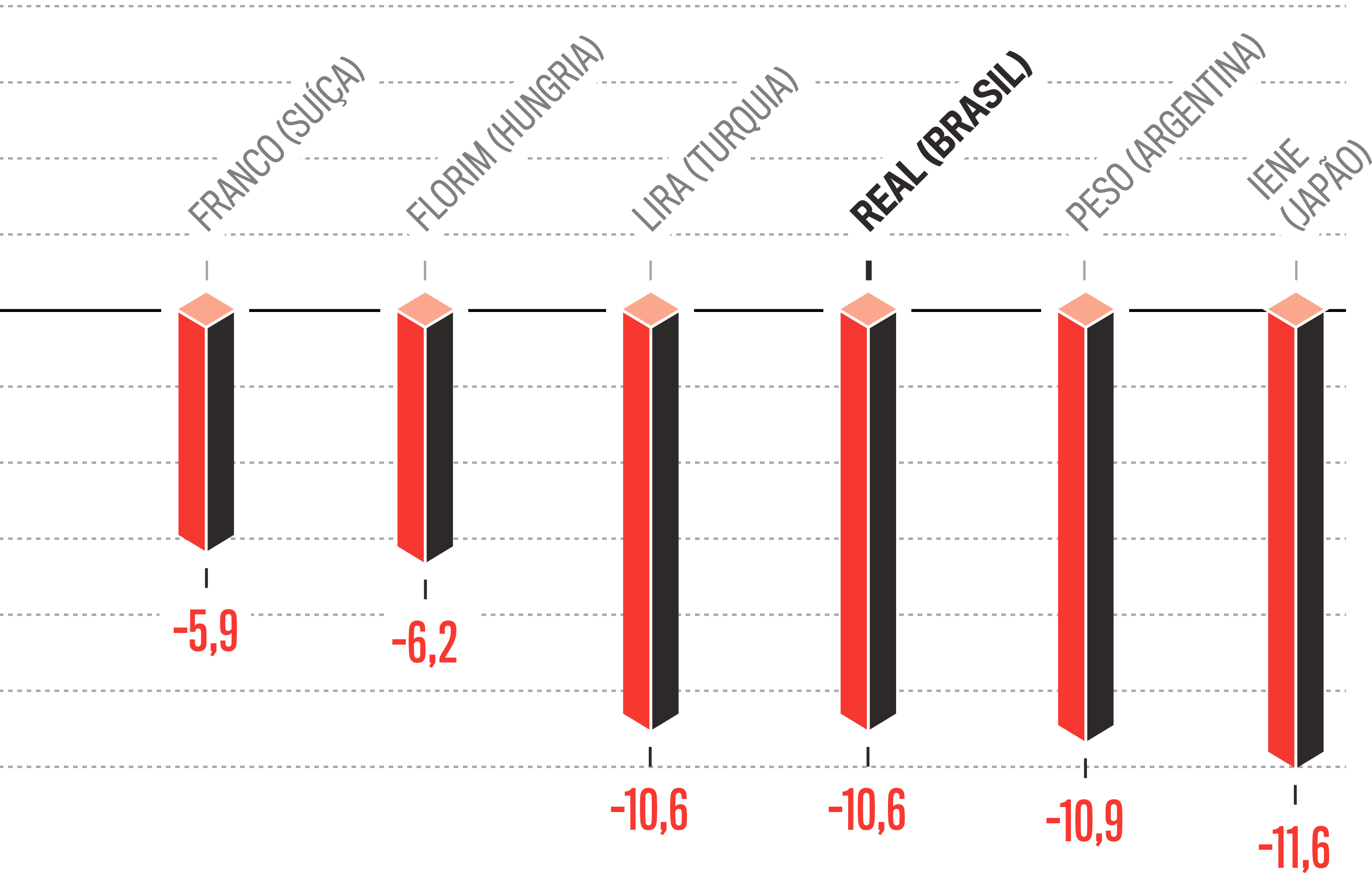
As moedas de pior desempenho no acumulado de 2024

VARIAÇÃO ANTE O DÓLAR (EM %)

0
RUBLO (RÚSSIA) 1,7
RUPIA (ÍNDIA) -0,2
LIBRA (REINO UNIDO) -0,4
IUANE (CHINA) -2,2
DÓLAR (AUSTRÁLIA) -2,5

Fonte: *Nelogica*

As novas declarações de Lula em defesa do aumento de gastos, quando o próprio governo já não consegue mais fontes de receita para pagar tudo o que promete, são só a mais recente peça de um mosaico montado há meses e que produziu desgastes com investidores e o Congresso. O resultado é a generalização do desânimo com os rumos da economia. Até o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que desfrutava de boa reputação no mercado financeiro, agora começa a ter seu trabalho questionado. No começo do ano, as expectativas de uma taxa básica de juro abaixo de 10% davam o tom do otimismo com a bolsa e o controle da inflação saltava aos olhos. Mas o cenário mudou por completo. A crença de

DÓLAR (SINGAPURA) -2,6
DÓLAR (CANADÁ) -2,9
EURO (ZONA DO EURO) -3
COROA (DINAMARCA) -3,1
DÓLAR (NOVA ZELÂNDIA) -3,3
PESO (MÉXICO) -5,7

que a inflação seguirá baixa e cumprirá a meta de 3% ao ano é cada vez menor — o IPCA, indicador oficial de preços, está rondando a casa dos 4%, e não há projeção de que cairá abaixo disso neste ou no próximo ano. Na quinta, o BC fez uma projeção de que ela será de 4%. “A dificuldade agora é consolidar na cabeça dos agentes econômicos que o Brasil vai ter inflação de 3%, porque ninguém acredita”, diz Tomás Goulart, economista-chefe da gestora Novus. “Nesse caso, o BC acaba obrigado a manter a taxa de juros mais elevada por mais tempo.”

Em sua última decisão, citando justamente a piora das expectativas, as preocupações fiscais e os juros ainda altos no exterior, o Banco Central interrompeu o ciclo de

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

EM ALTA Casa de câmbio: cotação do dólar subiu 14% em 2024

sete cortes consecutivos da Selic, mantendo a taxa de referência em 10,5% e acabando com qualquer esperança de que o Brasil pudesse voltar a ver juros de apenas um dígito tão cedo. “A grande diferença entre os Estados Unidos e o Brasil é que lá, a despeito de uma inflação forte no começo do ano, as projeções permanecem em torno da meta, o que significa que as pessoas acreditam que o Fed fará o que tem que ser feito”, afirma Felipe Sichel, economista-chefe da gestora Porto Asset. A credibilidade ajuda a manter a expectativa de pelo menos dois cortes de juros pelo Federal Reserve até o fim do ano, algo que, ressalve-se mais uma vez, não deverá ocorrer no Brasil.

No front fiscal, a ruptura da confiança teve início com

CRIS FAGA/DRAGONFLY PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

EM BAIXA *B3: decisões equivocadas do governo desanimam investidores e afetam a bolsa brasileira*

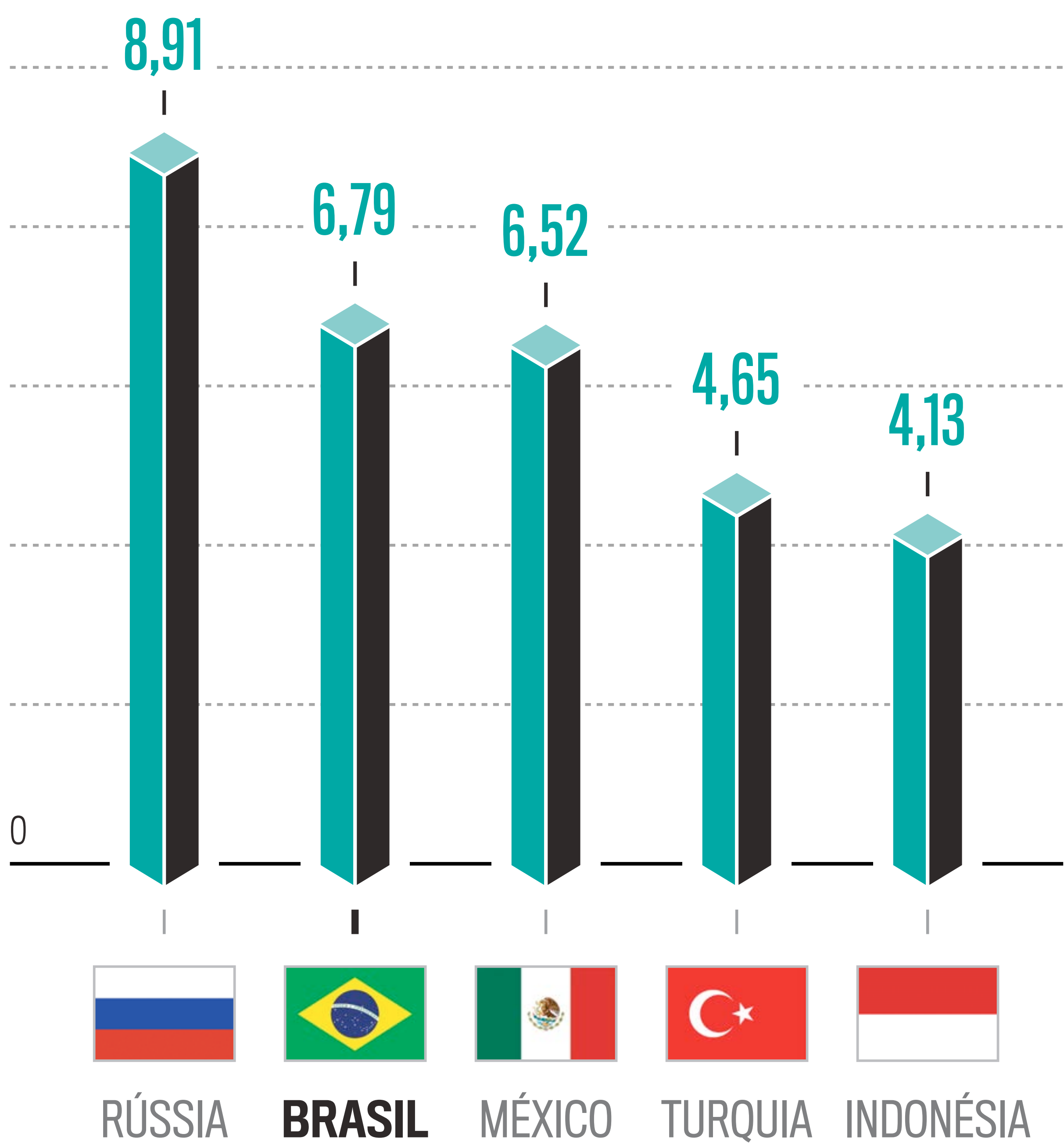
a revisão das metas de superávit primário do governo, que jogou para 2026, último ano da gestão Lula, o compromisso de colocar as contas públicas no azul. O afrouxamento da exigência apenas ampliou o ceticismo de que isso tenha alguma chance de ocorrer no atual mandato. Outro aspecto fundamental que coloca pontos de interrogação quanto à condução da política monetária é a troca de comando no Banco Central. Este ano será o último da presidência de Roberto Campos Neto, e a escolha de Lula para seu sucessor deverá mostrar se o governo está, de fato, comprometido com a continuidade do trabalho feito pela autoridade monetária no controle da inflação.

O cenário incerto se completa com o renovado bom-

NO PÓDIO

As maiores taxas de juros reais da economia (descontada a inflação*)

TAXA DE JUROS REAL (EM %)

País	Taxa de juros real (em %)
RÚSSIA	8,91
BRASIL	6,79
MÉXICO	6,52
TURQUIA	4,65
INDONÉSIA	4,13

* Considera a inflação projetada para os próximos 12 meses

Fonte: *MoneYou*

bardeio do presidente da República sobre Roberto Campos Neto e também após Gabriel Galípolo, diretor de política monetária do Banco Central e nome ventilado como preferido por Lula para a sucessão, ter votado em consonância com os demais membros do BC pela manutenção da Selic em 10,5%. “A desancoragem que estamos vendo não tem a ver com a inflação”, afirma Alexandre de Ázara, economista-chefe do banco UBS BB. “As pessoas desconfiam de dois aspectos: o regime fiscal daqui para frente e a postura do futuro presidente do BC e dos diretores que ficarão sob sua liderança.”

A condução da economia depende, em grande medida, do manejo das expectativas, seja de investidores, empresários, trabalhadores, seja de consumidores. Se eles não acreditam que o cenário econômico do país vai melhorar, acabam se retraindo nas decisões de investimentos e consumo — e, o que já era ruim, piora. Lula, um presidente veterano, deveria saber disso. O problema é que ele parece ter esquecido ou resolvido ignorar as evidências. E o preço dessas atitudes já está sendo cobrado. ■

ALEXANDRE SCHWARTSMAN

A DIFÍCIL LUTA CONTRA A MIOPIA

O ataque ao BC custa caro à economia
e custará à política

A ESTA ALTURA do campeonato, o presidente já deveria ter entendido que atacar Roberto Campos, ou melhor, a diretoria do Banco Central — dado que a última decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) foi unânime — não o ajuda do ponto de vista da gestão da economia.

A língua frouxa, a retórica agressiva, assim como as afirmações sem nexo colaboraram (e colaboram) para manter o dólar mais caro, sabotando um dos desenvolvimentos que têm ajudado a segurar preços de bens industriais por aqui.

Também ajudam a impulsionar as taxas de juros futuras, que sobem apesar de toda sinalização do "maligno" BC acerca de não pretender elevar a Selic em horizonte minimamente razoável, criando empecilhos adicionais ao investimento privado, uma das molas propulsoras do crescimento sustentado.

Aumentam, por fim, os receios acerca do comando do BC a partir do fim de 2024, quando estará indicada a maioria dos membros do Copom, principalmente quanto à

possibilidade de um BC submisso aos interesses político-eleitorais imediatos, repetindo o desempenho do período 2011-2016. Basta lembrar, por exemplo, da postura do BC durante a eleição presidencial de 2014, quando esperou para elevar a taxa de juros até a quarta-feira seguinte ao segundo turno, em contraste com o ocorrido em 2022, quando aumentou a Selic em meio à campanha eleitoral.

Isso se traduz em expectativas crescentes de inflação, que começam a contaminar a inflação corrente, processo que ameaça se aprofundar mais perto da troca na liderança do BC.

É cada vez mais claro que falta ao presidente da República alguém com estatura para avisá-lo do óbvio prejuízo em que incorre cada vez que abre a boca para vociferar sobre política monetária. Seria o papel de um ministro da Fazenda com alguma influência sobre o presidente, e não um seguidor a qualquer custo.

“Falta alguém com estatura para avisar Lula do prejuízo em que incorre ao vociferar sobre política monetária”

Isso dito, me pergunto às vezes se — caso Lula entendesse o tamanho do estrago que provoca — tal conhecimento o levaria a uma postura mais equilibrada.

Talvez não, confesso. É bem possível, se não provável, que seus interesses políticos de curto prazo convencessem o presidente de que, a despeito do prejuízo econômico, haveria ganhos de imagem que valeriam a pena. Em particular a possibilidade de — mantendo seu hábito de décadas — se eximir de qualquer responsabilidade por desenvolvimentos negativos.

É sempre mais fácil transferir a culpa a terceiros, especialmente a desafetos, e, de lambuja, implicar um possível adversário nas eleições de 2026, do que admitir que seu projeto econômico, baseado em gastar mais e torcer para que as receitas de alguma forma cresçam ainda mais rápido, esteja fundamentalmente errado. Todavia, realçando a miopia dessa postura, mesmo essa desculpa tem hora marcada para acabar. A partir de 2025, a condução da política monetária, provavelmente similar à adotada pelo nada saudoso Alexandre Tombini, será de responsabilidade não do próximo presidente do BC, mas do presidente da República.

Uma postura mais técnica ajudaria a isolá-lo das questões do BC, como fez Tony Blair ao garantir a independência do Banco da Inglaterra, mas vencer a miopia política é tarefa para lá de complicada. ■

É BOM SER ANTENADA

Além de oferecer mais qualidade de vida a seus habitantes, as cidades inteligentes estimulam o desenvolvimento econômico **CAMILA BARROS**

PIONEIRA Torre em Curitiba: o primeiro município brasileiro a abraçar a 5G

RICARDO MARAJÓ/SMCS

A TECNOLOGIA se tornou uma aliada crucial para solucionar problemas urbanos e fomentar o crescimento econômico. O melhor exemplo são as chamadas "cidades inteligentes", que investem em inovação para se tornarem mais eficientes. Nesses lugares, a conectividade é uma peça-chave para melhorar o acesso dos cidadãos a bens e serviços. A própria gestão municipal evolui, ao recorrer à internet das coisas (IoT, na sigla em inglês) para integrar os equipamentos que opera, sejam semáforos ou câmeras de segurança. "Não se trata apenas de oferecer acesso à internet rápida, mas de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos", diz Mauricio Bouskela, coordenador do núcleo de cidades inteligentes e big data do Laboratório Arq.Futuro de Cidades, do Insper. Para isso, a expansão da 5G, a quinta geração da internet móvel, deve intensificar a evolução das cidades inteligentes por ser até 100 vezes mais veloz que a 4G e, portanto, permitir mais processamento de informações.

Em países ricos, a 5G tem elevado o nível de automação das cidades. É o caso de San Francisco, nos Estados Unidos, onde veículos autônomos *(leia a reportagem "Pare agora"),* conhecidos como táxis-robôs, já rodam pelas ruas. A iniciativa, conduzida por empresas como a Waymo (subsidiária da Alphabet, dona do Google), pretende melhorar o transporte urbano, reduzir o trânsito e oferecer uma alternativa de mobilidade mais segura.

No Brasil, Curitiba é a grande vitrine dessa tendência. Vencedora do World Smart City Awards de 2023, prêmio

SISTEMAS INTEGRADOS

Conheça as principais características de uma cidade inteligente

MOBILIDADE INTERCONECTADA

Transporte público plugado para fornecer informações em tempo real sobre horários, rotas e disponibilidade de veículos

INFRAESTRUTURA SUSTENTÁVEL

Uso de energias renováveis e sistemas de gestão energética, como sensores de presença para iluminação pública

SEGURANÇA PÚBLICA

Monitoramento em tempo real e permanente de ruas, praças e parques públicos com câmeras e sensores

internacional concedido às cidades mais inovadoras, a capital paranaense conta com lixeiras equipadas com sensores que notificam os serviços de coleta quando estão cheias. Isso otimiza as rotas dos caminhões, economiza combustível e reduz as emissões de carbono. A cidade também foi a primeira no Brasil a implementar luminárias públicas com antenas 5G integradas. O sistema permite acompanhar o consumo e a qualidade da energia

nos postes, controlar a intensidade da luz e receber alertas em tempo real sobre problemas.

O projeto é fruto de parceria público-privada (PPP) entre a prefeitura de Curitiba, a concessionária de energia Engie e a operadora de telefonia móvel TIM. “A substituição das lâmpadas convencionais por Led reduz o consumo de energia em até 50%”, diz Paulo Humberto Gouvêa, diretor de soluções corporativas da TIM. “Além disso, com a gestão remota da iluminação pública, obtemos uma eficiência energética adicional de até 20%.”

Outras cidades brasileiras estão se tornando mais “inteligentes”. Em São Paulo, o programa Smart Sampa promete instalar, até fim de 2024, 20 000 câmeras de segurança equipadas com sistemas de reconhecimento facial. No Rio de Janeiro, o Centro de Operações Rio (COR) recebeu 29 milhões de reais do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social para investimento em ferramentas de inteligência artificial. Criado em 2010, o COR coordena a resposta da prefeitura a ocorrências de grande impacto, como temporais.

Além de melhorar a qualidade de vida das pessoas, aumentar a conexão das cidades traz retornos econômicos. Após pesquisar cerca de 100 casos espalhados pelo mundo, a consultoria americana ThoughtLab concluiu que o PIB per capita das cidades inteligentes poderá crescer até 21% em um período de cinco anos. Nos lugares em que o processo já está amadurecido, a riqueza por habitante deverá aumentar 11% em igual prazo.

DANIEL CASTELLANO/SMCS

BAIXO CARBONO Ônibus elétrico: inovação é sinônimo de inteligência

Se o Brasil quiser se beneficiar desse movimento, precisa superar seu maior obstáculo: a desigualdade de acesso à internet. É verdade que a internet móvel está presente em 84% dos domicílios, e 77% das cidades já estão autorizadas pela Agência Nacional de Telecomunicações a operar a telefonia 5G, mas a qualidade da conexão está longe do ideal. Segundo o Núcleo de Informação e Coordenação da Ponto BR, associação dedicada ao desenvolvimento da internet, só 22% dos usuários contam com acesso satisfatório à rede. Enquanto esses números não melhorarem, o "QI" das cidades brasileiras continuará baixo. ■

A FARSA DO PODER

Às vésperas da eleição presidencial de julho, Nicolás Maduro descumpre acordos internacionais e acirra o cerco à oposição e à imprensa em busca de seu terceiro mandato

CAIO SAAD

TROCANDO AS BOLAS Nicolás Maduro acusa os adversários de crimes que ele mesmo comete: "Chega de sabotagem"

FEDERICO PARRA/AFP

Sabe-se hoje ter sido ilusionismo, uma farsa. Em outubro do ano passado, integrantes do governo de Nicolás Maduro e da oposição venezuelana sentaram-se diante do mar esmeralda de Barbados para um acordo democrático. Mediado por diplomatas da Noruega, ele garantiria respeito às regras nas eleições presidenciais de 2024. Quem vencesse levaria, em respeito à Constituição. Observadores estrangeiros zelariam pelas regras e pela paz. O presidente bolivariano prometeu andar na trilha do bom senso, mas não. Do tratado parece ter restado apenas a data do pleito, 28 de julho, que não por acaso é a do aniversário de Hugo Chávez, que em 2009 fez aprovar uma emenda constitucional para permitir reeleições ilimitadas. Ao morrer de câncer, em 2013, abriu-se a porta para seu vice, Maduro. Nas últimas semanas, o ditador tem exibido garras autoritárias com uma intenção evidente: permanecer mais um mandato — seria o terceiro — no Palácio de Miraflores.

O rol de irregularidades é imenso e não para. Uma condição fundamental para a lisura da votação seria o registro cuidadoso dos eleitores aptos a votar — desde 2005 o recenseamento está à deriva, um modo torto de garantir controle das urnas, evitando o crescimento da massa eleitoral que deseja o fim do "madurismo". As irregularidades cometidas em processos anteriores são repetidas, e novas foram acrescentadas. "Teremos as eleições

mais falhas em 25 anos", diz Luís Lander, diretor do Observatório Eleitoral Venezuelano, um grupo independente. Como não há movimento forte de oposicionistas para boicotar a escolha — como aconteceu em 2018 —, o jogo sujo segue firme, em engrenagem avassaladora.

Apenas três meses depois do encontro em Barbados, o regime declarou a inelegibilidade de María Corina Machado, vencedora das primárias da oposição, acusada de ter cometido irregularidades administrativas, nunca comprovadas. "Foi uma decisão arbitrária", disse ela a VEJA, em recente entrevista para as Páginas Amarelas. "Maduro controla todos os órgãos públicos." Na conversa, ela intuiu o que viria a acontecer — e nem seria preciso bola de cristal. Um certo "conselho eleitoral", cujo nome é uma contradição em termos, dominado por chavistas, impediu a candidatura de Corina Yoris, que ocuparia o lugar de María Corina. A alegação: a agremiação de Yoris está registrada como movimento político, não como partido. Até mesmo Lula, amigo de todas as horas de Maduro, sentiu cheiro ruim. "Primeiro, a decisão boa de a candidata proibida pela Justiça indicar uma sucessora. Achei um passo importante. Agora, é grave que a candidata *(sucessora)* não possa ter sido registrada."

Na quinta-feira 20, deu-se uma outra invencionice: a divulgação de um documento pelo qual oito dos dez candidatos se comprometem a respeitar o resultado das eleições, visto como um subterfúgio para consolidar a vitó-

ria de Maduro, um dos signatários. O texto não foi endossado, é natural, por Edmundo González, diplomata de 74 anos, agora o principal candidato da oposição, que o descreveu como uma "imposição unilateral" e voltou a lançar dúvidas sobre a lisura do processo. Maduro reagiu: "O que quer que o juiz eleitoral diga, amém. Chega de sabotagem contra o nosso país, chega de conspirações. A Venezuela quer tranquilidade".

Não é o que ele oferece. Com o crescimento de González nas pesquisas de intenção de voto — 30% de apoio, ante 25% do atual mandatário —, o ambiente está ainda mais cinzento, com cerceamento de um preceito seminal: a liberdade de imprensa. "Apesar de prometer igualdade de acesso aos meios de comunicação, o governo intensificou o cerco a veículos independentes, assim como o controle sobre os meios estatais", diz Phil Gunson, analista do International Crisis Group. Busca-se abafar vozes contrárias e esconder o que é evidente: a miséria de um país em colapso econômico, com queda de 80% do PIB na última década e cerca de 7,7 milhões de refugiados, segundo a ONU. No Índice de Liberdade de Imprensa da ONG Repórteres sem Fronteiras, a Venezuela está na 156ª posição entre 180 países.

Na corda bamba, a caminho das eleições — ou do precipício —, brotam histórias de coragem. Duas irmãs, donas de restaurante em Corozo Pando, cidade da savana venezuelana, receberam a ex-candidata María Corina e

QUARTELADA NA BOLÍVIA

E lá vem a Bolívia descendo a ladeira de novo. Na quarta-feira 26, tanques e soldados a mando do general Juan José Zúñiga derrubaram um dos portões do Palácio Quemado, sede do governo. Era mais uma quartelada em um país que, desde o início do século XX, teve catorze presidentes depostos na marra, em golpes de Estado. Zúñiga tinha sido destituído na véspera pelo presidente Luis Arce do cargo de comandante das Forças Armadas por insubordinação, ao afirmar em rede nacional que não permitiria uma possível nova candidatura em 2025 do ex-presidente Evo Morales, que governou de 2006 a 2019. Com evidente ironia, o revoltoso disse ter agido para "reestruturar a democracia que seja uma verdadeira democracia".

O presidente — aliado antigo de Morales, mas de quem já se afastou — denunciou a movimentação ("mancham o uniforme"), nomeou um novo chefe do Exército e mexeu em todo o comando militar. O substituto de Zúñiga, José Wilson Sánchez, ordenou o retorno à caserna: "Ninguém quer ver as imagens que estamos vendo nas ruas". A situação, que parecia controlada poucas horas depois, com a prisão do mandachuva da rebelião, é um retrato esculpido em areia movediça de um desastre só comparável ao da Venezuela, com escassez de dólares e combustível — iniciado em 2006, com o primeiro dos três mandatos de Morales, afeito a vilipendiar a democracia. A ver os próximos capítulos.

PARA VARIAR...
Palácio Quemado: golpe em movimento

AIZAR RALDES/AFP

a ela e sua equipe ofereceram empanadas quentinhas. A resposta de Maduro veio horas depois — o fechamento temporário do negócio, acusado de não estar em dia com impostos e alvarás. O episódio viralizou na internet, e as irmãs viraram símbolo de desafio contra o autoritarismo. Os quitutes, vendidos agora da porta para fora, foram rebatizados como “empanadas da liberdade”. Maduro não está nem aí, na sanha pelo poder. Ele prefere enfrentar os custos das sanções econômicas anunciadas pelos Estados Unidos, por desrespeito ao acordo de Barbados, a permitir que cidadãos livres comam pastéis. ■

A DUPLA DA PÁ VIRADA

De mãos dadas com Marine Le Pen, o jovem Jordan Bardella virou popstar da política francesa e figura central no avanço previsto para a ultradireita na eleição legislativa **AMANDA PÉCHY**

O GALÃ E SUA MENTORA Le Pen e Bardella: sonhando com a maior bancada na Assembleia

RAPHAEL LAFARGUE/ABACA PRESS/ALAMY/FOTOARENA

EM UM PAÍS onde os políticos em geral recebem muito mais resmungos e narizes torcidos do que elogios, o francês Jordan Bardella, 28 anos, virou um fenômeno, ao arrastar multidões de fãs para seus comícios e redes sociais. Sua ascensão é ainda mais surpreendente pelo fato de o popstar da política francesa vir de onde vem: ele se tornou o mais potente ímã de eleitores para o Reagrupamento Nacional (RN), fachada repaginada de um partido de extrema direita que, há apenas uma década, nenhum cidadão de respeito seria pego apoiando. Bardella, 28 anos, é cria de Marine Le Pen, a "dona" do RN, que o colocou na presidência da legenda e na cabeça de chapa eleitoral. A manobra, aliada ao ressentimento de boa parte da população com a ordem estabelecida e sua animosidade em relação aos imigrantes, deve dar à legenda sua maior vitória até hoje na França, na eleição legislativa de domingo 30.

A votação foi antecipada pelo presidente Emmanuel Macron, em uma aposta de altíssimo risco que conta com a histórica aversão dos eleitores à ultradireita para, no minuto final — o segundo turno, em 7 de julho —, engolir em seco e eleger os candidatos do governo. Tenha ou não sucesso a estratégia, Bardella deve se consolidar como a cara nova da política francesa. As pesquisas para o primeiro turno indicam que a aliança centrista de Macron sairá da eleição de domingo em terceiro lugar, com 21% dos votos, superada pela Nova Frente Popular (29%), do esquerdista Jean-Luc Mélenchon, e pelo RN, com 37%.

JM HAEDRICH/SIPA/AP/IMAGEPLUS

TUDO OU NADA

Macron: aposta que põe em risco sua autoridade

Com essa distribuição, candidatos dos três grupos devem passar para o segundo turno, onde tudo será decidido. Caso a extrema direita faça a maior bancada da Assembleia Nacional, Macron, em tese, teria de indicar o líder dessa ala — justamente Bardella — como primeiro-ministro, ficando sujeito a uma “coabitação” que reduz sua autoridade e capacidade de moldar políticas. Ao se apresentar como opção contra os extremos, fórmula que adotou com sucesso em duas votações presidenciais, Macron espera que os eleitores não repitam dentro de casa o desastre do pleito para o Parlamento Europeu, em junho, quando o RN elegeu trinta deputados, e sua coligação, treze. “Bardella, mais carismático e palatável, deve ser de novo o maior arrecadador de votos”, aposta Emiliano Grossman, professor de política na Sciences Po.

Apesar da clara vantagem, é difícil que o RN salte dos atuais 88 assentos para 289 e conquiste a maioria absoluta na Assembleia Nacional. E Bardella já declarou que não

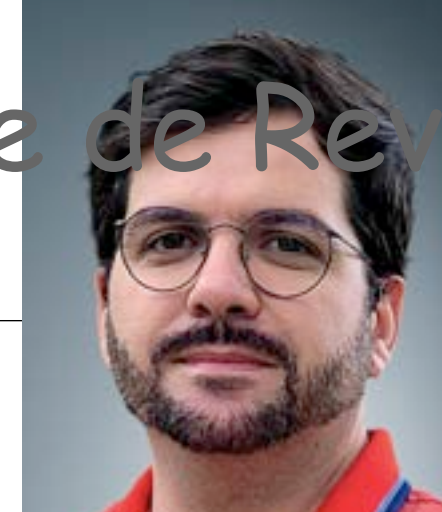
vai requerer o posto de primeiro-ministro sem essa maioria, preservando a legenda do desgaste de fazer parte do governo e apropriando-se do discurso de oposição até a eleição para presidente em 2027, que tem desde já Marine Le Pen como candidata certa. “Sem maioria, o Reagrupamento Nacional vai preferir demonstrar sua força nas urnas sem se expor aos escrutínios de quem lidera o governo”, afirma Arthur Goldhammer, do Centro de Estudos Europeus da Universidade Harvard.

Ficar onde está também contribui para manter intacta a popularidade de Bardella, que nunca ocupou cargo público. Ele milita na extrema direita desde os 16 anos e, em tempo integral, depois que abandonou o curso de geografia na Sorbonne — hoje, explora o fato de não ter diploma universitário, raríssimo na política, como prova de que não compactua com as malfaladas elites. Filho do tipo “certo” de imigrantes, Bardella (o sobrenome de origem italiana é pronunciado à francesa, Bardelá) foi criado na periferia de Paris, onde vive a população de baixa renda, embora tenha frequentado escola católica privada. “Estou na política por tudo o que vivi lá atrás”, repete sempre, lembrando dos traficantes em ação na frente do prédio.

Sua maior vantagem é não carregar o sobrenome Le Pen, de triste memória por remeter ao patriarca Jean-Marie. Aos 96 anos e afastado da vida pública em manobra da filha, continua a projetar a sombra do mais radical extremismo de direita (segundo ele, o Holocausto foi “um

detalhe" na II Guerra). Marine tratou de suavizar marcas registradas do partido — o antissemitismo, o desdém pela União Europeia, a admiração por Vladimir Putin —, dispensou o nome Frente Nacional e catapultou a influência do protegido boa-pinta. Família, porém, continua a ser assunto sério nas entranhas do RN: nas eleições internas, o ex de Marine, Louis Aliot, foi derrotado por Bardella, que mora com uma sobrinha dela — mas não a mais famosa, Marion Maréchal, que rompeu com os Le Pen e hoje está num partido mais à direita ainda, o Reconquista.

Adolescente que passava horas transmitindo ao vivo partidas de videogame em um canal do YouTube, Bardella pregou no Reagrupamento Nacional uma figura moderna, sempre vestido com ternos impecáveis. No TikTok, onde tem 1,7 milhão de seguidores, mistura vídeos de campanha com imagens comendo cachorro-quente e pescando. Sob o exterior suave movimenta-se um ultradireitista padrão. Em manifesto recém-lançado, um mix de populismo econômico com nacionalismo extremado, ele promete facilitar a expulsão de "estrangeiros islâmicos" e abolir o direito à nacionalidade francesa dos filhos de gente de fora nascidos no país (atribuir as mazelas da França aos imigrantes indesejados é o tópico número 1 de suas falas). Ameaça cortar benefícios sociais para pais de menores infratores e anuncia um "big bang" na educação para restaurar a autoridade nas escolas. Mais uma vez, a força das promessas simplistas vai triunfando sobre a racionalidade. ■

VALMIR MORATELLI

LEVANTA A POEIRA

O plano original era celebrar as três décadas de carreira com dezenas de exibições em estádios por todo o Brasil. Não deu certo. Ao perceber que a produtora responsável pela turnê não pensava como ela, **IVETE SANGALO,** 52 anos, rasgou o contrato em cima da hora. Bateu uma frustração, mas aí ela inventou de comemorar a efeméride do outro lado do Atlântico, em apresentação para 60 000 pessoas no Rock in Rio Lisboa, que recém encerrou a edição de 2024 na terrinha. "Esse aqui é mais um show extraordinário que faço. Aliás, nunca subo no palco para algo que não seja sensacional", disse a VEJA a baiana, sem qualquer trava ao tecer elogios a si mesma. Em período sabático da televisão, onde apresentou programas na Globo, ela só quer saber de música e, sim, segue firme nos palcos – inclusive com participação na versão carioca do festival, em setembro. "Não tem como não marcar esse momento em meu próprio país", afirma, ufanista.

ANDRÉ SAUDADE/ROCK IN RIO LISBOA

HELENA YOSHIOKA/ROCK IN RIO LISBOA

QUEM CANTA OS MALES ESPANTA

Em meio à eclética plateia, eis que o presidente português **MARCELO REBELO DE SOUSA** *(abaixo),* 75 anos, foi flagrado pelas câmeras embalado pelos sucessos de **ED SHEERAN,** 33 *(acima).* Não que ele quisesse não ser notado — conhecido como "o rei das *selfies",* posou ao lado de crianças e sorriu como não vem fazendo ultimamente. O político acaba de saber que o filho foi convocado a depor num processo que também o enrosca. Ele conta que o primogênito o levou a autorizar um tratamento milionário a duas crianças brasileiras, tudo a cargo do sistema público — o que o presidente teria feito sem conhecer os detalhes, só na confiança. As relações entre pai e filho estão por ora cortadas. "É imperdoável, ele sabe que tenho um cargo", queixou-se Marcelo, que, no show, entoou versos que soavam como desabafo: "As piores coisas da vida vêm de graça para nós".

ROCK IN RIO/DIVULGAÇÃO

ALVO DOS PURISTAS

Produtor musical, compositor e cantor, **ZÉ RICARDO,** 53 anos, tem a espinhosa missão de montar a grade de atrações do festival e, de quebra, lidar com a ira de quem fica de fora. No papel de vice-presidente artístico, foi ele que bateu o martelo sobre a decisão de chamar Chitãozinho & Xororó para a edição de setembro, no Rio. Os puristas de plantão estrilaram ao saber que o sertanejo invadiria a área do rock. "É um gênero que não dá mais para ignorar e estamos abertos a ele", justificou Zé Ricardo, um mestre das saias justas e dos improvisos. Em 2022, por exemplo, teve de achar solução rápida para cobrir a lacuna deixada em cima do laço por Fernanda Abreu, protagonista de um dos palcos, que ficou subitamente sem voz. "Tive que botar os outros artistas para cantar mais do que o previsto", lembra. Nada disso o abala. "Sou zen", garante.

VALMIR MORATELLI

A DONA DA FESTA

VALMIR MORATELLI

Filha de Roberto Medina, o criador do Rock in Rio, **ROBERTA MEDINA,** 46 anos, desfilava suas madeixas com mechas azuis enquanto zelava para que nada desandasse em meio à complexa logística. À frente da edição portuguesa do festival, desde 2017 ela fincou morada nos arredores do Tejo, com o marido e os filhos. "Viajar o tempo todo estava ficando difícil", explica. É de lá, portanto, que a empresária é acionada para apagar frequentes incêndios, que vez ou outra ganham escala nas redes, como as queixas de artistas que se sentem por alguma razão desprestigiados. A última rusga veio de Anitta, que, após apresentações no evento, reclamou que os brasileiros têm papel secundário na festa e que, tão cedo, não daria as caras no Rock in Rio. Paciente, Roberta suaviza o tom e segue firme no plano de contar com a cantora em uma das próximas edições. "Espero convidá-la, adoro Anitta, mulher incrível, uma potência", elogia, pondo panos quentes na polêmica.

A VIDA É UM FADO

Dona da música mais executada no aplicativo Spotify em Portugal, *Sagrado Profano,* **LUÍSA SONZA,** 25 anos, levou toda prosa o novo namorado, o médico lisboeta Luís Ribeirinho, 29, ao festival, onde fez uma das mais animadas aparições no palco. "É muito louco minha música atravessar o oceano", dizia a cantora, ouvindo ao fundo uma multidão que entoava trechos de seu hit. "Me sinto uma diva pop", deslumbrou-se a gaúcha, que desencavou dos anos 1990 um look inspirado no inesquecível *Thelma & Louise.* Depois de expor sob os holofotes nacionais uma traição do ex-namorado, agora Luísa anda resoluta — Luís, que não se cansava de ciceroneá-la, prometeu ir todo mês ao Brasil. Sofrimento, por ora, só mesmo o desencadeado pela saudade dos numerosos pets com nomes de figuras que admira, entre as quais Elis Regina (uma gata) e Gisele Bündchen (uma pinscher). "Sofro muito sem eles", desabafa. ■

ANDRÉ SAUDADE/ROCK IN RIO LISBOA

FOGO, DESTRUIÇÃO E DESCASO

Antes mesmo de a temporada de seca começar, incêndios devastam o Pantanal com intensidade inédita, ameaçando sua existência. O drama: há poucas medidas de prevenção e vigilância à vista

ERNESTO NEVES E **VALÉRIA FRANÇA**

FUMAÇA E CHAMAS Brigadistas combatem incêndio nos arredores de Corumbá: focos surgem em toda parte

BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

CAPA: BETO NEJME. FOTO DE MAIRINCO DE PAUDA/CPA-CBMMS

CONSUMIDO PELAS CHAMAS

O Pantanal enfrenta temporada recorde de incêndios

Cuiabá
MT
BOLÍVIA
PANTANAL
MS
PARAGUAI
ÁREA QUEIMADA NO PANTANAL (2024)

627 000

HECTARES É A ÁREA DE MATA JÁ DESTRUÍDA EM 2024, SUPERIOR A QUATRO CIDADES DE SÃO PAULO, A MAIOR DA SÉRIE HISTÓRICA

3 260

SÃO OS FOCOS DE COMBUSTÃO NA REGIÃO

17 MILHÕES

DE REAIS É O PREJUÍZO ESTIMADO PELA AGROPECUÁRIA

Sob temperaturas que ultrapassam os 50 graus, Manoel Garcia da Silva, 37 anos, chefe da Brigada Alto Pantanal, mantida pela ONG Instituto Homem Pantaneiro, enfrenta há semanas uma batalha inglória. Silva e sua equipe lutam para salvar das chamas o Corredor das Onças-Pintadas, nos arredores da remota Serra do Amolar, em Mato Grosso do Sul, região de riquíssima biodiversidade (3 500 espécies de animais) que agora se vê cortada por uma muralha de chamas. “A gente combate até o limite da exaustão”, desabafou o brigadista a VEJA. “Podemos demorar dois dias inteiros para apagar um único foco, e há centenas deles, em risco de vida.”

Garcia faz parte de um esforço concentrado, sem pausa e interminável, para conter os incêndios que há noventa dias devastam o Pantanal — 500 homens e mulheres, junto com contingentes das Forças Armadas, empenhados em uma luta sem trégua que só na última semana envolveu a identificação de mais de 3 200 novos pontos de combustão. Atormentado por uma combinação de infortúnios, que vão de inclemência climática a má gestão no uso da terra, passando pela negligência de todas as esferas de governo, o Pantanal queima em velocidade sem precedentes, correndo o risco de, no futuro, sumir do mapa.

É até irônico que, nas últimas semanas, o epicentro dos extremos climáticos que ameaçam o mundo com o incêndio de vastas extensões se situe justamente na maior planície alagada do planeta. Espalhado por 210 000 quilômetros

PABLO PORCIUNCULA/AFP

NÉVOA NO HORIZONTE Ponte sobre o Rio Paraguai: fogo na superfície e no subsolo

quadrados nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, no Brasil, além de partes da Bolívia e do Paraguai, o Pantanal sempre seca e depois incendeia nesta época do ano. A propagação do fogo, contudo, se acelerou nas últimas temporadas, produzindo imagens dilacerantes, que agora atingem seu apogeu. O desastre se deve, em parte, à fúria da natureza impactada pelas mudanças climáticas. Esturricado por uma estiagem que já dura seis anos e que reduziu a superfície inundada em 60%, assolado por ondas de calor intensificadas pelo efeito estufa e, nestes meses, ainda alvejado pelo fenômeno El Niño, que aquece o oceano e altera a umidade e o calor nos trópicos, o bioma viu sua vegetação converter-se em palha altamente inflamável.

Resultado: antes mesmo do início da temporada de queimadas, em julho, o ecossistema estava sitiado por labaredas que superam os 3 metros de altura, avançam ao ritmo de 3 quilômetros por hora e já calcinaram área equivalente a quatro municípios de São Paulo — 1 500% maior do que a afetada no mesmo período do ano passado (*veja o quadro*). Nesse compasso, os incêndios vão superar com folga a tragédia de 2020, até então a pior da história, quando 30% do bioma virou cinza e 17 milhões de animais morreram. “As análises previam um aquecimento de até 2 graus na média da região até 2060. Isso já está acontecendo e é assustador”, diz Christian Berlinck, biólogo que coordena a Prevenção e Combate a Incêndios do Instituto Chico Mendes (ICMBio).

Na atual temporada de fogo, nenhum ponto sofre tanto com o desastre quanto Corumbá, município a 420 quilômetros de Campo Grande onde se localizam 85% dos focos. Desde 4 de junho, os 112 000 habitantes convivem com uma nuvem de fumaça proveniente de labaredas que viralizaram em um vídeo recente, por sua proximidade com uma festa de São João. Viúva e mãe de oito filhos, Virginia Paz, 53, converteu-se em voluntária para tentar apagar as chamas. “Não consigo dormir com os gritos das aves. Elas voam desesperadas, não têm onde pousar”, lamenta.

Com o horizonte tomado pelas chamas, moradores fazem o que podem para tentar escapar da fuligem carregada de monóxido de carbono, um gás tóxico que afeta princi-

ARQUIVO PESSOAL

FUGA DE HÓSPEDES

“Estamos longe dos incêndios, mas os clientes estão cancelando por medo. Dos quarenta turistas com reservas, só apareceram dezoito.”
Rosana Pedraza, dona da hospedagem Jungle Lodge

palmente crianças e idosos, podendo desencadear problemas respiratórios e cardiovasculares. “O jeito é se trancar em casa. Mas a fumaça penetra por qualquer fresta”, diz a auxiliar administrativa Sildemara Dias, 45, que, assim como os filhos Joabe, 13, e Emanuel, 17, tem crises de bronquite e falta de ar. A nuvem de partículas produzida pelos megaincêndios viaja centenas de quilômetros, alcançando Paraná, São Paulo e Santa Catarina, e, segundo os meteorologistas, deve piorar nos próximos dias devido à mudança na direção do vento. Um plano de contingência prevê o fechamento dos aeroportos de Campo Grande e Corumbá.

Além de lançar toneladas de carbono na atmosfera e, portanto, acelerar o efeito estufa, os incêndios afetam toda a economia pantaneira. Base do desenvolvimento sustentável da região, o ecoturismo se vê encurralado pelo desastre — na estrada Parque Pantanal, que fica a 60 quilômetros de Corumbá e passa por dentro da mata, as pousadas que trabalham com pesca esportiva e turismo ecológico estão vazias. “Passo o dia mandando fotos para meus clientes, para comprovar que não há fogo aqui. Mesmo assim, hoje só tenho dezoito dos esperados quarenta hóspedes para esta época do ano”, diz Rosana Pedraza, dona do hotel Jungle Lodge. “Pelo amor de Deus, não vamos deixar o Pantanal acabar”, clama, revoltada. É grito necessário. Sem assistência adequada, os proprietários organizam brigadas e sistemas de vigilância, como fez Rita Jurgielewicz, do Hotel Fazenda Baía das Pedras, em Aquidauana, que depois da tra-

ARQUIVO PESSOAL

NA LINHA DE FRENTE

"Nossas incursões são em áreas remotas, com muitos focos. Corremos risco de vida e lutamos até o limite da exaustão para apagar as labaredas."
Manoel Garcia da Silva, chefe brigadista

gédia de 2020 se juntou a outros 22 hoteleiros para formar uma frente anti-incêndios. "Compramos maquinário e fizemos treinamento com os funcionários", diz ela.

Combater as chamas no Pantanal é tarefa de altíssima complexidade, sem paralelo com nenhum outro tipo de vegetação. Na Amazônia, no Cerrado e na Mata Atlântica, o fogo se alastra pela copa das árvores, sendo possível visualizar as labaredas a quilômetros de distância. No Pantanal, a propagação se dá também no subsolo, de forma praticamente invisível, quando as chamas atingem uma espessa camada de vegetação em decomposição, depositada ali ao longo de milênios pelas enchentes. Essa massa vegetal, chamada de turfa, é úmida e no passado servia para conter o avanço do fogo. Agora, porém, está ressecada por força de uma ação a quilômetros de distância: o desmate da Amazônia. As chuvas que caem no Pantanal têm origem na floresta. A mata tropical retira água do solo e emite vapor por suas folhas, que sobe e forma canais de umidade na atmosfera, os poeticamente denominados rios voadores, levados por correntes de ar até a região pantaneira, onde desabam na forma de chuvas. O desmatamento enfraquece os canais, reduz a precipitação e seca o solo. "Está tudo conectado. A derrubada da Amazônia afeta em cheio o Pantanal e está deixando todo o Brasil mais quente e seco", diz José Marengo, climatologista do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais.

ARQUIVO PESSOAL

MUTIRÃO ANTIFOGO

"Não durmo com os gritos das aves. Nossa comunidade formou um grupo de brigadistas e agora todos ajudam no combate aos incêndios."
Virginia Paz *(na frente)*, com a amiga **Deniu de Souza**

O regime hídrico pantaneiro sofre ainda com a destruição de outro bioma nacional, o Cerrado, uma região elevada onde nascem centenas de rios — daí o apelido de caixa-d'água do Brasil. Também lá, a ação do homem contribui para atiçar as chamas no Pantanal. Em quatro décadas, o Centro-Oeste converteu-se em uma potência agrícola, desmatando mais de 110 milhões de hectares de mata, metade do total, para dar lugar ao cultivo extensivo sobretudo de soja, milho e cana-de-açúcar. Assim, sem a devida fiscalização, os rios pantaneiros que nascem no Cerrado minguaram. De acordo com o MapBiomas, rede que envolve universidades, ONGs e empresas de tecnologia, o Pantanal perdeu 61% de sua superfície de água entre 1985 e 2023, em catástrofe de consequências imprevisíveis. "Os impactos são enormes. A fauna e a flora não estão adaptadas a essa nova realidade e correm o risco de desaparecer no futuro", alerta Lincoln Alves, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Principal responsável pela escalada dos incêndios, a agropecuária sofre, ela própria, com as perdas impostas pelo fogo sem controle — calcula-se um prejuízo de 17 milhões de reais em 2024. Ao contrário dos incêndios florestais que acontecem na Europa e nos Estados Unidos, em sua maioria resultado de fenômenos naturais, como raios, no Brasil o pavio está quase sempre localizado nas queimadas realizadas para limpar terreno. No Pantanal, até décadas atrás, essa prática ficava restrita a extensões curtas. Mas, diante do novo normal climático, o fogo foge ao controle

ARQUIVO PESSOAL

AR CONTAMINADO

"Estamos há vinte dias trancados em casa para fugir da fumaça. Mas ela entra pelas frestas e sofremos com falta de ar."
Sildemara Dias com os filhos, **Joabe** e **Emanuel**

rapidamente, espalhando-se em velocidade exponencial. Essa irresponsabilidade assume tons ainda mais dramáticos quando se considera que, na região pantaneira, 95% do território é privado e de dificílimo monitoramento.

Impedir a ocorrência de incêndios é impossível, mas eles podem ser controlados e seu impacto minimizado se houver um esforço coordenado de governos, população e fazendeiros. A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, anunciou a criação de um gabinete de crise que envolverá dezenove ministérios e terá 100 milhões de reais em recursos. Sete aeronaves foram destacadas para jogar água nas fogueiras. Lideranças locais reclamam, no entanto, que o governo só age depois da tragédia, em vez de apostar em prevenção e vigi-

BRUNO ROCHA/FOTOARENA

ORIGEM Floresta Amazônica: desmatamento reduz rios voadores e contribui para a falta de chuvas no Pantanal

lância. A identificação de focos atualmente depende de imagens de satélite, o que, no caso do Pantanal, pode demorar seis horas, tempo de sobra para o rastilho correr.

O governo de Mato Grosso do Sul afirma ter cobrado 54 milhões de reais este ano em multas por incêndios ilegais, mas a infração é invariavelmente contestada na Justiça. Um mecanismo alardeado como novidade promissora foi a introdução de um programa de queimadas controladas preventivamente, para reduzir a vegetação seca antes da temporada das chamas, mas o plano acabou adiado, deixando a palha se acumular nos campos. "O governo precisa dar respostas mais rápidas", alerta Cyntia Santos, analista de conservação do WWF-Brasil. Se nada for feito, 2024 terminará como triste amostra do que o futuro reserva para o Pantanal: um paraíso arrasado pelo descuido. ■

NÃO É CLARO COMO O SOL

Um dos suplementos mais consumidos no planeta – e em alta desde a pandemia –, a vitamina D ganha novas diretrizes internacionais e passa a ser indicada a grupos específicos

PAULA FELIX

REGRA NÍTIDA
Cápsulas e gotas: desnecessárias para adultos saudáveis

HELIN LOIK-TOMSON/ISTOCK/GETTY IMAGES

SUA HISTÓRIA já nasceu em meio a controvérsias. Descoberta no início do século XX como a peça-chave que faltava no organismo de crianças com raquitismo, ela foi erroneamente classificada como uma vitamina. Duas décadas depois, cientistas entenderam que se tratava de um tipo de hormônio, mas a alcunha já tinha pegado. Era a vitamina D, uma molécula que, quase seis décadas depois que começou a ser sintetizada em laboratório, ganhou ares de panaceia. Com a humanidade cada vez mais enfurnada em ambientes fechados, a substância produzida naturalmente pelo organismo com a exposição solar teria atingido níveis deficitários em massa. E a solução, fácil, seria na forma de suplementos. Alguns médicos e pacientes passaram a enxergar nas cápsulas e gotinhas uma fórmula para prevenir e até sanar um extenso rol de doenças — de câncer a distúrbios autoimunes, passando por infecções. Na pandemia de covid-19, o produto foi alçado a escudo contra o vírus — sem evidências robustas favoráveis — e as vendas estouraram de vez.

Sim, muita gente se beneficia da suplementação, mas repor vitamina D não é algo indicado a todo mundo nem isento de riscos quando feito sem orientação médica. Ciente das polêmicas, a Endocrine Society, entidade que representa a classe da endocrinologia internacionalmente, acaba de atualizar as regras do jogo, estabelecendo os grupos que realmente tiram proveito do hormônio, como crianças, adolescentes, gestantes e idosos, a fim de evitar prescrições e usos desnecessários e

até nocivos. As diretrizes foram elaboradas por um painel de especialistas, que analisou os principais estudos sobre o tema e as questões de acesso e saúde pública pertinentes. Depois de quatro anos de trabalho, o guia pretende ser o mais universal possível, visando corrigir tanto o problema da deficiência do hormônio quanto o emprego indiscriminado. “A revisão da literatura informa não fazer sentido recorrer a cápsulas e gotas para prevenir doenças entre adultos saudáveis”, diz a endocrinologista Marise Lazaretti-Castro, professora da Unifesp, uma das autoras do documento. “É diferente do que recomendamos a pacientes com osteoporose e outras condições ósseas, que necessitam do suplemento.”

ZORAN ZEREMSKI/ISTOCK/GETTY IMAGES

NOS EXTREMOS Efeito protetor: substância é orientada a crianças e idosos

Os experts identificaram, pelos dados avaliados, um excesso na solicitação de exames para checar os níveis da substância no sangue — fenômeno amplificado após a onda de covid-19. Ainda que a vitamina D participe do nosso sistema de defesa, no período pandêmico o suplemento integrou, sem nenhuma comprovação, coquetéis para imunidade e kits de tratamento precoce. Não por menos, entre 2020 e 2022, as vendas dobraram. Em São Paulo, a demanda por testes para avaliar as taxas no corpo aumentou 14% no primeiro semestre do ano passado em relação ao mesmo período de 2022 na rede estadual. O exame nem sempre é fornecido pelo SUS ou coberto por convênios.

Com base nas pesquisas disponíveis, a Endocrine Society atesta a importância da reposição na população de 1 a 18 anos, não só para evitar o raquitismo, mas também

A NOVA RECOMENDAÇÃO

Medida evita uso indiscriminado de suplementos e excesso de exames para medição do hormônio

IDADE 1 A 18 ANOS

INDICAÇÃO Indicação de alimentos fortificados, formulações vitamínicas ou suplementos

DOSAGEM 1200 UI* OU 30 MICROGRAMAS POR DIA

* Unidade internacional

para minimizar o risco de infecções respiratórias. Com jovens imersos em celulares e videogames, sem contato com o sol, a principal fonte do hormônio crítico para a absorção de cálcio e a formação óssea, a prescrição para adolescentes ganhou força. “A diretriz reforça que alguns grupos devem tomar a vitamina D em doses baixas e diárias sem a necessidade de dosá-la no sangue”, diz o endocrinologista Sérgio Maeda, presidente da Associação Brasileira de Avaliação Óssea e Osteometabolismo (Abrasso). A orientação se destina aos mais novos, a idosos acima de 75 anos, a gestantes (a fim de precaver complicações maternas e fetais) e a indivíduos com pré-diabetes em risco de evoluir para a doença em si.

Para os adultos saudáveis na faixa de 19 a 74 anos, a regra geral é que não há necessidade de se submeter a exa-

ADULTOS SAUDÁVEIS	MAIS DE 75 ANOS
Não é indicado e não precisam de testes de rotina	Indicação de alimentos fortificados, formulações vitamínicas ou suplementos
—	800 UI OU 20 MICROGRAMAS POR DIA

mes nem fazer uso de suplemento, muito menos por conta própria. “A vitamina D tomou um aspecto de bala de prata, capaz de curar tudo, mas requer prescrição, assim como fazemos com qualquer outra reposição hormonal”, afirma o endocrinologista Carlos Eduardo Barra Couri, pesquisador da USP de Ribeirão Preto. Isso porque a utilização sem critério e em altas doses oferece ameaças à saúde. “Ela pode causar, entre outras coisas, intoxicações, pedras nos rins, convulsões, arritmia e insuficiência cardíaca.” As novas normas chegam em um momento propício, em que a população é convocada a depender menos de pílulas e telas e a adotar um estilo de vida mais ativo, de preferência ao ar livre. Eis o primeiro consenso. O segundo é que suplementos e medicamentos são, sim, muito bem-vindos, desde que você precise deles. ■

GRÁVIDAS	PESSOAS COM PRÉ-DIABETES
Indicação de alimentos fortificados, formulações vitamínicas ou suplementos	Mudanças no estilo de vida
2 500 UI OU 63 MICROGRAMAS POR DIA	1000 UI OU 25 MICROGRAMAS POR DIA

Fonte: *Endocrine Society*

DEAGOSTINI/GETTY IMAGES

MAL ENCARNADO Pintura de Luca Signorelli, do século XVI: o pregador diabólico

O ARAUTO DA DISCÓRDIA

Figura emblemática do mal ligada aos temores do fim do mundo, o Anticristo ganha uma biografia que revela suas metamorfoses e identidades ao longo da história **DIOGO SPONCHIATO**

DIZ A PROFECIA que ele seduzirá e arrebanhará multidões, reinará e perseguirá os fiéis até que Jesus Cristo retorne à Terra para botar um ponto-final nas hordas das trevas. Mas há quem tenha pregado que sua figura já esteve entre nós, personificada por gente de carne e osso como Nero, Maomé, Napoleão, Hitler e Bin Laden, ou escondida nos centros do poder de instituições como a própria Igreja romana e na engrenagem burocrática da União Soviética. Não espere, contudo, consenso sobre a identidade e os desfeitos do príncipe da discórdia. Eis uma das principais lições sobre o "mal encarnado" dadas pelo professor emérito de história da religião Philip Almond, da Universidade de Queensland, na Austrália, no recém-lançado *O Anticristo: uma Biografia* (Editora Vozes).

O percurso desse ser nascido como a antítese de Jesus remonta às primeiras décadas do cristianismo. Se o filho de Deus viveu entre nós, o herdeiro de Satanás também estaria à espreita. A primeira menção ao nome data de cerca de setenta anos depois da morte de Cristo, na primeira Epístola de João. A partir daí, teólogos e profetas passaram a vaticinar quando ele viria ao mundo, naquilo que seria

PHILIP C. ALMOND
O ANTI-
Uma biografia
CRISTO
EDITORA VOZES

O ANTICRISTO: UMA BIOGRAFIA,
de Philip Almond (tradução de Bruno Gambarotto; Vozes; 344 págs.; 97 reais e 72,80 reais em e-book)

o marco do ocaso dos tempos. Aí residem o êxito e a sobrevivência do mito ao longo dos séculos e entre diferentes culturas. “Ele é uma figura escatológica, isto é, alguém cuja aparição sinaliza o fim do mundo”, disse Almond a VEJA. “As preocupações com esse evento, seja por meio de um holocausto nuclear, seja por um desastre ambiental, levam as pessoas a se perguntar quem poderá ser o Anticristo agora.” Os ingredientes da profecia foram colhidos de textos bíblicos como o *Livro de Daniel,* no Velho Testamento, e o *Apocalipse*, do Novo Testamento, que, apesar de descrever o fim de tudo, não cita o personagem.

Fato é que o Anticristo sofreu inúmeras metamorfoses. Entre tantas versões deixadas para a posteridade, ganhou evidência a ideia de um ser humano parido de uma mulher possuída pelo Diabo, nascido na Babilônia e oriundo da tribo de Dã, uma das doze ramificações judaicas. Ele assassinaria santos profetas que retornariam à Terra para alertar sobre o mal iminente, corromperia os povos com seus embustes — poderia até ressuscitar mortos! —, mas seria derrotado por Jesus Cristo e seu exército celestial, abrindo caminho à eleição dos justos para o Céu e à condenação eterna dos pecadores no Inferno. Mas não há versão oficial: uma delas dá conta de que o inimigo seria trucidado pela espada do Arcanjo Miguel, por exemplo.

Na trajetória narrada por Almond, duas correntes sobre o Anticristo se entrelaçam: uma que vê manifestações do príncipe maligno no passado — ele teria se revelado como Nero e Napoleão Bonaparte —, outra que vislumbra seu rompante

HERITAGE ART/GETTY IMAGES

DÉSPOTA Napoleão Bonaparte: a exemplo de Nero e Hitler, associação com Satanás

em um futuro não tão distante. Também se discute de onde ele emergiria. "A descoberta mais fascinante durante a pesquisa para o livro foi que, desde o ano 1000, o Anticristo se dividia entre uma figura dentro da Igreja Católica, especialmente o papa, ou fora dela, como um déspota autoritário", diz Almond. "Mas, desde meados do século XIX, o Anticristo papal desaparece e permanece só a figura secular."

Embora a história tenha sido concebida e nutrida nas franjas da Igreja, cujos pregadores atribuíram a identidade do vilão a muçulmanos, judeus e outros "infiéis", os reformadores

ARTONO/SHUTTERSTOCK

ACUSADOR Lutero: reformador atribuiu a figura do inimigo ao papado

— “hereges”, na visão da cúria — buscaram lançar o epíteto contra o próprio papa e a instituição, acusados de hipocrisia e deturpação dos ensinamentos bíblicos. Martinho Lutero está entre os que engrossaram a fileira — e, não à toa, ele mesmo foi associado, pelos seus críticos, ao emissário das trevas. Em paralelo, pairava no ar a ameaça de um tirano maligno, encarnada em imperadores romanos a perseguir cristãos e, posteriormente, em ditadores como Hitler, Mussolini e Saddam Hussein. “Acredito que o Anticristo substituiu o Diabo como arquétipo do mal na cultura ocidental. Ele atende ao desejo de

TWENTIETH CENTURY FOX FILM/CORBIS/GETTY IMAGES

SUCESSO DE PÚBLICO *A Profecia:* filme sobre o filho do capeta

ser identificado com figuras políticas atuais, seja literal, seja metaforicamente”, afirma Almond. O mito se atualizou no século XX com direito à passagem pelo cinema — quem não se recorda do menino Damien, de *A Profecia* (1976)? — e como influência satânica a ser esconjurada em palanques e cultos. No fundo, como já defendiam alguns teólogos séculos atrás, antagonizamos o outro, mas esquecemos que as forças do bem e do mal podem habitar cada um de nós. A ideia do Anticristo persiste, colada ao temor do fim dos tempos, em permanente desafio à ética e à bondade humanas. ■

SE ESSA CATEDRAL FALASSE...

A Notre-Dame, a joia gótica de Paris, não terá a reforma pronta antes dos Jogos, mas já brinda o olhar com a fachada recuperada e exibições que revelam seus tesouros **CAIO SAAD**

ANTOINE BOUREAU/HANS LUCAS/AFP

ESPETÁCULO A CÉU ABERTO Notre-Dame: vale se demorar admirando os detalhes do exterior restaurado

AOS POUCOS, os tapumes vão cedendo lugar em Paris à visão panorâmica de monumentos recauchutados para a Olimpíada, que começa em 26 de julho, entre eles a onipresente Torre Eiffel, que, de tinta nova, recobrou o brilho original. Um dos mais visitados cartões-postais da cidade, porém, seguirá de portas fechadas durante os Jogos — a Notre-Dame, catedral que orna lindamente com o Rio Sena e ajuda a contar eletrizantes capítulos da história. O belo exemplar gótico, posto de pé entre os séculos XII e XIV, resistiu a vandalismos, guerras e à Revolução Francesa, quando os insurgentes converteram o potente símbolo da cristandade em Templo da Razão, derretendo seus icônicos sinos, aqueles vigiados de perto por Quasímodo, o inesquecível corcunda da obra de Victor Hugo. Em 2019, o resiliente prédio, que passava por uma reforma, foi devastado por um incêndio, provavelmente causado por um curto-circuito ou uma guimba de cigarro. A ideia inicial era reconstruí-lo até a temporada olímpica, mas, entre atrasos e polêmicas, a reabertura ficou para dezembro deste ano.

Não significa que não se poderá desfrutar a igreja, seja apreciando sua imperdível fachada, nos últimos retoques, seja fazendo um passeio por suas obras em uma exposição que exibe preciosidades resgatadas em meio ao fogo. Abrigada no museu Mobilier National, a mostra *Grands Décors Restaurés de Notre-Dame* tem entre seus destaques treze grandes pinturas que compõem a série *Mayos*, parte

TALLER DE PIERRE DAMOUR, CHARLES POËRSON

PEDIDO REAL Tapeçaria de 1637: a encomenda foi de Luís XIII

do lote que a guilda de ourives parisienses ofereceu à catedral a partir do século XVII. Restauradas, as peças serão postas nas capelas laterais, preservando o plano de deixar a nave sem nenhuma interferência. Uma série de gigantescas tapeçarias, delicadamente tecidas na Bélgica e na França, também está no rol dos tesouros da coleção. Em 1637, Luís XIII as teria encomendado depois de pedir à Virgem Maria que reinstaurasse a paz no reino e lhe abençoasse com um herdeiro (que viria a ser ninguém menos que o Rei Sol). Atendido, ele pediu que os tapetes girassem em torno da trajetória da santa e prometeu de quebra um altar novo em folha para a Notre-Dame.

DIVULGAÇÃO

SALVAS PELO GONGO Exibição: estátuas preciosas escaparam das chamas

Trazer essas e tantas outras peças de volta à vida consumiu dois anos de trabalho envolvendo cinquenta profissionais, que se dedicaram ao serviço em local secreto, para manter a segurança da missão. Muitas estruturas que sucumbiram — o altar de Luís XIII, o batistério e o púlpito — também estão sendo refeitas, tendo como referência detalhados desenhos e fotos de como eram, esses também iluminados pela exposição. “Da tragédia surgiu uma oportunidade para pesquisar e entender melhor o acervo que decorava e mobiliava o templo”, disse Emmanuel Pénicaut, diretor das coleções do Mobilier National.

No esforço de contar a saga de artesãos, engenheiros

e arquitetos na recuperação da igreja, uma outra exposição, na Cité de L'Architecture, no Trocadéro, leva o observador a mergulhar em processos e técnicas de construção do presente e do passado, um percurso repleto de surpresas. "O incêndio revelou que a nave da catedral foi reforçada com numerosas armações de ferro até então desconhecidas, fazendo da Notre-Dame pioneira no século XII. A toda hora descobrimos algo novo", conta Maxime L'Héritier, professor de história medieval da Sorbonne, em Paris.

O visitante é ainda brindado com estátuas dos doze apóstolos e dos quatro evangelistas que o arquiteto Eugène Viollet-le-Duc projetou e agrupou em torno do pináculo enquanto trabalhava em uma radical reforma da igreja, em 1860. A agulha que coroa o edifício tombou durante o incêndio numa cena de horror (boa notícia: uma novinha já está de volta ao lugar, com o galo no topo e tudo) — e o conjunto de estátuas só se salvou porque estava em restauro à época. Empregando um recurso cada vez mais utilizado em museus, a exposição oferece no final uma trilha virtual ultrarrealista pela Notre-Dame antes e após o fogo, explorando das capelas ao telhado e simulando a ação do fogo e da água.

Desde o início, a reconstrução da catedral, erguida onde ficava o templo pagão de Júpiter quando os romanos davam as cartas ali, coleciona polêmicas. Elas são atiçadas pelo duelo entre quem quer ver tudo como era e os

que gostariam de dar novos ares ao prédio, turma que vem perdendo até agora. Já se propôs colocar lado a lado pinturas contemporâneas e antigas, produzir efeitos de iluminação na nave e instalar bancos com rodinhas — tudo derrubado pela ala em prol de recriar *ipsis litteris* o passado. A contenda atual gravita em torno da ideia de escolher um artista para refazer os vitrais sob um olhar moderno, defendida pela própria igreja e pelo presidente Emmanuel Macron. “Querem *disneyficar* a catedral”, queixam-se os irados opositores. Por ora, a corrente a favor da mudança está vencendo, com um edital em andamento. Certo mesmo é a abertura de um museu bem ao lado da catedral, previsto para 2026, exibindo seus tesouros hoje longe do olhar do público por falta de espaço. E assim a Notre-Dame vai escrevendo mais um capítulo de sua admirável jornada. ■

PARE AGORA

Em meio a testes para fazer fluir o trânsito, grupos de pesquisadores sugerem a criação de uma quarta luz nos semáforos como adaptação aos carros autônomos, que logo circularão pelas cidades **LUIZ PAULO SOUZA**

INOVAÇÃO
Depois de mais de um século: vermelho, amarelo, verde e... branco: solução?

DIVULGAÇÃO

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL havia deixado sementes. Em 1868, as carruagens invadiram ruas e avenidas pela Europa. Na Inglaterra, ponta de lança do movimento urbano, os congestionamentos viraram um problemão. E então os britânicos tiveram a ideia de criar o semáforo. O primeiro foi instalado na Praça do Parlamento, para permitir a passagem segura dos pedestres. O experimento funcionou por algum tempo, mas acabou sendo suspenso em razão de uma falha na emissão do gás usado para acender as luzes, que indicavam apenas os sinais de "vá" ou "espere". Os luminosos de trânsito reapareceriam nos anos 1920, nos Estados Unidos. Desde então, o sistema não mudou: sinais elétricos coloridos — protegidos por tratados internacionais — indicam que os motoristas devem parar (vermelho), ficar atentos (amarelo) ou acelerar (verde). Cem anos depois, enfim, há uma proposta de atualização. Na iminência da popularização de veículos autônomos, cientistas sugerem a adição de uma luz extra, branca.

A ideia é simples. Carros autônomos, sem motoristas, atrelados a algoritmos poderosos, serão capazes de se comunicar entre si e com o sistema de gerenciamento de transporte, tomando decisões em tempo real, com fluxo mais eficiente. Quando houver veículos inteligentes nas ruas, as luzes brancas se acenderão, indicando ao motorista ao volante, em um carro tradicional, logo atrás, que apenas siga o veículo à frente, totalmente computadorizado. Com uma rede de carros capazes de autorregular o vaivém, os atrasos

ISTOCK/GETTY IMAGES

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL Troca de dados entre os veículos: o apoio em algoritmos pode favorecer o fluxo urbano

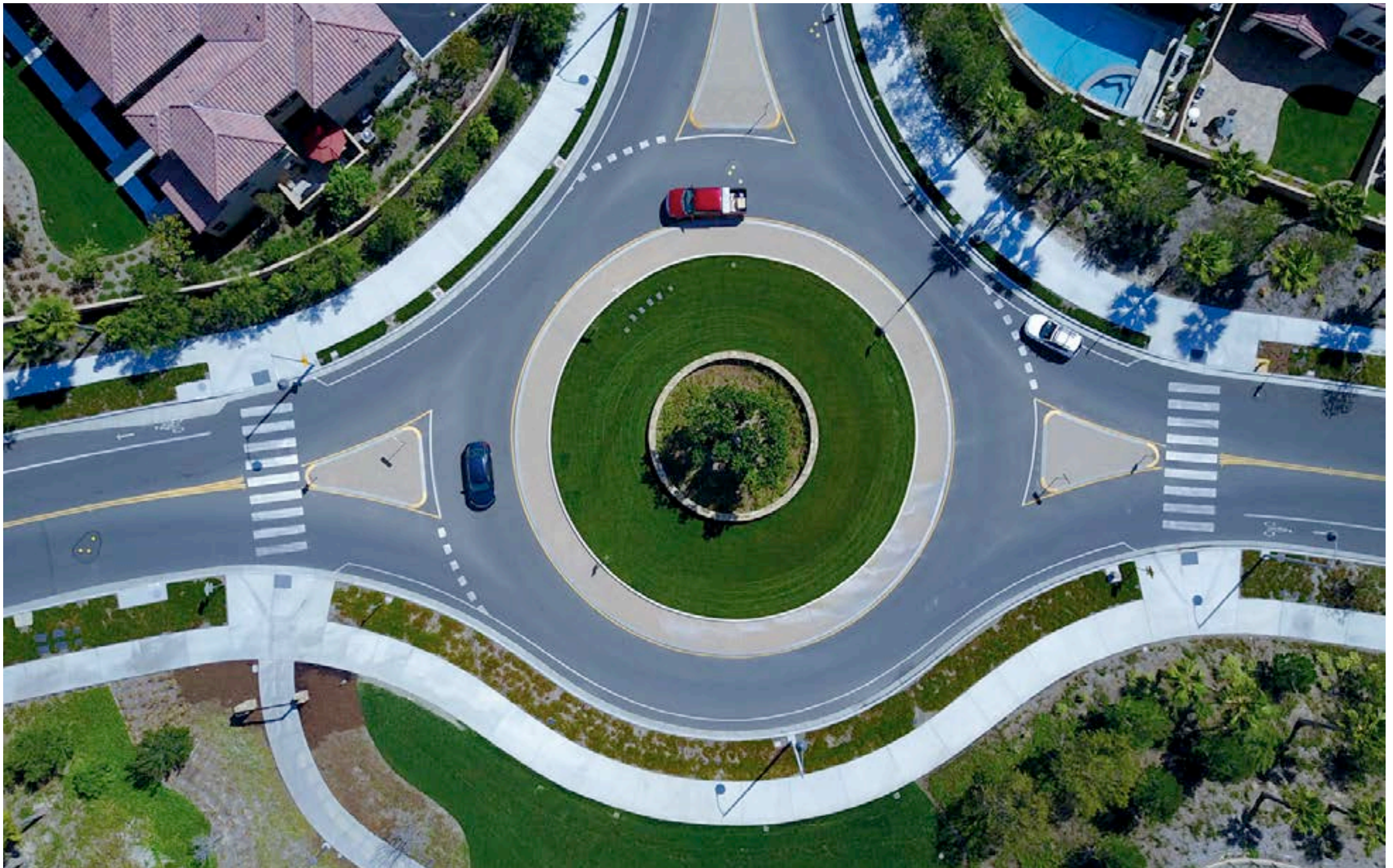
causados pelos congestionamentos poderiam ser reduzidos em até 99%, sugerem os pesquisadores. É uma promessa tentadora. A proposta, testada apenas em cenários virtuais, porém, alimenta preocupações. “Matematicamente, o modelo funciona, mas não dá para deixar de lado o fator humano”, diz o consultor e engenheiro de transportes Sergio Ejzenberg. “Hoje sabemos que semáforos muito complexos ou com contagem regressiva causam comportamentos prejudiciais nos condutores. O acréscimo da quarta cor, alva, certamente seria mais um complicador.”

Contudo, ainda que a expansão do parque autônomo demore, é certo que logo mais esses veículos invadirão as me-

trópoles, apesar da descrença atual e dos fracassos. Os engarrafamentos tendem a aumentar. E, sobretudo, pode haver confusão resultante da mistura de modelos antigos, com gente de carne e osso no comando, e modelos inovadores. A busca para resolver a equação, portanto, é bem-vinda, em desafio que tira o sono dos profissionais especializados em respostas para fazer a coisa andar, simples assim.

O trânsito é um nó, e atire a primeira pedra quem nunca ficou nervoso dentro de um veículo encurralado. Em parceria com empresas de tecnologia, cidades ao redor do mundo fecham parcerias para utilizar inteligência artificial como atenuador de congestionamentos. No Rio de Janeiro, por exemplo, um acordo da Companhia de Engenharia de Tráfego com o Google promete reduzir em 30% as paradas nos cruzamentos e em 10% as emissões de carbono. Uma outra iniciativa, cada vez mais comum em aglomerações americanas, e que já desembarcou no Brasil, são as rotatórias, pensadas para dar fluência ao desfile em cima de quatro rodas (as motos parecem seguir outras regras).

Nenhuma das estratégias é o santo graal da mobilidade. Apesar de trazerem melhora na eficiência, não solucionam tudo. "Qualquer panaceia que se baseie em continuar usando carros já nasce arcaica", diz Daniel Guth, diretor da Associação Brasileira do Setor de Bicicletas. Hoje, cresce a demanda por transporte alternativo nas metrópoles e não há espaço suficiente para sustentar o número de carros nas ruas. Imaginar a circulação apenas de bicicletas, no entanto, é utopia.

PETE ARK/MOMENT/GETTY IMAGES

ALTERNATIVA Nos Estados Unidos: adoção maciça de vias rotatórias

A melhor resposta, adotada com sucesso por países como Inglaterra e Alemanha, é óbvia: melhorar o transporte coletivo, em especial o metroviário. "O Brasil prioriza os meios individuais de locomoção, em vez de oferecer boa infraestrutura de transporte público", afirma Guth. O bom senso, como sempre, deve ser a meta. Reduzir o número de veículos; incentivar o deslocamento ao lado de outras pessoas, em vagões ou ônibus; e, naturalmente, apostar em elétricos, menos poluidores. São posturas saudáveis, o que não significa fazer cara feia para a tecnologia dos autônomos e a invenção de uma nova indicação no semáforo. Tampouco se deve demonizar quem sonha com um carro próprio. É preciso tremular a bandeira branca. ■

JOGOS DE GUERRA

Ficção e realidade se misturam em lançamentos de videogames que espelham de forma cada vez mais sofisticada conflitos militares ao redor do globo

ALESSANDRO GIANNINI, de Los Angeles

STALKER 2 A brincadeira finalizada no exílio: com jeitão de "Chornobyl", como dizem os ucranianos

DIVULGAÇÃO

QUANDO AS FORÇAS russas cruzaram a fronteira com a Ucrânia, em fevereiro de 2022, os funcionários da GSC Game World, uma empresa de desenvolvimento de jogos eletrônicos com sede em Kiev, tiveram de interromper um projeto no qual estavam trabalhando havia quase uma década. Era a sequência de um clássico de 2007, o *Stalker,* jogo de sobrevivência que retrata as consequências de um segundo desastre nuclear em um país devastado pela guerra. Em um movimento desesperado de busca por segurança, desenvolvedores foram realocados para Praga, na República Tcheca, e Budapeste, na Hungria. Mesmo com as interrupções e atrasos no desenvolvimento de *Stalker 2,* o título foi finalmente apresentado no início do mês na feira Summer Game Fest, em Los Angeles, e tem data de lançamento prevista para início de setembro.

A interseção entre a realidade e a ficção diz muito sobre a popularidade dos videogames de guerra, especialmente em tempos de grandes conflitos na Europa Oriental, no Oriente Médio e na África. A história da GSC é um caso único, em que a emergência da invasão russa interferiu no desenvolvimento do jogo ucraniano, influenciou na sua narrativa e no modo como acabou sendo promovido. O título final ficou sendo *Stalker 2: Heart of Chornobyl*. A opção por mudar a grafia de Chernobyl, do russo, para Chornobyl, como os ucranianos pronunciam, teve como objetivo reforçar a identidade nacional dos desenvolvedores. “O jogo é um elemento tão cultural quanto os filmes, quanto os livros, quanto a música”, disse a

DIVULGAÇÃO

CALL OF DUTY *Black Ops 6:* cenários remetem a combates no Golfo, em 90

VEJA Vicente Mastrocola, professor de jogos digitais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Desde que se popularizaram, no início dos anos 1990, com o lançamento de *Wolfenstein 3D*, brincadeira de tiro em primeira pessoa ambientada na Segunda Guerra Mundial, os videogames bélicos ficaram cada vez mais sofisticados. Os gráficos precários em 2D deram lugar aos cenários em terceira dimensão, que trazem ambientes e personagens com profundidade e textura. A experiência orientada para a ação deu espaço para a estratégia, exigindo habilidades como gerenciamento de recursos materiais e humanos. Por

fim, a precisão histórica, que muitas vezes ficava em segundo plano, abriu alas para recriações detalhadas de batalhas, unidades e armamentos. Tudo isso, sem que os jogadores sofram sequer um arranhão. “Os jovens estão muito mais preocupados com a estratégia do que com qualquer outro aspecto desses jogos”, diz a psicóloga Ivelize Fortim, professora e pesquisadora da PUC-SP.

É o que impulsiona o gênero. Originalmente lançado em 2003, o *shooter Call of Duty* tornou-se uma das franquias mais bem-sucedidas e populares de todos os tempos, acumulando uma receita de 30 bilhões de dólares ao longo de sua existência. Assim como as sequências anteriores, o mais recente capítulo, *Black Ops 6,* com previsão de lançamento para outubro, mantém uma forte conexão com eventos que foram parar em manchetes. O novo jogo, ambientado nos anos 1990, retrata um cenário de instabilidade mundial, marcado pelo fim da Guerra Fria. Apesar de referências à Guerra do Golfo, com aparição de George Bush e Saddam Hussein, os desenvolvedores resistem em mencioná-la diretamente. “No fundo, é puramente uma história fictícia”, afirma Yale Miller, diretor de produto da Treyarch, estúdio adquirido no ano passado pela Microsoft.

Os jogos de guerra, uma variação dos games de estratégia em que os jogadores se envolvem em conflitos militares, reafirme-se, são elementos seminais de uma indústria multibilionária e altamente rentável que emprega milhares de pessoas ao redor do mundo — até o ano passa-

REPRODUÇÃO/MOD DB

WOLFENSTEIN 3D Pioneiro: precursor dos games de tiro, com caça a nazistas

do, estimava-se o faturamento em cerca de 185 bilhões de dólares por ano. *Battlefield 2042, Halo Infinite, Rainbow Six Siege* e *Escape from Tarkov* são alguns dos títulos mais populares dos últimos anos, com experiências de batalhas em grande escala, mundos abertos, jogo de esquadrão tático e sobrevivência. Esse tipo de game pode ser divertido, mas é crucial utilizá-lo com responsabilidade, observando classificações indicativas, variando as atividades e, decisivo, evitando mergulhar nesses cenários sem o devido contexto. Conhecer a história, ler livros e reportagens profissionais é sempre um bom caminho. ■

AMO A VIDA COMO NUNCA ANTES

Isabel Veloso, 18, convive com um câncer terminal e, seguida por milhões nas redes, não perde a alegria

O DIAGNÓSTICO DE CÂNCER veio como uma bomba. Foi uma grande surpresa, daquelas que fazem você repensar tudo. Em 2021, eu tinha só 15 anos e comecei a apresentar uns sintomas esquisitos — dor no estômago, tosse, falta de ar e febre sempre à noite. Passei por uma série de exames e, depois de seis meses, os médicos descobriram o que estava acontecendo. Após muito investigar, encontraram um tumor cancerígeno de 17 centímetros em meu peito e outro de 4 centímetros no pescoço. Me submeti a uma primeira cirurgia para extraí-los e quase não aguentei. Precisaram me ressuscitar. Era só uma adolescente normal, que não tinha ideia do que estava por vir. Com a quimioterapia, a imunidade baixou, e não dava mais para ir ao colégio e ver meus amigos. Mantive, porém, a esperan-

ça acesa, nunca deixei de tê-la, até que soube que não havia cura. Mesmo assim, jamais perdi o otimismo em relação aos dias que me restam, vividos intensamente, um depois do outro. E vou me despedindo aos poucos, nas redes e fora delas.

A luta contra um câncer vem cercada de dureza, e isso certamente me fez mais forte. Quando o tratamento parecia ir bem, de repente, o número de células cancerígenas dobrou, e comecei a apresentar resistência às medicações. Passei por imunoterapia e logo me indicaram para o transplante de medula óssea autólogo, em que eu seria minha própria doadora. O resultado foi bom, o que, de novo, me trouxe aquela sensação de que tudo iria dar certo. Mas, meses mais tarde, senti um caroço de novo no pescoço. Fiquei tão debilitada que não queria mais tratamento nenhum. Tudo isso dá um cansaço... Foi quando minha família e meu noivo me imploraram para seguir em frente. Só que era meu corpo que não queria. Tive reações alérgicas graves e cheguei a perder o movimento das pernas. Chorava e gritava de dor, apesar da morfina.

Depois da doença, comecei a compartilhar meu dia a dia nas redes. Antes de tudo, era uma forma de desabafar. Tenho recebido muitas palavras de afeto e de solidariedade. Me sinto abraçada. A ideia é também mostrar o que o câncer me ensinou. Compreender a finitude me fez enxergar a vida com outros olhos. Você não perde mais tempo com besteiras. A morte ainda é um grande tabu. É percebi-

da pela imensa maioria das pessoas como algo terrível. Na minha visão, ela só é ruim para quem não consegue se preparar para esse momento. Confesso que meu único medo é morrer sozinha e sentindo dor. Fora isso, quando a hora chegar, tenho certeza de que vou estar em paz. O que me diferencia dos outros é que sei como e quando vou morrer. Aprendi a viver com isso.

No início do ano, os médicos avaliaram que eu só tinha mais seis meses de vida, um tempo que está expirando. Não há como curar o câncer, já fizemos de tudo. Atualmente, uma equipe multidisciplinar dedicada a cuidados paliativos trata da minha saúde mental, espiritual e física. A dor, amenizo com morfina e canabidiol, que vem ajudando. Apesar do sofrimento, tento encarar a situação de forma leve. Estou agora em uma cadeira de rodas, com dores e dificuldade para respirar. Nem lembro mais como é andar e dormir normalmente, coisas às quais nem dava atenção antes. É estranho: apesar de o câncer ter sido a pior coisa que me aconteceu, também foi a melhor. Amo a vida com uma intensidade como nunca. Aprendi a apreciar a simplicidade. Mesmo com medo do que está por vir, me permiti ser amada e até fiz uma festa de casamento dois meses atrás *(na foto, com o vestido de noiva).* Meu maior sonho sempre foi viver um amor verdadeiro, formar uma família, e isso eu tenho. Posso dizer, com todas as letras, que sou feliz. ■

Depoimento a Duda Monteiro de Barros

GOLES DE HISTÓRIA

Com quatro bares entre os melhores do mundo, o México vira referência na coquetelaria ao mesclar destilados locais com referências pré-hispânicas **ANDRÉ SOLLITTO,** da Cidade do México

PIONEIRO O Licorería Limantour: inaugurado em 2011, desde 2014 é reconhecido como um dos melhores bares do mundo

DIVULGAÇÃO

VISTO DO LADO de fora, o bar Licorería Limantour, localizado na badalada região de Roma Norte, na Cidade do México, pode parecer apenas mais um estabelecimento da moda, com visual moderno repleto de elementos art déco e mesas ao ar livre. Um olhar mais atento à enorme coleção de garrafas atrás do balcão, no entanto, já indica que, além dos obrigatórios destilados internacionais, há uma variedade de rótulos locais, entre tequila e mescal, impossíveis de achar fora do país. Mas é folheando a carta de coquetéis que fica claro porque a casa, inaugurada em 2011, se mantém entre as melhores do mundo. Além da seleção de misturas clássicas, testadas e aprovadas por anos, há instigantes novidades sazonais. De tempos em tempos, os bartenders Benjamin Padrón e José Luis Leon buscam inspiração em ingredientes únicos de diferentes regiões do México, como Baja, ao norte, ou Oaxaca, ao sul, para criar obras-primas líquidas. Há releituras de bebidas típicas, como o champurrado, cujo nome é derivado do atole, feito com milho e chocolate e servido quente no café da manhã, ou criações inusitadas, como a artemísia, que mescla a erva com damasco e mescal. É um dos principais exemplos da revolução etílica que acontece agora no México e transformou o país em local de peregrinação dos entusiastas da boa coquetelaria.

No ranking *The World's 50 Best Bars*, o mais reconhecido no mundo, a Cidade do México tem quatro endereços entre os cinquenta melhores do planeta. Dois estão no top

ZUMA PRESS/ALAMY/FOTOARENA

ARTESANAL Defumação do agave: processo de preparo do mescal

10: a Licorería Limantour, em sétimo, e o Handshake Speakeasy, na terceira posição — sua característica é estar escondidinho, em canto de difícil acesso, cujo endereço só é divulgado depois da reserva feita. Em tempo: o primeirão é o Sips, de Barcelona. A título de comparação, as únicas duas casas brasileiras reconhecidas, Tan Tan e SubAstor, de São Paulo, aparecem apenas na segunda parte da lista,

DIVULGAÇÃO

CADÊ? Handshake Speakeasy: endereço fornecido só depois de feita a reserva

em 56º e 58º, respectivamente. A alta densidade coqueteleira na Cidade do México mostra evolução. Há influência externa, principalmente no uso de técnicas avançadas tiradas da gastronomia molecular espanhola. Mas há uma preocupação em valorizar a própria história.

Parte desse fenômeno é explicado pela riqueza oferecida pelos dois principais destilados locais, a tequila e o mes-

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

GOSTO DE VARIEDADE

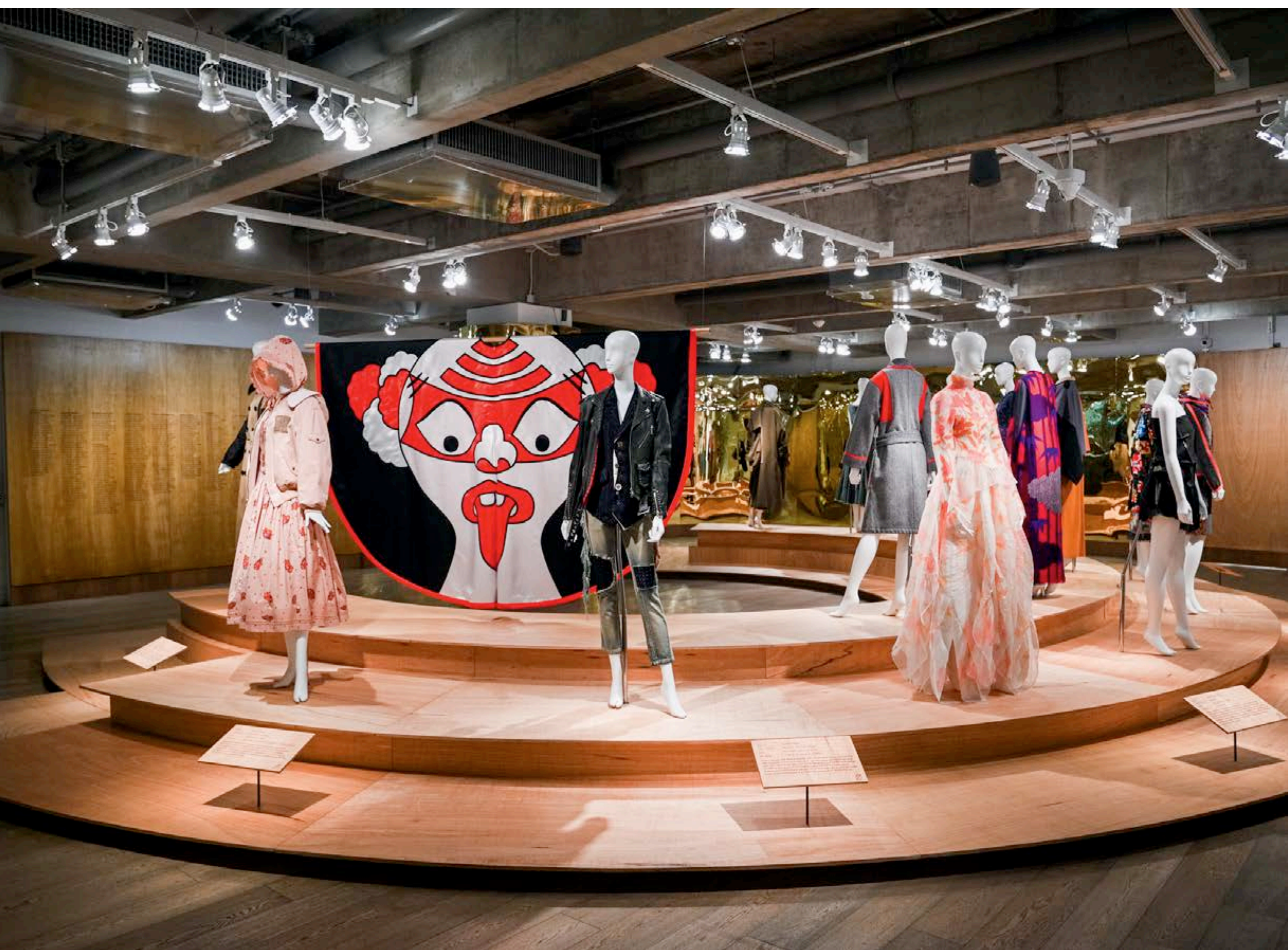
Coquetéis criados por bartenders mexicanos: além de destilados locais, como tequila *(à esq.)* e mescal, são usados ingredientes de diferentes regiões

cal. Ambos são produzidos a partir do agave, um tipo de suculenta, de aparência pontuda, comum no país e usada desde a época dos astecas para a fabricação de bebidas fermentadas. No caso da tequila, apenas agave azul, e somente na região de Jalisco e arredores. A legislação local permite que até 49% de outros tipos de álcool sejam adicionados à mistura, mas uma versão mais pura tende a ser de

maior qualidade. "El" tequila pode ser blanco, sem envelhecimento, ou reposado, añejo e extra añejo, de acordo com o tempo que passa em barris de carvalho. Já o mescal oferece maior liberdade aos produtores. Ele pode ser feito com outros tipos de agave, como o espadín, que fornece aromas herbáceos e terrosos, o tobalá, conhecido pelas notas frutadas e florais, ou o arroqueño, mais mineral. A planta passa por um processo de cozimento e defumação em buracos no chão. O resultado é um toque de fumaça típico da bebida, que dá complexidade ao mescal artesanal. Por não estar restrito a uma única região, é elaborado por diferentes produtores em todo o país.

Enquanto a tequila tem conquistado um mercado crescente fora do México, principalmente nos Estados Unidos — graças ao apoio de celebridades do cinema e da música —, mas também no Brasil, o mescal continua restrito a seu país de origem. Isso ajuda a dar um toque exótico aos coquetéis mexicanos. Há ainda um curioso olhar para o passado, para referências pré-hispânicas. Muitas vezes, a lista de ingredientes inclui nomes pouco conhecidos até mesmo para os visitantes locais. Trata-se não apenas de uma forma de se distanciar de influências externas, mas de reconhecer as origens. No mundo globalizado das bebidas, destaca-se quem é mais ousado. No caso do México, bastou olhar para dentro de casa. E foi assim que os bartenders mexicanos desenvolveram linguagem única. Cada gole oferece uma aula de história e de gastronomia regional. ■

MUITO ALÉM DO QUIMONO

Duas exposições simultâneas retratam como os estilistas japoneses mudaram a alta-costura nos anos 1970, influenciados pelo desfile urbano das metrópoles **SIMONE BLANES**

INFLUÊNCIA Exposição *Efeito Japão:* reunião de modelos clássicos de estilistas como Kenzo Takada e Rei Kawakubo

ALE VIRGILIO

QUANDO Kenzo Takada (1939-2020) resolveu contrariar seus pais e largar o curso de literatura para estudar moda na Bunka Fashion College, em Tóquio, deu-se o início de uma revolução. Em meados dos anos 1960, ele se mudou para Paris, o epicentro da moda mundial. Estudou, se esmerou no métier, aprendeu de tudo e mais um pouco. E então, na década de 1970, inaugurou a própria grife, a Jungle Jap (mais tarde, Kenzo). O resto é história: ele foi o primeiro criador japonês a desfilar nas passarelas parisienses com estilo colorido, excêntrico e anticonformista, ao misturar o tradicional a cortes evidentemente ocidentais.

Kenzo abriria as portas para os plissados, coloridos e high-tech, de Issey Miyake (1938-2022), a costura avant-garde de Yohji Yamamoto e a desconstrução de Rei Kawakubo, da Comme des Garçons. A partir dos anos 1980, o time oriental desafiaria os cânones com cortes geométricos, a elegância imposta pelos traços simétricos — a arte, enfim, de revirar o clássico e fazê-lo moderno e interessante. Não por acaso, duas exposições simultâneas na Japan House, em São Paulo, celebram com pompa as conquistas do movimento nipônico, que não para de ecoar e, ainda hoje, surpreende com reviravoltas.

Efeito Japão: Moda em 15 Atos reúne trajes de renomados estilistas, confeccionados em cinquenta anos de aventura. *Sutorito Fashion: Moda das Ruas* aborda o *street style* das metrópoles por meio de registros fotográficos feitos nas ruas do país em diferentes épocas. São mostras distintas,

PETER WHITE/GETTY IMAGES

VICTOR VIRGILE/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

REFERÊNCIAS Yohji Yamamoto *(à esq.)* e Issey Miyake: precursores seminais

mas complementares, com ideias que nascem nos anos 1950 e chegam aos dias atuais. "Do conjunto, é possível conhecer o trabalho de designers reconhecidos e celebrados e perceber como o cidadão comum pode influenciar o vestuário de uma geração", afirma Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da instituição paulistana.

Embora a história da moda japonesa remonte ao século IV, registrada em desenhos e revisitada em filmes de época como os de Akira Kurosawa, foi somente no período

posterior à Segunda Guerra que as vestimentas passaram por transformação, de mãos dadas com a abertura para o mundo. Houve avanços no universo da tecnologia e dos carros, por meio de gigantes como Sony e Honda, Nintendo e Toyota, que mudaram de continente para incomodar os executivos americanos — e agradar o consumidor. Mas deu-se também a travessia dos pés à cabeça, de calçados a chapéus. *Made in Japan* viraria sinônimo de qualidade, sem dúvida, mas também de discreta irreverência. E algo mais: a ideia de que o refinamento poderia despontar em araras de grandes lojas.

O retrato mais bem acabado da invasão japonesa, por assim dizer, foi o quimono, peça de gueixas e de lutadores de artes marciais, que abandonou o classicismo para ganhar vida. "A desconstrução do quimono, sem no entanto abandonar as linhas retas, é o símbolo mais evidente da adaptação a novos ambientes", afirma o professor e estilista Jum Nakao. Dito de outro modo: o corte e costura japonês é manifesto e tradução dos humores da sociedade, a de lá, mas a de cá também, no casamento de silhuetas elegantes, em caimento perfeito, com o cuidado ambiental, em permanente respeito ao que é extraído da natureza. "A inovação no corpo é válvula de escape social", diz a especialista em cultura japonesa Cristiane Sato. "A sensibilidade japonesa é capaz de contemplar a mudança dos tempos como um espelho do cotidiano", ecoa Souta Yamaguchi, coordenador das exposições da Japan House.

FOTOS REVISTA FRUITS

NAS RUAS *Street style* japonês: moda urbana é marcada por cores ousadas, cortes inesperados e versatilidade dos tecidos

Cabe perguntar, agora, passado meio século do rastilho inicial de Kenzo, de onde virá o próximo grande estilista do Japão. Será compulsório o indefectível aval de Paris, a engrenagem que ergue e destrói coisas belas. Mas, pode ter certeza: quem quer que seja, terá bebido do ambiente urbano, do asfalto. Kenzo cantou a bola, em perfeito resumo: “A moda não é para poucos — é para todas as pessoas”. ■

DO FUNDO DO BAÚ

Com filmes como *Um Tira da Pesada 4*, na Netflix, e o sucesso da terceira sequência de *Bad Boys* nos cinemas, Hollywood resgata franquias clássicas dos anos 80 e 90 — uma fórmula nostálgica lucrativa, mas com enormes desafios criativos

KELLY MIYASHIRO

VELHA CONFUSÃO Murphy como Axel no novo filme: agora ele é um agente sessentão

MELINDA SUE GORDON/NETFLIX

O policial Axel Foley (Eddie Murphy) tem um jeito bem particular de resolver os casos que caem em suas mãos: brincalhão e carismático, ele faz piadas a todo momento (até quando não deve), assume disfarces inusitados e se envolve em tiroteios e perseguições que causam danos catastróficos em viaturas e carros desavisados pelo caminho. Natural de Detroit, cidade do estado americano de Michigan, o detetive de personalidade ímpar é bem conhecido em Beverly Hills, bairro nobre de Los Angeles, na Califórnia, onde se estabeleceu para desvendar o assassinato de um amigo: investigação que, entre 1984 e 1994, o levou a desmantelar três grandes facções criminosas. Essas aventuras foram narradas pelos três filmes da série *Um Tira da Pesada*, que arrecadou estonteantes 730 milhões de dólares em bilheteria (em valores corrigidos pela inflação). O sucesso alçou Eddie Murphy à fama mundial. E, claro, há décadas havia a expectativa de retorno da franquia cômica. “O roteiro levou tempo para ficar bom, talvez uns quinze anos”, contou o ator americano a VEJA *(leia a entrevista no final da matéria)*.

Passados quarenta anos da primeira vez em que o policial desbocado pisou na Califórnia, em *Um Tira da Pesada 4: Axel Foley,* que estreia no próximo dia 3, na Netflix, ele retorna para ajudar sua filha única, Jane (Taylour Paige) — com quem tem uma relação distante —, a desvendar outro caso cabuloso e encontrar um antigo parceiro que sumiu. Apesar de parecida com as tramas do passado, a história

NETFLIX

RAÍZES Daniel (Macchio) e Johnny (Zabka): acerto de contas na vida adulta

conta com um elemento novo e cativante: Axel, assim como seu intérprete, tem mais de 60 anos e quer provar que ainda está afiado para combater criminosos — mesmo que eles estejam dentro da própria polícia.

Ressuscitar franquias do passado como *Um Tira da Pesada* pode ser uma faca de dois gumes: se, de um lado, a nostalgia impõe sua força para atrair espectadores — e, claro, lucro —, do outro, o filme precisa provar seu valor para além do aceno aos fãs antigos. Murphy já experimentou esse impasse com *Um Príncipe em Nova York 2*, lançado em 2021 pelo Pri-

SONY PICTURES

INSEPARÁVEIS Os *Bad Boys:* sucesso de bilheteria

me Video, da Amazon: a sequência do longa de mesmo nome, de 1988, passou longe da ousadia irônica do original. Com a nova empreitada, Murphy aprendeu a lição: para resgatar clássicos, daqueles que marcaram época na global *Sessão da Tarde*, uma boa história é obrigatória — e deve honrar a fonte de onde saiu. Fórmula que, então, se torna imbatível.

Antenadas — e munidas de dados provenientes de seus algoritmos, que reúnem os gostos de milhões de assinantes —, as plataformas de streaming adotaram a receita como parte de sua estratégia. A Netflix, por exemplo, não demo-

WARNER BROS.

CLÁSSICO Winona e Keaton: universo pop de Tim Burton

rou em perceber o potencial de *Cobra Kai*, websérie do YouTube que ganhou vida e popularidade ao ser adquirida pela plataforma em 2019. Continuando a trama da trilogia de filmes *Karatê Kid*, de 1984, a série tem como trunfo o resgate e a redenção de Johnny Lawrence (William Zabka) diante de seu antigo rival, Daniel LaRusso (Ralph Macchio), mocinho treinado pelo mestre Miyagi (Pat Morita, morto em 2005). Em 2022, a quinta temporada foi uma das mais vistas do ano da Netflix, somando 16,7 bilhões de minutos de reproduções. A sexta e última fase chega ao ca-

nal no dia 18 de julho. Na era do streaming, outro advento curioso ocorre: conforme ganha popularidade, *Cobra Kai* atrai novos espectadores, fazendo com que as primeiras temporadas voltem ao ranking de mais assistidas – assim como os filmes, mantendo aceso o interesse por esse universo. O mesmo fenômeno é esperado para os próximos dias, quando o desejo de rever os primeiros *Um Tira da Pesada* deve tomar os assinantes da plataforma.

O cinema também quer sua fatia desse bolo. Recentemente, os atores Will Smith e Martin Lawrence provaram, mais uma vez, o sabor do sucesso longevo de *Bad Boys*, com o quarto filme da produção iniciada em 1995. *Bad Boys: Até o Fim*, outro que mistura ação e comédia, alcançou o topo das bilheterias americanas e brasileiras no início de junho. O resultado colocou a série protagonizada por dois detetives durões no clube das franquias bilionárias de Hollywood — e mostrou que Smith foi mais do que perdoado pelo infame tapa dado por ele em Chris Rock no Oscar de 2022.

Esse potencial lucrativo fez com que Michael Keaton voltasse ao figurino listrado que usou em 1988 para *Os Fantasmas Ainda se Divertem: Beetlejuice Beetlejuice*, que chega aos cinemas em setembro, retomando a parceria com Winona Ryder e o diretor Tim Burton. Em busca de um novo público, o elenco recebe de braços abertos a jovem Jenna Ortega — a estrela de *Wandinha*, da Netflix, outro hit que se apoiou em um clássico, no caso, *A Família Addams*. O fundo do baú nunca foi tão produtivo. ■

PARAMOUNT PICTURES

LEGADO Murphy com Ashton (à *esq.*) e Reinhold em 1984: amizade antiga

"SOU O MESMO ATOR DE ANTES"

Aos 63, Eddie Murphy fala a VEJA do desafio de retornar a *Um Tira da Pesada* quarenta anos após o original.

A ideia de reviver a franquia já existe há alguns anos. Por que agora deu certo? O roteiro levou tempo para ficar bom, talvez uns quinze anos. Fizemos cerca de oito rascunhos e esse aqui saiu porque finalmente tínhamos uma boa ideia.

Nos anos 1980 e 1990 a série foi bem no cinema. Agora, sai pelo streaming. Qual a diferença? A Netflix comprou os direitos da Paramount e quis desenvolver o projeto. A diferença é que muita gente tem Netflix e mais pessoas verão este filme, o que me deixa feliz.

O que mudou em Eddie Murphy em quatro décadas? Tanta coisa. Eu tinha 21 quando fiz o original, agora sou um avô de 63. Sou o mesmo ator de antes, mas uma pessoa diferente.

TABU DESNUDADO

Novo filme que conquistou a crítica no Festival de Cannes explora com acidez e ironia a vida dos praticantes do sadomasoquismo – o fetiche que mais intriga o cinema

DOMINADOR Scott Cohen e Joanna Arnow: os meandros da experiência BDSM

MAGNOLIA PICTURES

“DIZER como se sente é a marca de uma boa submissa”, diz Allen (Scott Cohen) a Ann (Joanna Arnow), parceira com a qual mantém relações sadomasoquistas há quase uma década. Se fosse na vexatória saga *Cinquenta Tons de Cinza*, que tornou o fetiche popular no cinema, a conversa se daria em um quarto vermelho, numa cobertura de luxo, com os participantes seminus cercados por chicotes e apetrechos curiosos. Não é o que acontece na comédia de erros ***Aquela Sensação que o Tempo de Fazer Algo Passou*** *(The Feeling that the Time for Doing Something Has Passed,* Estados Unidos, 2023), em cartaz nos cinemas. Na cena, o casal discute a relação em cenário nada libidinoso: uma chamada de vídeo on-line, na qual a jovem protesta por atender aos desejos do amante já tarde da noite, mas não ser retribuída à altura.

Irônico e criativo, o filme de título imenso conquistou a crítica no Festival de Cannes ao narrar as ambições românticas de uma mulher submissa. O roteiro e a direção são da própria protagonista: Joanna Arnow descreve a trama como autoficção, inspirada em suas experiências com a comunidade encapsulada pela sigla BDSM (bondage, disciplina, sadismo, masoquismo). Assim, ela almeja diminuir os mitos que cercam os envolvidos. “O sadomasoquismo é um tipo de faz de conta, como teatro musical ou RPG, e seus adeptos notam o humor das situações”, disse Joanna em entrevista a VEJA.

O efeito cômico surge dos planos longos, repetições embaraçosas e fantasias extravagantes vestidas por Ann, as-

FANTASIA *Cinquenta Tons de Cinza:* longa tornou o fetiche popular

sim como da nudez nada erotizada que exibe por boa parte da duração. Para além das risadas, Joanna ecoa obras do mundo cult, como *Secretária* (2002) e *O Duque de Burgundy* (2014), que vieram antes de *Cinquenta Tons de Cinza*, e encontra no sadomasoquismo um espaço para discutir a sexualidade feminina, apoiada nos acordos e diálogos transparentes que sua prática saudável exige. Ela defende, ainda, que o sexo seja tão digno de representação transparente quanto qualquer outra parte da experiência humana — e assegura que "é mais feminista criar personagens falhas e complexas" do que mocinhas perfeitas. Doa a quem doer, nada passa incólume por sua câmera indiscreta. ■

Thiago Gelli

TALENTO INTERROMPIDO

Diagnosticada com uma doença incurável, Céline Dion se despe da vaidade para mostrar a vida dos que enfrentam, com coragem, o que não é possível contornar

FELIPE BRANCO CRUZ

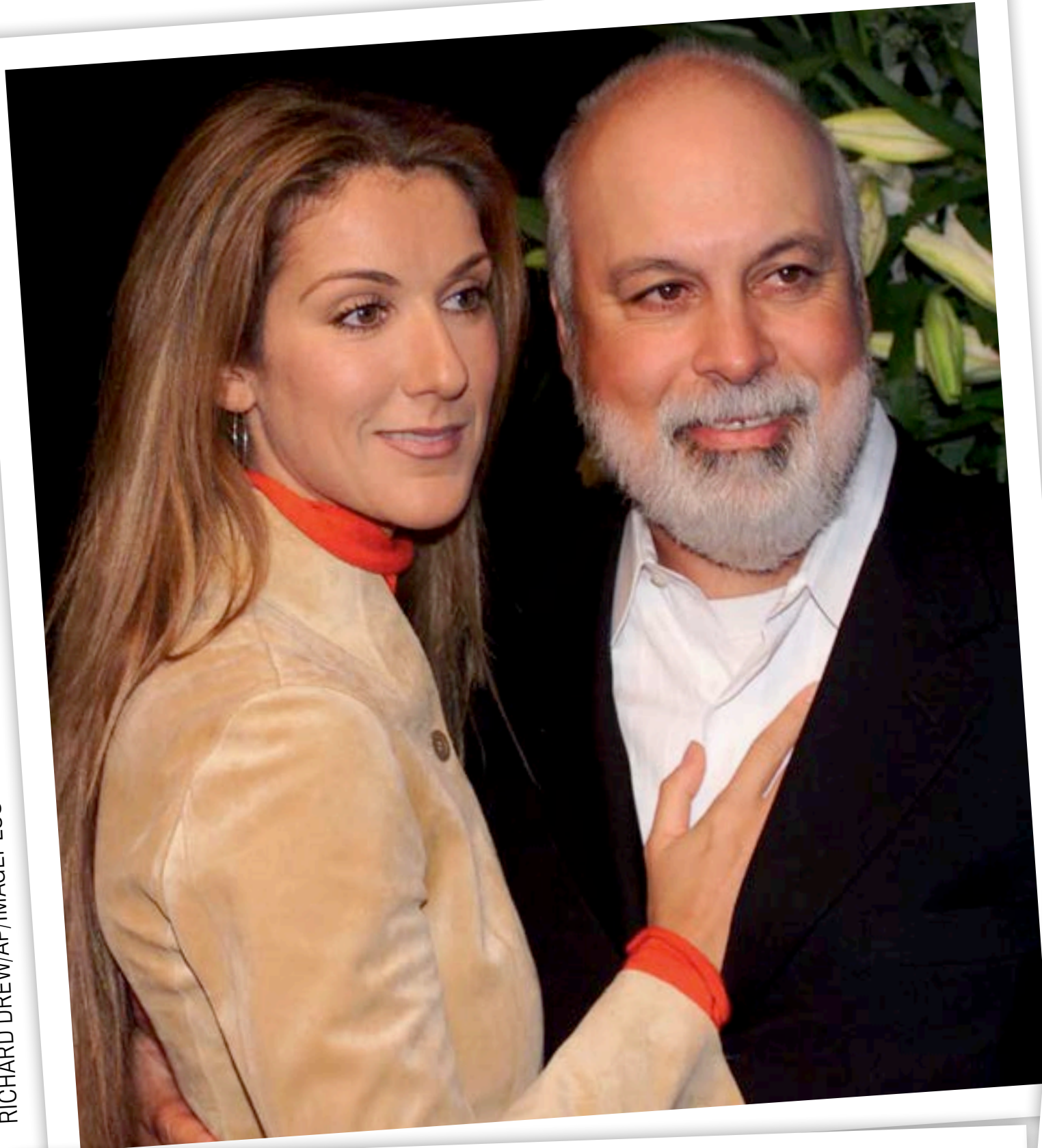
DOENÇA RARA
O drama da cantora: distúrbio neurológico que afeta uma em cada 1 milhão de pessoas

RICHARD LAUTENS/TORONTO STAR/GETTY IMAGES

FELIZ APÓS GRAVAR, com muito esforço, a canção *Love Again,* trilha do filme *O Amor Mandou Mensagem,* de 2023, Céline Dion foi para a sessão de fisioterapia exultante — e até ironizou os movimentos involuntários que seus pés, inadvertidamente, começavam a fazer. Há dezessete anos convivendo com um distúrbio neurológico raro e incurável, a síndrome da pessoa rígida, que afeta uma em cada 1 milhão de pessoas, a cantora canadense sofre de espasmos e dores lancinantes que restringem seus movimentos, entre eles, a capacidade de sustentar os agudos marcantes que a fizeram famosa.

Até aquele momento, ela não sabia que a felicidade de concluir a gravação de uma música deixara seu cérebro superestimulado, provocando, em seguida, uma crise dura de assistir — e registrada com crueza, mas sensibilidade, pela cineasta Irene Brodsky no documentário ***I Am: Céline Dion,*** lançamento do Prime Video, da Amazon. Na sequência filmada, o corpo da cantora se trava completamente, as mãos ficam retesadas, a boca entorta e os olhos miram o vazio enquanto ela emite gemidos de dor. O fisioterapeuta age rápido e a coloca em uma posição confortável antes de aplicar duas doses de uma medicação forte.

Minutos depois, Céline chora ao constatar o quanto sua carreira estava comprometida. Como seguir a vida de intérprete se o ato de cantar pode desencadear tamanha crise? Esbelta, carismática e dona de uma elegância natural (e de um armário com 12 000 pares de sapato), a cantora de 56 anos

SINCERA Ao lado, no início da carreira, em 1988; acima, à esq., com o marido, René Angélil; à dir., em entrevista para o documentário: intimidade escancarada

RICHARD DREW/AP/IMAGEPLUS

SOBLI/RDB/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

AMAZON MGM STUDIOS

sempre fez por merecer o título de diva. Logo, ao se mostrar em situação tão vulnerável, Céline choca e, ao mesmo tempo, inspira: ao lidar com o inimaginável, ela trocou a vaidade pela honestidade sem filtros. "Céline me disse para manter a cena da crise, entre outras, nas quais chorava e sentia o desconforto causado pela doença", disse a diretora a VEJA.

Nos últimos anos, especialmente no streaming, os documentários centrados em celebridades se tornaram um substrato valioso tanto para as plataformas quanto para os artistas, que apelam para a imagem do "gente como a gente", mas com total controle sobre o resultado final. Esse era o plano quando Irene Brodsky foi contratada para dirigir o filme sobre a carreira brilhante de Céline — e seu potencial retorno aos palcos após a turnê cancelada. Entre 2022 e 2023, ela teve acesso irrestrito ao dia a dia da artista e logo notou que não se tratava mais de um documentário sobre superação, mas, sim, sobre resiliência. "Ela me falou: 'Não precisa pedir permissão para filmar. Se fizer isso, vai estragar o momento' ", conta Irene sobre a carta branca recebida. Foi dessa liberdade que saíram cenas como aquela em que Céline tenta cantar, mas desafina escandalosamente. "Não quero que os fãs me escutem assim", diz, aos prantos.

Em um mundo que exalta a superação e a positividade a qualquer custo, o filme consegue mostrar a força dos que aceitam e encaram, como podem, o que não dá para contornar. Mesmo caminho seguiu Michael J. Fox, que sofre de Parkinson e ajudou a tirar estigmas sobre a doença ao mostrá-la no documentário *Still: Ainda Sou Michael J. Fox* (Apple TV+). Na música, o gigante guitarrista Peter Frampton, diagnosticado com atrofia muscular, não esconde que vem gravando o máximo de canções possível antes do avanço da condição.

Essa decisão de se abrir é uma ferramenta valiosa para a saúde mental de qualquer indivíduo. Céline só revelou publicamente o diagnóstico em 2022. Antes, manteve-se nos palcos com a ajuda de remédios — ela confessa que chegou a tomar uma dose potencialmente fatal de um calmante para aguentar uma turnê. Quando nem as medicações a ajudavam, ela inventava desculpas para justificar os cancelamentos. "Não quero mais mentir", disse.

Céline foi revelada aos 20 anos pelo Eurovision, de 1988, quando ganhou o concurso representando a Suíça. Alcançou o auge na década seguinte, entoando baladas românticas poderosas, como a indefectível *My Heart Will Go On*, trilha do filme *Titanic*. Vendeu 250 milhões de álbuns e lotou arenas pelo mundo. Em 2016, a luta contra a doença encontrou a dor da perda do marido e empresário, René Angélil. Apesar das dificuldades, ela planeja gravar um novo álbum. Resistir é preciso. ■

Com reportagem de Kelly Miyashiro

REALIDADE PARALELA

Em *My Lady Jane*, a trágica rainha inglesa ganha novo destino e luta pelo poder — mais uma trama que imagina como a história seria ao seguir outros rumos **AMANDA CAPUANO**

ENREDO DIFERENTE A protagonista e o marido, Guildford Dudley: na série do Prime Video, a monarca permanece viva

JONATHAN PRIME/PRIME VIDEO

EM JULHO DE 1553, o então rei da Inglaterra, Eduardo VI (1537-1553), morreu ainda adolescente, sem herdeiros. Com a saúde debilitada, o primeiro monarca protestante apontou como sucessora, em detrimento de suas meias-irmãs, Elizabeth e Maria Tudor, a prima Jane Grey (1537-1554) — que comungava da mesma fé que ele e era uma das mais cultas de seu tempo. Jane foi coroada, mas não durou no trono: seu reinado se estendeu por apenas nove dias, quando acabou deposta pela católica Maria Tudor (1516-1558) e seus apoiadores. Meses depois, a jovem de 17 anos foi declarada traidora e decapitada junto com seu marido, enquanto Maria I reinou até a morte, aos 42, período no qual proibiu o protestantismo. "Jane poderia ter sido a líder que a Inglaterra precisava. Em vez disso, é lembrada como uma donzela em apuros. E se a história tivesse sido diferente?", questiona o primeiro episódio de ***My Lady Jane,*** série de romance e fantasia lançada pelo Prime Video, da Amazon. A trama parte de uma versão alternativa da história da dinastia Tu-

MOMENT/GETTY IMAGES

MORTE PRECOCE
Retrato da "donzela em apuros": curta e trágica passagem pelo trono real

dor: aqui, Jane (Emily Brader) não foi derrotada por Maria I (Kate O'Flynn) e ela e Eduardo VI (Jordan Peters) estão vivinhos da silva, destino que coloca a jovem como agente de unificação do reino.

Com pitadas anacrônicas, a produção, inspirada no livro homônimo do trio Brodi Ashton, Cynthia Hand e Jodi Meadows, é o exemplar mais recente de uma seara especulativa que mira o passado com os olhos do presente, traçando realidades paralelas que poderiam — com maior ou menor probabilidade — estampar os livros de história caso acontecimentos marcantes tivessem se desenrolado de outra forma. Via de regra, são

DAVID BERG/PRIME VIDEO

O HOMEM DO CASTELO ALTO

Na trama: os nazistas vencem a Segunda Guerra e os Estados Unidos são dominados pela Alemanha e pelo Japão. **Na vida real:** os aliados venceram e o país virou potência global.

tramas que criam vidas inexistentes para figuras reais, mas pouco conhecidas, ou tentam responder a questões sem respostas, especulando cenários que viriam, por exemplo, de uma vitória dos nazistas na Segunda Guerra Mundial ou do prevalecimento do comunismo na Guerra Fria *(veja o quadro)*.

Nessa linha, a série da Apple TV+ *For All Mankind*, renovada para uma quinta temporada, parte do princípio de que os soviéticos chegaram à Lua antes da Apollo 11 americana, desencadeando uma corrida espacial infindável entre os dois países. A plataforma também anunciou recentemente a série derivada *Star City*, que vai observar a vida das pessoas

DIVULGAÇÃO

THE PLOT AGAINST AMERICA

Na trama: Lindbergh vira presidente e americanos perseguem judeus. **Na vida real:** Roosevelt foi reeleito e lutou contra os alemães na Segunda Guerra.

que, nessa realidade paralela, fizeram parte da missão soviética que colocou o primeiro homem no satélite terrestre. Em alta na TV, tramas do tipo têm antecedentes notáveis na literatura: nome de destaque desse exercício imaginativo, Philip K. Dick (1928-1982) desenhou no clássico *O Homem do Castelo Alto* (1962) um mundo em que os países do eixo derrotaram os aliados. O livro é inspiração para a série homônima de quatro temporadas lançada em 2015 pelo Prime Video: na trama, os Estados Unidos viram uma nação parcialmente dominada por nazistas, com o território dividido entre Alemanha e Japão.

DIVULGAÇÃO

FOR ALL MANKIND

Na trama: os soviéticos chegam primeiro à Lua e a corrida espacial entre os países nunca acaba. **Na vida real:** os americanos pisaram primeiro no satélite com a missão espacial Apollo 11.

Em 2020, os ideais supremacistas voltaram à tona na trama de tom premonitório *The Plot Against America*. Baseada no monumental clássico de mesmo nome de Philip Roth (1933-2018), a série da HBO propõe um cenário em que os Estados Unidos abraçam o fascismo e elegem o aviador antissemita Charles Lindbergh (1902-1974) — contrário à participação do país na Segunda Guerra e entusiasta de Adolf Hitler — para a Presidência no lugar de Franklin D.Roosevelt (1882-1945), em 1940.

O exercício criativo baseado no "e se" tem a louvável função de alerta em meio a incertezas políticas. E se o presidente americano for um líder extremista? Qualquer aceno para Donald Trump e sua trupe não é mera coincidência. Nas séries citadas, ficam claros os perigos dos que perseguem minorias políticas e étnicas. *My Lady Jane* segue a mesma ideia, mas o faz com uma roupagem mais jovem. Parte da história da trama de época seria impossível no mundo real, já que se passa em um universo no qual uma parcela da população tem o poder de se transformar em animais. Esses mutantes são perseguidos e queimados na fogueira — uma metáfora nada sutil sobre racismo e inquisição. Se Jane tivesse sobrevivido, teria ela defendido os católicos como iguais dos protestantes? Uma dúvida sem resposta, mas que, na série, oferece entretenimento e a ideia de que, seja lá qual for o caminho tomado, o mundo que respeita as liberdades individuais é sempre o melhor para se viver. ■

TINA ROWDEN/NETFLIX

COMÉDIA Nicole, Joey e Zac: jovem enfrenta o pesadelo de ver o chefe difícil namorar com sua mãe

TELEVISÃO

TUDO EM FAMÍLIA

(*A Family Affair*, Estados Unidos, 2024. Disponível na Netflix)

Chris Cole (Zac Efron) é um famoso astro de cinema, protagonista de uma franquia multimilionária e que atrai dezenas de paparazzi nas ruas. O que seus admiradores não enxergam, contudo, é o trabalho árduo de sua assistente, Zara (Joey King), obrigada a lidar com o humor frágil e a egolatria do ator, que não respeita o período de descanso da jovem. Não fosse o bastante, a dinâmica de trabalho se complica quando o galã conhece a mãe da funcionária, Brooke (Nicole Kidman), se apaixona e é correspondido. A insatisfação da jovem com o chefe-padrasto dá pano para diversas situações constrangedoras, cheias de humor físico e energia, mas também resulta em uma narrativa reconfortante sobre aceitar que pais e filhos são indivíduos complexos — e que existem para além de suas funções familiares.

APPLE TV+

TRADIÇÕES Isabel e Lily: suspense embalado por drama de família indígena

O RITO DA DANÇA

***(Fancy Dance,* Estados Unidos, 2023. Disponível na Apple TV+)**

Jax (Lily Gladstone, de *Assassinos da Lua das Flores)* ganha a vida cometendo pequenos furtos. Quando sua irmã desaparece, ela se vê na obrigação de zelar pela sobrinha Roki (Isabel Deroy-Olson), cuja guarda foi dada aos avós brancos. Na tentativa de preservar o que resta da cultura indígena na vida da garota, Jax a sequestra e parte em busca da irmã perdida dias antes do pow-wow, cerimônia de dança dos povos nativos americanos à qual Roki comparecia todos os anos com a mãe. Da diretora estreante Erica Tremblay, que possui ascendência indígena, o drama flerta com o suspense criminal para tecer um retrato tocante sobre laços e ancestralidade.

JESUS MOLINA

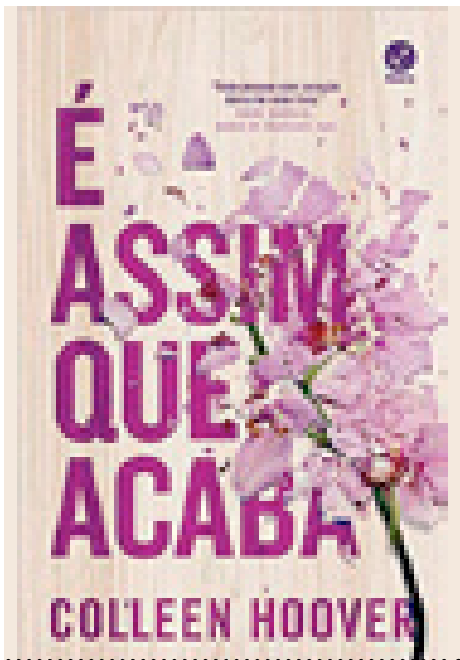
SELAH

DISCO

SELAH, **de Jesus Molina (disponível nas plataformas de streaming)**

Aos 27 anos, o colombiano Jesus Molina firma-se neste sexto álbum autoral como um dos grandes pianistas latinos de jazz da atualidade. As dez canções instrumentais chegam embebidas de influências que vão de Oscar Peterson a Chick Corea. Uma das lendas do jazz, Hubert Laws, participa com solos de flauta e piccolo, que imprimem ritmos cubanos em *Dear Fall*. A violinista americana Lucia Micarelli colabora na doce *Melody*. Há ainda influências da cultura árabe e judaica em faixas como *Blue New Year* e *Kadoshin*. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 144#] GALERA RECORD

2 **VERITY**
Colleen Hoover [2 | 114#] GALERA RECORD

3 **A FILHA DOS RIOS**
Ilko Minev [4 | 4#] BUZZ

4 **O DUQUE E EU**
Julia Quinn [8 | 21#] ARQUEIRO

5 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [3 | 81#] GALERA RECORD

6 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [6 | 91#] RECORD

7 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [5 | 103#] BERTRAND BRASIL

8 **IMPERFEITOS**
Christina Lauren [9 | 24#] FARO EDITORIAL

9 **A GAROTA DO LAGO**
Charlie Donlea [0 | 173#] FARO EDITORIAL

10 **FOGO E SANGUE**
George R.R. Martin [0 | 19#] SUMA DE LETRAS

NÃO FICÇÃO

1 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [1 | 45#] VESTÍGIO

2 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [2 | 52#] VÁRIAS EDITORAS

3 **A MULHER EM MIM**
Britney Spears [0 | 4#] BUZZ

4 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [3 | 62#] VOZES

5 **O PACTO DA BRANQUITUDE**
Cida Bento [6 | 19#] COMPANHIA DAS LETRAS

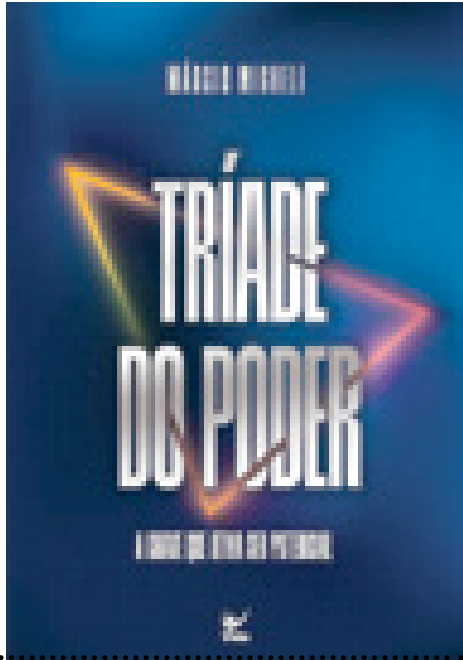
6 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [4 | 193#] ROCCO

7 **O OUVIDOR DO BRASIL**
Ruy Castro [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

8 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [5 | 80#] BEST SELLER

9 **BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES**
Vários autores [0 | 41#] CAMELOT EDITORA

10 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [0 | 47#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **TRÍADE DO PODER**
Márcio Micheli [8 | 7#] VIDA

2 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [1 | 27#] VÉLOS

3 **MENTE ABERTA, LÍNGUA SOLTA**
Marcela Miranda [0 | 1] GENTE

4 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [3 | 24#] ROCCO

5 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [2 | 40#] HARPERCOLLINS BRASIL

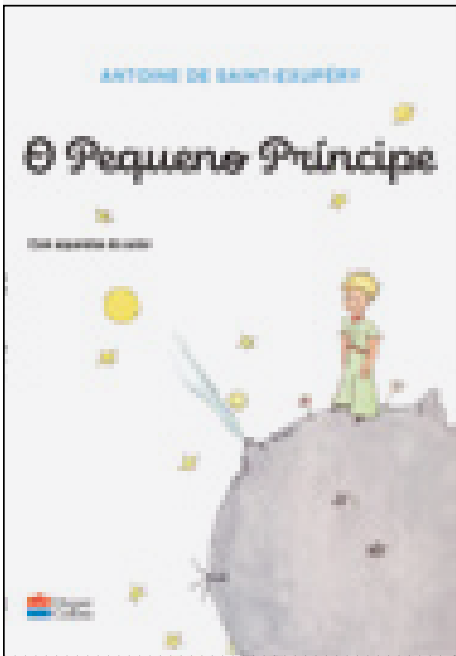
6 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [5 | 54#] ALTA BOOKS

7 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [6 | 174#] HARPERCOLLINS BRASIL

8 **AMORIZAÇÃO**
Marcelo Rossi [0 | 3#] PLANETA

9 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [10 | 124#] SEXTANTE

10 **12 REGRAS PARA A VIDA**
Jordan B. Peterson [0 | 46#] ALTA BOOKS

INFANTOJUVENIL

1. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
   Antoine de Saint-Exupéry [1 | 424#] VÁRIAS EDITORAS
2. **CORTE DE GELO E ESTRELAS (EDIÇÃO DE LUXO)**
   Sarah J. Maas [0 | 8#] GALERA RECORD
3. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
   J.K. Rowling [2 | 430#] ROCCO
4. **HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA**
   J.K. Rowling [0 | 196#] ROCCO
5. **HERDEIRO DAS TREVAS**
   C.S. Pacat [0 | 1] GALERA RECORD
6. **AS AVENTURAS DE MIKE**
   Gabriel Dearo e Manu Digilio [4 | 33#] OUTRO PLANETA
7. **EMOCIONÁRIO**
   Cristina Núñez Pereira [8 | 12#] SEXTANTE
8. **AS AVENTURAS DE MIKE 4 – A ORIGEM DE ROBSON**
   Gabriel Dearo e Manu Digilio [9 | 20#] OUTRO PLANETA
9. **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO**
   Maidy Lacerda [3 | 8#] OUTRO PLANETA
10. **DIÁRIO DE UM BANANA**
    Jeff Kinney [6 | 33#] VR

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

COLAPSO

O BRASIL mudou de rumo na guerra às drogas. Pela primeira vez, houve reconhecimento e ação institucional efetiva para conter os danos do desastre provocado pela política de combate aos usuários, que tem incentivado a lotação dos presídios, estimulado a corrupção policial e aumentado o lucro e o poder do crime organizado.

É notável que tenha acontecido pela simples lembrança da existência de uma Constituição a ser obedecida e que ela proíbe desvios institucionais como os legitimados na política nacional antidrogas, com a repressão estatal igualando usuários e traficantes.

O Supremo Tribunal Federal foi prudente ao decidir que não é crime o porte de maconha para consumo próprio. Seguiu a receita de cautela atribuída ao senador gaúcho Pinheiro Machado, influente personagem da República Velha. Ao ver multidão em protesto diante do Legislativo, no Rio, o então vice-presidente do Senado teria dito ao condutor de sua carruagem: “Siga em frente, mas nem tão devagar que pareça afronta nem tão depressa que pareça medo”.

Dezoito anos atrás, o Congresso aprovou uma legislação com medidas para prevenção do uso indevido de drogas,

entre elas a maconha, prescrevendo atenção de saúde aos usuários. Também estabeleceu normas para repressão à produção e ao tráfico ilícito. Distinguiu o uso do tráfico. Porém, deixou indefinida a fronteira entre usuário e traficante.

Governo e Congresso atravessaram quase duas décadas sem se preocupar com a própria omissão. "É necessário uma decisão sobre isso", reconheceu Lula, que sancionou a lei (nº 11.343) na quarta-feira 23 de agosto de 2006. Curiosamente, os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco, e da Câmara, Arthur Lira, demonstraram mais preocupação com a preservação do "espaço" do Legislativo do que com a necessária e sensata correção de um histórico desvio institucional, responsável por levar o sistema judicial à beira do colapso.

Nos últimos dezoito anos, quadruplicou-se o número de pessoas encarceradas (644 300 no ano passado). E produziu-se um crescimento exponencial dos gastos com a segurança pública, a Justiça criminal e com a rede de 1 400 presídios — o custo já beira 1 bilhão de dólares anuais (5,5 bilhões de reais) para os contribuintes de São Paulo e do Rio. Em cada dez presos, seis são pardos, pretos e pobres da periferia, informa o Conselho Nacional de Justiça. E 28% estão ali em regime "provisório", à espera de uma decisão judicial que pode demorar quatro anos.

O resultado é um esplendor do fracasso. A matança aumentou (47 000 homicídios em doze meses). As máfias locais cresceram, beneficiadas com mão de obra a custo ze-

“País muda de rumo na guerra às drogas para conter os danos de um desastre”

ro nas prisões, e avançam no vácuo do Estado em áreas vitais à logística de transporte até os portos atlânticos, como nas cidades à margem das nove calhas fluviais da Amazônia. Nenhum segmento da economia nacional foi mais dinâmico, na última década, do que as transnacionais verde-amarelas do crime organizado. Consolidaram posição de mercado em cinco continentes, mostra o mapa-múndi da ONU sobre o narcotráfico.

A opção estatal pela guerra às drogas com foco nos pretos, pardos e pobres tem raízes nas teorias raciais infladas no choque de interesses do ciclo final da escravidão. Os arquivos do Ministério da Saúde guardam coletâneas de estudos produzidos para justificar o controle social via criminalização do uso da maconha. O “fumo de negro” foi associado à loucura e até a uma suposta revanche dos afrodescendentes, como propagou o médico e político sergipano José Rodrigues da Costa Dória.

A ênfase na repressão militarizada, a partir dos anos 80, moldou o aparato de segurança pública. A prioridade à caça aos usuários eliminou a investigação sobre as máfias e suas finanças (a experiência da força-tarefa paulista Gaeco contra o PCC é bem-sucedida porque inverteu essa lógica). Como efeito colateral, disseminou a espionagem em órgãos sem poder legal de investigação, estimulou a politização dos quartéis e a partidarização dos policiais militares. Fabricou excessos como uma "bancada da bala" no Congresso, agora esteio parlamentar do lobby dos jogos de azar. Ao lado, como advertem juízes e pesquisadores, florescem grupos políticos vinculados ao crime organizado.

A mensagem do Supremo ao Congresso foi prudente, direta e cristalina: uso de drogas não é crime, é problema de saúde pública, passível de sanções alternativas à prisão. Manipular essa decisão para induzir um conflito institucional é apostar na aceleração da liquefação política. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA